

Homem: Sua Verdadeira Natureza e Ministerio

Sobre a Natureza

Por

Louis Claude de Saint-Martin

Discurso ao Leitor

O escritor desta obra sentiu algumas vezes, um pouco da angústia dos homens de desejo; compartilhou do desejo de felicidade para a humanidade, e irá chamar a atenção dos homens para o que acredita ser a origem de todos os seus males, e para o que deve ser o objetivo de todos, como imagens do Primeiro Princípio: ele próprio se dirige ao Homem.

Homem! Tu que te tornastes uma mera fonte de amargura, pois tua luz só brilha através da dor; Homem, mais precioso objeto de meu coração - ao lado daquela fonte soberana, que see compõe senão de amor, como prova este doce e sublime privilégio dado por ela, a mim, de te amar - eu agora te suplico, para que auxilies minha tarefa; te convido para a mais respeitável de todas as associações, cujo objetivo é mostrar as criaturas suas verdadeiras posições, que, perplexas com a grandeza de sua origem, não podem negligenciar nada para receberem seus direitos e recuperarem sua herança.

Leitor! irás prejudicar a ti mesmo se buscas aqui um divertimento ou somente algo para te entreter! Espera encontrar menos ainda relatos mentirosos para bajular-te e fomentar tuas desilusões e amor-próprio. Você já tem muitos bajuladores e cúmplices dos teus erros sem mim.

Minha parte é exercitar um ministério mais sério e verdadeiro; o mais importante Ministério do Homem. Neste momento, as famílias humanas não são como reis a quem o incenso é oferecido e que são enganados com louvor; e o homem que agora vem diante de ti, honra sua espécie e respeita muito a si mesmo, nunca agindo com hipocrisia para com seus irmãos.

Antes de prosseguir, vê se tens coragem, e se és capaz de juntar-te a mim e chorar pelas aflições da humanidade.

A felicidade que deve pertencer a nossa espécie, é vista somente como um fenômeno e um milagre. Nossas lágrimas são agora os únicos sinais de nossa fraternidade; somos próximos somente no infortúnio. Este é o elo inevitável ao qual estamos, todos nós, juntos e individualmente sujeitos, ao invés daquela paz hereditária, a qual deveríamos ter reclamado, se não tivéssemos sofrido a perda de nossa posição original.

Ai! Como poderíamos conhecer a paz? Cada alegria ou recusa humana, cada impulso humano surge na cegueira e acaba em gemidos.

Oh, Homem! lembra-te de teu julgamento por um momento. Irei, por ora, desculpar o seu não reconhecimento do sublime destino que deves cumprir no universo; mas deves, ao menos, não cerrar os olhos para sua insignificante participação neste destino, durante o pequeno intervalo entre o seu berço e o seu túmulo.

Quanto àquele sublime privilégio do poder da palavra! Pensas que tal privilégio lhe foi dado meramente para divertir seus companheiros, dia após dia, com os detalhes de suas monótonas ocupações e narrativas de sua vida animal; para atordoá-los com sua clamorosa retórica como prova do seu desvario e delírio; ou iludi-los e desencaminhá-los com as intermináveis ficções da sua fantasia?

Se uma pequena observação é o suficiente para convencê-lo do fútil e culpável uso que fazes de suas faculdades, também será o bastante para esclarecê-lo sobre os resultados obtidos. Pese todos estes resultados numa balança: não haverá um que lhe passe despercebido, ou, ao menos, que fique fora de sua perspectiva; não haverá um que não lhe proporcione inquietação, ou que o leve as lágrimas.

Que região é esta então, onde nada do que somos satisfaz suas leis, e onde não experimentamos alegria alguma e sim ilusões? Uma imperiosa satisfação, como se tal região fosse essencial, parece compor a atmosfera em que nos encontramos.

Estamos limitados a respirar incessantemente e quase que exclusivamente, este vapor de ilusão que nos rodeia, e que, após infectá-lo com nossa própria corrupção, transmitimos aos outros; mas se nos protegêssemos desta ilusão, deteríamos todas as nossas faculdades e existiríamos numa completa inação.

Nos Alpes, o caçador é às vezes apanhado repentinamente e envolvido num mar de névoa, onde não pode ver nem suas mãos nem seus pés, quando se vê obrigado a parar onde esta, já que não pode dar um passo sem perigo. O que acontece ao caçador apenas ocasionalmente, de tempo em tempo, é a situação permanente do homem aqui embaixo. Sua própria vida terrestre é o mar de névoa que encerra a luz do sol, e o leva a permanecer na dolorosa inação para evitar a fratura de seus membros, ou de ser lançado num precipício.

Como os homens julgam precipitadamente, meus escritos podem não ser bem sucedidos; não irão me perdoar por acreditar numa verdade completa, uma vez que, apontando tantas dúvidas sobre eles mesmos, concordam com, no máximo, meias verdades, para não dizer com verdade alguma afinal.

Se, no entanto, minha felicidade é fazer algo de bom, fico satisfeito em não fazer alarde. Já me considero abundantemente recompensado, e não reclamo de meus juizes; e isto vale mais do que tudo, pois se me julgassem digno de ser submetido à sua bandeira, seria obrigado a tomar partido sobre as opiniões que lhes servem de regra, e eu não poderia servir a tal estandarte por muito tempo.

Além disso, ainda que não espere os votos da maioria, minha causa não será perdida: já que poderá ser apresentada diante de um tribunal permanente e competente, cujos julgamentos não estão sujeitos as vacilações da opinião humana.

Talvez, não esteja longe o tempo em que os Europeus irão olhar com mais cuidado para aquilo que hoje tratam com distração ou desprezo. O edificio científico deles não é muito estável para resistir a algumas revoluções. Eles estão agora, começando a reconhecer, nos corpos orgânicos, o que chamam de atração eletiva, uma expressão que os levarão, apesar das dores, a não tomarem a verdade pelo seu nome correto.

A prosperidade literária da Ásia prestará seu auxílio. Quando perceberem os tesouros que a literatura Indiana começa a revelar através dos "Pesquisadores Asiáticos" da Sociedade de Calcutá; quando estudarem o Mahabarat - uma coleção de dezesseis poemas épicos, contendo cem mil estrofes sobre mitologia, religião, moral, e história dos indianos e o Upnek'hat, traduzido por Anquetel, contendo extratos dos Vedas, - irão

ficar atônitos com a similitude de opiniões entre o Oriente e o Ocidente na maioria dos temas.

Nesta mina, alguns irão buscar correspondências de linguagem nos alfabetos, inscrições e outros monumentos; outros descobrirão os fundamentos de todas as fabulosas teogonias dos Egípcios, Gregos e Romanos; por fim, outros encontrarão coincidências marcantes com os dogmas publicados durante os séculos por diferentes espiritualistas europeus que jamais serão suspeitos de terem adquirido tal espiritualidade na Índia.

Então, quando estes dogmas prevalecerem a lugares, distâncias e épocas tão remotas entre si, meus escritos, provavelmente, parecerão menos obscuros e repulsivos.

Mas, enquanto aguardamos um maior conhecimento desta prosperidade teosófica da Índia, de onde espero outras luzes, devo advertir meus semelhantes que o conhecimento não se encontra nestes livros e em livro algum que possa ser considerado além do espiritualismo especulativo; só o desenvolvimento radical de nossa essência íntima pode nos proporcionar uma espiritualidade ativa.

E sobre este fundamento indispensável surgiu a obra que agora publico, assim como aquelas que publiquei anteriormente.

Descartes prestou um serviço essencial a ciência natural introduzindo o uso da álgebra na geometria. Não sei se deveria prestar o mesmo serviço à mente humana ao aplicar o próprio homem, como tenho feito em todas as minhas obras, àquela geometria vivificante e divina que abrange todas as coisas, e da qual a verdadeira álgebra é o instrumento universal de análise que considero ser o Homem Espírito; esta seja, talvez, a satisfação que mal posso esperar, mesmo se fosse correto esperar, por ela.

A presente obra está dividida em três partes: a primeira trata da Natureza; a segunda do Homem; e a terceira do Verbo ou do poder da palavra.

INTRODUÇÃO

Uma invocação

Quando um Homem de Desejo, um homem que almeja o reino da verdade e do amor, deseja ser ouvido por seus semelhantes é obrigado a exclamar, "OH! Sagrada Verdade, o que devo dizer a eles? Eu próprio sou tua miserável vítima; o que posso fazer se não lamentar por eles?"

Tu acendestes em mim um fogo ardente, que consome todo meu ser. Um ardor pela dignidade do gênero humano; ou ainda, a imperiosa necessidade que sinto desta dignidade me domina e me devora.

Não posso evitar e nem resistir a ela, que me atormenta constantemente.

O pior de tudo, é que este ardor infeliz está reduzido a alimentar sua própria substância e devorar a si mesmo, não encontrando meios de apaziguar o desejo, tu não me permites sentir a paz das almas. Tudo isto acaba, constantemente em soluções que sufocam o som de minha voz. Contudo não permite que me alivie, mas me faz mergulhar a cada momento em novas dores tornando-me uma presa de meus gemidos.

E tu me chamas, nestas condições, para que erga minha voz aos meus semelhantes!

Além disso, como posso me fazer ouvir pelo homem da torrente?

Princípios é tudo o que tenho a lhes oferecer; terei como resposta opiniões, para não dizer desilusões, e a fascinação os tornaram cegos quanto a sua desonestidade.

Qualquer edifício que eu construa deve ser fundado em seres imperecíveis, que brilham com esplendor eterno; e a última palavra da ciência do homem o iguala à terra morta.

Eu poderia animá-los com um desejo glorioso de renovar sua aliança com a Unidade Universal, inspirando-os com um pouco de orgulho de seus direitos inatos; mas os homens estão em guerra contra a Unidade, e parecem desejar abolir suas reais existências!

Eu poderia também desejar, empregando apenas o Verbo da Vida, induzi-los a não fazerem uso sequer de uma simples palavra não vitalizada por este inexaurível poder vivificante; e eles, fechando seus ouvidos a este Verbo da Vida, e recusando seu auxílio, transformaram suas línguas em tantos instrumentos de confusão e morte!"

A Resposta

O que a Verdade responde?

"Timidez também é impureza; e na maioria das vezes se frutifica na desordem; Ela pode originar todo tipo de erro.

Tenha confiança Nele que te guia, esta confiança o tornará puro .

Não permita que o seu ardor se apague, não permita que ele lhe seja dado em vão: Quem garante que seu ser sempre se reacenderá?

As palavras do homem, não irão aliviar seus medos! Elas sofrem a falta de verdade. Quem sabe você não é capaz de fazer com que alguns de seus irmãos sintam a carência que os devora sem que o saibam?

Alguns entre eles encontram-se tão corrompidos que são capazes de dar as costas para a verdade voluntariamente; você não pode estimar o poder de um ardor puro, nutrido pela confiança.

Além disso, que pescador espera apanhar com sua linha todos os peixes da torrente? Assim que apanha alguns para seu alimento, fica satisfeito.

Em todos os eventos, olhe além desta vida, onde o Homem de Desejo deve semear suas obras.

Para a verdadeira agricultura, esta vida é uma estação de tempestade.

Esta não é a estação apropriada para antecipar sua colheita.

O trabalhador semeia para o futuro; então, no que quer que você faça, olhe para frente, para uma próspera época de colheita, pois este é o tempo em que a terra e seu proprietário irão recompensar a doçura de sua frente".

Então o Homem de Desejo, o homem que almeja o reino da verdade e do amor, resigna-se e diz:

"Sei que tu és Deus, oculto em tua própria glória; mas tu não desejas ser desconhecido; ao contrário, desejas manifestar teu poder diante de nossos olhos, nos ensinar a temer e a amar a ti.

Seja então, o Senhor de minha vontade e de minha obra! Sejas tu o Mestre daqueles que vêm aprender de minhas palavras!

Por que não és tu o Senhor de todo impulso da alma dos homens, assim como tu és, através de teus poderes, o impulso de todo movimento da Natureza, e de toda região da onde não repeliste tua mão afetuosa?"

Louis Claude de Saint Martin

O MISTÉRIO ESPIRITUAL DO HOMEM OU O Ministério do Homem Espírito

Primeira parte **Sobre a Natureza**

**Homem, não a sua natureza exterior, e sim o
verdadeiro testemunho da Divindade.**

A compreensão humana, por se aplicar tão exclusivamente as coisas exteriores, do que mesmo assim não da conta de forma satisfatória, conhece menos ainda sobre a natureza do próprio Homem; além disso, o homem atual parou de buscar o verdadeiro caráter de sua íntima essência, se tornou completamente cego para a Fonte Divina da qual descende; pois se o homem, se lembrar de seus elementos primitivos, verá que é a única verdadeira testemunha e sinal positivo pelo qual esta Fonte Universal pode ser conhecida; tal fonte deve, necessariamente, ser ocultada, quando o único espelho capaz de representá-la à nossas mentes, desaparece.

Então, quando louváveis escritores e bem intencionados defensores da verdade tentam provar que há um Deus, e derivam de Sua existência todas suas conseqüências necessárias, uma vez que facilmente consideram esta alma humana em suficiente harmonia para servir de testemunha, voltam-se para a Natureza e para a especulação tirada da ordem externa.

Assim, muitos excelentes espíritos tem feito uso dos recursos da lógica, na modernidade, colocando toda ciência externa a serviço do firme propósito de provar a existência da Divindade; ainda assim, apesar de todas estas testemunhas, o ateísmo nunca esteve tão em moda.

Deve ser com certeza, pela glória de nossa espécie, e para demonstrar a grande sabedoria da Providência que todas as evidências tiradas deste mundo sejam tão imperfeitas. Pois, se este mundo pudesse, verdadeiramente, demonstrar a Divindade, Deus estaria satisfeito com este testemunho e não teria tido nenhuma necessidade de criar o Homem. De fato, o Homem foi criado apenas porque o universo como um todo, apesar de toda a grandiosidade que se apresenta aos nossos olhos, nunca pode manifestar as riquezas da Divindade.

Um resultado bem diferente é alcançado por aqueles grandes escritores que sustentando a existência de Deus, tomam o próprio Homem como prova e base de suas demonstrações: O Homem, se não como ele é, como deveria ser. Suas evidências adquirem força, plenitude e satisfazem todas as nossas faculdades de uma só vez. A evidência extraída do Homem tem um efeito suave e parece falar a linguagem de nossa própria natureza.

As evidências extraídas do mundo exterior são frias, áridas e como uma linguagem aparte, que requer um minucioso estudo: além disso, quanto mais decisivo e resoluto este tipo de evidência for, mais humilha nossos adversários, fazendo com que nos odeie.

As evidências extraídas da natureza do Homem, ao contrário, mesmo quando obtém uma completa vitória sobre o descrente, não lhe causa humilhação, pois o faz sentir e participar de toda a dignidade que pertence à sua qualidade como Homem.

E aquele que não é convencido por esta sublime evidência poderá, no máximo, zombar dela algumas vezes; mas, em outros tempos, ele muito provavelmente, lamentaria não ser capaz de alcançar tão elevada região e certamente nunca ofenderia o que lhe estivesse sendo ofertado; isto é suficiente para demonstrar o quão cuidadosos devemos ser ao sondar as profundezas da existência do Homem, e para confirmar a sublimidade de sua essência, por meio da qual devemos demonstrar a Essência Divina, pois não há mais nada no mundo que possa fazê-lo, precisamente.

Eu repito que, para alcançar este fim, todo argumento extraído deste mundo e desta natureza é insatisfatório e instável. Consideramos coisas do mundo para chegar a um Ser fixo, em quem tudo é verdade; emprestamos ao mundo verdades abstratas e figurativas para provar um Ser que é totalmente real e positivo; extraímos algo da inteligência para provar um Ser que é a própria Inteligência; extraímos coisas do amor para demonstrar Aquele que é somente Amor; coisas circunscritas em limites para tornar conhecido Aquele que é Livre; e coisas que morrem para explicar Aquele que é Vida.

Não é para se temer que ao nos submetermos a um empreendimento como este, possamos absorver as mesmas deficiências inerentes dos meios que nos utilizamos, ao invés de demonstrar a nossos oponentes os tesouros Daquele que desejamos reverenciar?

Dois mundos, exterior e interior

Do que foi dito anteriormente, veremos surgir uma luz, que pode, a primeira vista, parecer estranho, mas não será menos real: se o homem que, em tempo, não é deste mundo, é um meio de demonstração certo e direto da Essência Divina; se as provas extraídas da ordem externa deste mundo são deficientes e incompletas; e se as hipóteses e verdades abstratas que atribuímos são extraídas da ordem metafísica e não tem existência na natureza; então é óbvio que não compreendemos, nada no mundo em que estamos, senão pela luz do mundo em que não estamos; que é muito mais fácil se ater à luz e à certeza que brilham no mundo em que não nos encontramos, do que nos acostumar com as sombras e trevas que envolvem o mundo em que estamos; em resumo, já que isto deve ser dito, estamos muito mais perto do que chamamos outro mundo do que deste.

Não será muito difícil admitir que, chamar de outro mundo o mundo em que não nos encontramos, é um abuso, e que este é o outro mundo para nós.

Pois se, duas coisas podem ser diferentes uma da outra, há entretanto, uma propriedade entre elas, tanto real como convencionalmente, o que faz a segunda ser considerada a outra em relação à primeira e não a primeira como a outra em relação à segunda; pois aquela que é a primeira é a número um, não podendo apresentar diferença, uma vez que não tem ponto de comparação anterior a ela mesma, enquanto que a segunda encontra aquele ponto de comparação antes de si.

Ocorre o mesmo caso com os dois mundos em questão; deixo para o leitor a oportunidade de comparar as luzes e certezas que encontramos na ordem metafísica, ou no que chamamos de outro mundo, com as obscuridades, estimativas e incertezas que encontramos naquele em que habitamos; e deixo também ao leitor que julgue se o mundo em que não estamos tem ou não algum direito de prioridade sobre aquele em que nos encontramos, devido ao aperfeiçoamento e ciência que aquele nos proporciona, e a antiga superioridade que parece ter em relação a este mundo de um dia, no qual estamos aprisionado.

Ninguém além dos escravos da ignorância e de julgamento precipitado poderia pensar em considerar a mente como descendente da matéria, e consequentemente, o chamado outro mundo descender deste; ao contrário, este é que parece derivar e seguir ao primeiro.

Assim, se o mundo em que não nos encontramos, aquele chamado de outro mundo, tem prioridades sobre este, em todos os aspectos, este mundo em que vivemos é, verdadeiramente, o outro mundo, uma vez que possui um termo de comparação anterior a si, do qual é a diferença; e o que chamamos de outro mundo, sendo o número um, ou o primeiro, leva consigo todas as suas relações e pode ser exclusivamente um modelo, e não um outro mundo.

Isto evidencia também o quanto o Homem Espírito deve estar fora de sua linha de descendência, aprisionado nestes elementos materiais, e que estes elementos ou este mundo está muito longe de ser suficiente para demonstrar a Divindade: além do mais, no sentido exato da palavra, nós nunca saímos do outro mundo, ou do Mundo Espírito, como acreditam algumas pessoas nesta existência. Não podemos duvidar desta verdade,

uma vez que, para dar valor as provas que extraímos da matéria, ou deste mundo, somos obrigados a lhe emprestar as qualidades da mente, ou o outro mundo. A justificativa é que todas as coisas dependem do Espírito, todas as coisas se correspondem com o Espírito, como veremos em seguida.

Assim, a única diferença entre os homens, é que alguns estão no outro mundo de forma consciente e outros de forma inconsciente. Sobre este tópico há a seguinte progressão:

Deus está no outro mundo, conscientemente, e Ele não pode senão acreditar e conhecê-lo, pois sendo o próprio Espírito Universal, é impossível que para Ele possa haver qualquer separação entre aquele outro mundo e Ele mesmo.

Os espíritos puros bem sentem que estão no outro mundo, sentem perpetuamente, sem interrupção, pois vivem unicamente pela vida daquele mundo; por outro lado, sentem que são apenas os habitantes desta outra vida, e que uma outra é a proprietária deles.

O homem, embora no mundo terrestre, está ainda no outro mundo, no qual é todas as coisas; mas, às vezes ele sente suas doces influências e às vezes não; freqüentemente ele recebe e segue somente o impulso deste confuso mundo de trevas, que é como uma coagulação no meio daquele outro mundo, e deste ponto de vista, uma chaga, um tumor, uma úlcera. É por isso que tão poucos homens acreditam no outro mundo.

Finalmente os espíritos perdidos, cuja existência o homem reflexivo pode demonstrar a si mesmo, sem nenhuma dúvida, pela simples luz de sua compreensão, sem a ajuda da tradição, apenas por uma rápida investigação daquelas fontes do bem e do mal que se combatem dentro dele e perturbam sua inteligência; estes espíritos perdidos, eu afirmo que também estão naquele outro mundo e acreditam nele.

Entretanto, eles não só não sentem suas doces influências, como também não gozam do repouso e da paz que até mesmo este mundo aparente proporciona ao homem, só conhecem o outro mundo pelo sofrimento sem fim que a sarcástica fonte aberta por eles causam a eles próprios. Se o homem, através da negligência, permitir que desfrutem de um momento de folga, será apenas temporário e eles terão sempre que restituir, cem vezes mais, suas posses adquiridas desonestamente.

Que idéia, então, deveríamos formar desta natureza, ou deste universo, que nos torna tão cegos para aquele outro mundo, aquele mundo espiritual, seja ele bom ou mau, do qual nunca estamos fora? A resposta é breve.

Sem o mundo espiritual; mau, a natureza seria uma eterna regularidade e perfeição; sem o mundo espiritual bom, a natureza seria uma eternidade de abominações e desordem. É o Supremo Amor ou Sabedoria que, amenizando a falsa eternidade, introduziu ali, um raio da verdadeira eternidade. A mistura destas duas eternidades, compõem o tempo, que não é nem uma nem a outra, ainda que ofereça sucessivamente uma imagem de ambas, no bem e no mal, dia e noite, vida e morte, etc.

O Amor Supremo poderia empregar nesta obra, poderes que descendem unicamente da verdadeira eternidade e assim, por um lado tudo no tempo é medido, e por outro lado, o tempo propriamente dito, tanto geral como particular, se escoa necessariamente.

Mas, como a verdadeira eternidade, como foi dito, tem que sair de si mesma para conter a falsa, e a falsa eternidade, ao contrário, foi forçada a se retrair; esta é a razão pela qual

consideramos tão difícil distinguir, no tempo, estas duas eternidades; heis o porque é tão difícil provar Deus pela natureza, onde tudo está fragmentado e misturado e onde as duas eternidades se apresentam somente sob o véu externo da matéria corruptível.

O Homem se agarra no mundo exterior

No estado de apatia em que o homem se encontra mergulhado, através de suas ilusões diárias, e estudando somente a ordem externa da natureza, ele não vê nem a fonte de sua ordem aparente e nem aquela de sua desordem; o homem se identifica com este Universo externo; ele não pode deixar de considerar tal universo como um mundo exclusivo e de existência própria. E neste estado de coisas, a idéia que tem maior dificuldade de acesso ao homem, é aquela da degeneração de nossa espécie e a de queda da própria natureza; O homem, perdeu os direitos que deveria ter sobre a natureza ao deixar de usá-los e acabou confundindo esta natureza obscura e cega com ele mesmo e com a sua própria essência.

Se o homem pudesse, por um momento, ter uma visão mais correta e mais benéfica da ordem externa, uma simples observação seria o suficiente para mostrar-lhe, de uma vez, a real degradação de sua espécie, a dignidade de seu ser e sua superioridade sobre esta ordem externa.

Como pode o homem negar a degeneração de sua espécie, enquanto vê que não pode viver, pensar, agir, existir senão combatendo uma resistência? Nosso sangue tem que se defender da resistência dos elementos; nossa mente, das dúvidas e da obscuridade da ignorância; nosso coração, das falsas inclinações; o nosso corpo como um todo, da inércia; nosso estado social, da desordem, etc.

Uma resistência é um obstáculo; um obstáculo, na ordem do espírito, é uma antipatia e uma inimizade; uma inimizade em ação é um hostil poder combatente; este poder, estendendo suas forças continuamente à nossa volta, nos coloca numa situação violenta e dolorosa, na qual não devemos estar e sem a qual tal poder nos seria desconhecido, como se não existisse, uma vez que interiormente sentiríamos que fomos feitos para a paz e tranqüilidade.

Não! O Homem não está em sua harmonia adequada; ele, evidentemente, sofreu uma mudança para pior, não digo isto por encontrar nos livros, e nem por ser uma idéia geralmente admitida pelas pessoas.

Falo porque durante sua passageira existência na terra, parece estar no meio de seus semelhantes, assim como um leão voraz entre as ovelhas, ou como uma ovelha entre vorazes leões; isto porque entre este vasto número de homens, há dificilmente um que desperte para alguma coisa que não seja vítima ou executor de seu irmão.

O Homem tem posição mais elevada que a Natureza

Apesar de tudo, o Homem é um grande ser; se não o fosse, como poderia ter sido degenerado? Mas, independentemente desta prova da anterior dignidade de nosso ser, a

reflexão seguinte, deve nos convencer de nossa superioridade em relação a Natureza, até mesmo agora.

A Natureza Astral terrestre executa as leis da criação e só chegou a existir pela virtude destas leis.

O reino mineral e vegetal tem em si o efeito destas leis, pois contém todas as propriedades elementares, astrais e outras propriedades essenciais; e isto acontece com mais eficácia e num maior desenvolvimento do que nas próprias estrelas, que contém apenas a metade destas propriedades, ou do que na terra que contém a outra metade.

O reino animal tem o uso destas leis da criação, uma vez que os animais tem que alimentar, manter e reproduzir a si mesmos; eles contém todos os princípios necessários para isto. Mas o Homem Espírito tem, de uma só vez, o efeito, o uso, e a livre direção ou manipulação destas leis. Irei fornecer apenas um exemplo bastante familiar sobre isto, mas através de seu significado, a mente pode elevar-se.

O exemplo é: Primeiro; um campo de milho, que contém em si o efeito destas leis da Natureza; Segundo, um animal carnívoro, fazendo uso deste milho, podendo comê-lo; Terceiro um padeiro que tem o controle e a manipulação do milho, podendo fazer pão com ele; isto mostra, ainda que de uma forma bastante material, que os poderes da Natureza são possuídos de forma partilhada pelas criaturas que a constituem; mas, que somente o Homem Espírito, em si mesmo, pode abarcar todas elas.

Quanto aqueles direitos materiais que o homem possui, que mencionamos acima, nas manipulações do padeiro, se elevarmos nosso pensamento a verdadeira região do Homem, encontraremos, sem dúvida alguma, estes direitos provados de forma mais virtual e em grande escala, através da investigação das maravilhosas propriedades que constituem o Homem Espírito, e explorando a alta ordem de manipulações a que levam estas propriedades.

Se o Homem tem o poder de ser o artífice e o artesão das produções terrestres, por que não poderia ser o mesmo em uma ordem superior? Ele deve ser capaz de comparar todas as produções divinas com suas Fontes, já que tem o poder de comparar os efeitos da natureza com as causas que a forma e guia, só o homem tem este privilégio.

Somente a experiência pode dar uma idéia deste sublime direito ou privilégio; mesmo assim, esta idéia sempre parecerá nova, mesmo para aquele acostumado a ela.

Meu Deus! O Homem conhece seus direitos espirituais, mas não desfruta deles! Que necessidade há de alguma outra prova de sua privação, além de sua degeneração?

O Homem pode recuperar suas posições

OH! Homem! Abra, então, seus olhos por um instante; pois com seu julgamento apressado, não só, nunca recuperará seus direitos, como também corre o risco de aniquilá-los. É preciso aprender uma lição de ordem física: os animais tem alma coletiva; e fica claro que, embora não sejam máquinas, eles não possuem espírito. Por esta razão, os animais não tem nenhuma aliança a ser estabelecida entre eles e seu princípio, como nós temos; mas, observando a regularidade de seu ritmo, não se pode

negar, para a vergonha do homem, que de uma forma geral; devemos reconhecer, de que estas criaturas não dotadas de liberdade, manifestam uma aliança mais completa e constante com o seu princípio, do que podemos formar em nós mesmos. Podemos até mesmo ir mais longe, dizendo que todas as criaturas, exceto o homem, se manifestam como almas coletivas, das quais Deus é a mente ou o espírito.

De fato, o mundo, ou o homem perdido, poderia ser só espírito, mas ele pensa que pode agir sem a sua verdadeira alma, sua sagrada e divina alma, na verdade, não pode mais do que ressaltar sua alma animal e sua vaidade. Em Deus, há também uma alma e um espírito sagrado, já que somos sua imagem; contudo eles são um, assim como todos os poderes e faculdades do ser supremo.

Por um lado, temos o privilégio de formar, tal qual aquele que é o Todo-Sábio, uma indissolúvel e eterna aliança entre nossas espíritos e nossas almas sagradas, unindo-as no princípio que as formam; somente a partir desta condição indispensável, é que podemos ter esperança de sermos novamente a imagem de Deus; ao nos empenharmos nisso, temos a confirmação do doloroso fato de nossa degeneração e, ao mesmo tempo, de nossa superioridade em relação à ordem externa.

Sentimento de imortalidade

Pelo esforço de nos tornarmos novamente a imagem de Deus, obtemos a inestimável vantagem de não só por um fim em nossa privação e degeneração, mas de avançar em relação ao que os homens, ávidos por glória, chamam de imortalidade, e realmente desfrutar dela; pois, o vago desejo que os homens da torrente possuem, de viver nos espíritos de outros, é o mais fraco e falso de todos os argumentos geralmente usados em favor da dignidade da alma humana.

De fato, embora o Homem seja espírito e em todas as suas ações, regulares ou não, tenha sempre algum tipo de motivo espiritual; e embora, ele só possa atuar pelo e para o espírito, no que quer que emane dele, este desejo de imortalidade não passa de um impulso de seu amor-próprio, um sentimento da atual superioridade sobre os outros e uma antecipação da admiração dos homens prometida a si mesmo, e que o anima; quando o homem não vê uma maneira de efetuar este quadro, seu ardor esfria, e as obras que dependem deste ardor são conseqüentemente afetadas.

Podemos afirmar que esta inclinação procede mais de um desejo de imortalidade, do que de uma real convicção sobre ela; a prova é que aqueles que se deliciam da imortalidade, são aqueles que para realizá-la, não tendo nada a oferecer senão obras temporais, mostram que a região em que se orientam está dentro do limite do tempo: pois a árvore é conhecida através de seu fruto.

Se os homens estivessem realmente convencidos desta imortalidade, dariam prova desta convicção tentando trabalhar em Deus e para o verdadeiro Deus, esquecendo deles próprios; então, suas esperanças de uma vida imortal, não seriam desapontadas, porque plantariam sua semente num campo em que teriam a certeza de reencontrá-la algum dia; enquanto que, trabalhando somente no tempo e plantando somente na mente dos homens, para serem rapidamente esquecidos por alguns, e nunca ouvidos por outros, é a maneira mais inadequada e desvantajosa de se trabalhar na edificação da imortalidade.

Se refletíssemos um pouco, encontraríamos bem a mão, provas decisivas de nossa imortalidade. Considerando somente a privação habitual e constante na qual o homem deixa seu espírito, - e seu espírito não está destruído. Ele se excita, se engana, dedica-se ao erro, torna-se ruim e fraco - faz o mal enquanto poderia fazer o bem; contudo, no exato sentido da palavra, ele não morre.

Se tratássemos de nossos corpos com a mesma negligência e descuido, se os deixássemos, da mesma forma, em jejum, famintos, eles não fariam nem o bem, nem o mal, eles simplesmente morreriam.

Outra indicação de nossa imortalidade, pode ser verificada no fato de que, em todos os aspectos, o homem aqui embaixo, caminha durante todo o dia ao lado de seu túmulo, e só pode ser por alguma espécie de sentimento de imortalidade, que ele tenta mostrar a si mesmo que é superior a este perigo.

Isto vale para os soldados, que podem morrer a qualquer momento. Vale para o homem corpóreo, que pode ser tirado deste mundo a qualquer instante, a única diferença é que o soldado não é, necessariamente, vítima do perigo que o ameaça, enquanto que os homens naturais deverão tombar, todos, sem possibilidades de exceções.

Entretanto, em ambos, observamos a mesma tranquilidade, para não dizer desatenção, que faz o guerreiro e o homem da natureza viver como se não existisse nenhum perigo para eles; tal descuido é a própria indicação de que são tomados pela idéia da imortalidade, já que ambos caminham nas extremidades de seus túmulos.

No que diz respeito a questões espirituais, o perigo do homem é ainda maior, e o seu descuido ainda mais extraordinário: o Homem Espírito anda constantemente ao lado de seu túmulo, sendo quase sempre tragado pela fonte imortal onde tudo jaze, além do mais, não poderíamos questionar: há muitos entre nós que não caminham dentro de seus túmulos? E o homem está tão cego que nem se esforça para sair, e nem se interessa em saber se algum dia sairá.

Quando ele é afortunado o bastante para perceber, mesmo que por um único momento, que está caminhando neste túmulo, tem então uma irresistível prova espiritual de sua imortalidade, uma vez que tem a prova de sua terrível mortalidade, e o mesmo que chamamos, figurativamente, de morte. Agora, como pode sentir horror desta mortalidade espiritual, se não tiver, ao mesmo tempo, um forte sentimento de sua imortalidade?

É somente neste contraste que o homem descobre que é punido; isto porque a dor física é sentida pela oposição entre doença e saúde. Mas este tipo de prova só pode ser adquirida pela experiência, é um dos primeiros frutos da regeneração; pois se não sentirmos nossa morte espiritual, como podemos pensar em rogar pela vida?

O pai das mentiras

Aqui, mais uma vez, também aprendemos que deve existir um outro e ainda mais infeliz ser, o príncipe da falsidade, uma vez que, sem ele, não poderíamos ter tido a idéia dele; veja que todas as coisas só podem se revelar por si próprias, como mostramos no "O Espírito das Coisas".

Este ser não só anda continuamente em seu túmulo, como também nunca percebe esta condição e não poderia perceber sem a ajuda de um raio de luz; quando nos aproximamos deste túmulo, percebe-mos que ele está em contínua dissolução e corrupção, isto é, ele está na perpétua prova e sentimento de sua morte; ele nunca concebe a menor esperança de ser dela libertado e assim seu grande tormento é o sentimento de sua imortalidade.

A primitiva dignidade do Homem, sua degradação e sua alta ocupação, mostradas nas publicações prévias do escritor

Meus outros escritos estabelecem suficientemente a dignidade de nosso ser, apesar de nossa miserável condição nesta região de trevas.

Mostram, muito bem, como distinguir o ilustre prisioneiro, homem, da natureza, que embora seja sua preservadora,  também sua prisão.

Indicam, claramente, a diferença entre os poderes, mutuamente exercidos um no outro pelas ordens física e moral, sendo que a primeira tem sobre a segunda somente um poder passivo, obstruindo-a, ou deixando-a por conta própria; enquanto que a moral tem um poder ativo em relação a ordem física, aquele de criar nesta, apesar de nossa degradação, diversos dotes e talentos, os quais nunca teria a partir de sua própria natureza.

Embora nunca alimente a ilusão de ter convencido muitos de meus semelhantes, devido ao nosso lamentável estado de degeneração, uma vez que tomei a mim o encargo de defender a natureza humana, tenho tentado constantemente convencê-los em meus escritos; Acredito que minha tarefa está cumprida neste sentido, embora este possa não ser o caso daqueles que me leram.

Aqueles escritos mostram bem, como o Todo-Sábio, de quem o Homem descende, multiplicou os meios pelos quais este poderá ressurgir em seu estado primitivo; e após colocar estes fundamentos na essência do ser para permanecer intocáveis e serem, a qualquer momento, verificados por meio da observação, revelam ao homem o universo terrestre e celeste inteiro, todos os tipos de ciência, as línguas e mitologia de todas as nações, assim como tantos sedimentos que poderão ser checados, como lhe aprouver, nos quais irá encontrar autnticas evidências de todas estas verdades fundamentais.

As obras recomendam, em particular, uma precaução indispensável, aliás universalmente negligenciada, a de que todos os livros tradicionais, qualquer um, seja considerado apenas como acessório, posterior aquelas importantes verdades que repousam na natureza das coisas, e na natureza que constitui o Homem.

Recomendam, essencialmente, que os homens, logo de início, se assegurem firmemente destas fundamentais e invencíveis verdades, não omitindo, mais tarde, haver extraído dos livros e tradições tudo o que d suporte a elas; não permitindo tornarem-se tão cegos a ponto de confundir depoimentos com fatos; e preciso saber que existem primeiramente os fatos, depois é que ocorrem os depoimentos das testemunhas; pois quando não há fatos concretos, as testemunhas não podem ter a pretensão de adquirir nossa confiança, e não servem para nada.

Não tenho que demonstrar, agora, a terrível transmigração do homem; como disse anteriormente, um único lamento da alma humana é mais decisivo, a estas alturas, do que todas as doutrinas derivadas das coisas externas, e do que todo o gaguejar e o clamor da filosofia das aparências.

Os sacerdotes hindus podem abafar o pranto da viúva a quem queimam em suas piras funerárias; suas canções fanáticas e o ruído tumultuoso de seus instrumentos nem ao menos lhe oferece uma prece, para as mais terríveis torturas; suas imposturas e seus gritos atrozes não irão fazê-la esquecer suas dores.

Não! somente aqueles que se tornam matéria, acreditam que são como deveriam ser. Depois deste primeiro erro, o seguinte aparece como uma consequência necessária; pois a matéria, de fato não conhece a degeneração; em qualquer condição que possa estar, ainda não tem outra característica senão a inércia; isto é o que a matéria deve ser; ela não produz comparações: não há ordem e nem desordem em si.

O mesmo ocorre ao homem que se torna matéria, ele não percebe os combatentes e repulsivos contrastes do seu estado de existência.

A natureza não é matéria

A natureza é algo mais que a matéria; é a vida da matéria; ela possui um instinto e uma sensibilidade diferente da matéria; ela percebe sua deteriorização, verga-se sob sua escravidão.

Assim, se o homem perdido tentasse, ao menos tornar-se natureza, não teria dúvidas sobre sua degeneração; mas ele se torna matéria: e a única tocha que deixa para o guiar é a insensibilidade cega e a ignorância obscura da matéria.

Uma idade de ouro

Apesar de tudo, a razão pela qual aquelas entusiasmadas descrições sobre uma idade de ouro, que encontramos na poesia e na mitologia, ainda soarem como lenda, é que parecem representar alegrias que haviam sido formalmente nossas, o que não é o caso; elas representam somente nosso direito a tais alegrias, que até mesmo agora poderíamos recordar, se pudéssemos tirar proveito das fontes inerentes à nossa essência. Eu próprio, quando falo tão freqüentemente sobre o crime do homem, quero dizer o homem como um todo ou o homem genérico, de quem o gênero humano descendeu.

O pecado original

Como foi demonstrado no nosso livro "Le Tableau Natural", lamentamos nossa triste situação aqui embaixo, mas não temos remorso quanto ao Pecado original, porque não somos culpados; estamos sob privação, mas não punidos como são os culpados. Assim, filhos de um distinto criminoso, alguns notáveis na terra, nascidos após o crime de seu pai, podem ser privados de suas riquezas e privilégios temporais, mas não são punidos pessoalmente, como ele é, podendo até mesmo esperar que, através da boa conduta, algum dia recupere o favoritismo e seja instalado na glória de seu pai.

Tenho mostrado em minhas obras que a alma humana é mais sensível que a natureza que, de fato, é apenas sensitiva. Heis o motivo pelo qual afirmei que a alma humana, quando restaurada à sua dignidade sublime, é a verdadeira testemunha do Agente Supremo, e aqueles que só podem provar Deus pelo universo, baseiam-se em uma evidência precária, pois o universo está sob servidão, e escravos não são admitidos como testemunhas.

Casamento

Já deixei bem claro, que o pensamento do homem vive e se alimenta somente pela admiração, e seu coração somente pelo amor e pela adoração. Agora, acrescento que estes privilégios sagrados, estando divididos na humanidade, entre o homem, mais inclinado a admirar, e a mulher, mais disposta a amar e adorar; tanto o homem quanto a mulher, são portanto, perfeitos em sua santa relação, que fornece à inteligência do homem, o amor de que é deficiente, e coroa o amor da mulher com os raios luminosos da inteligência que ela deseja; ambos são, desta forma, trazidos de volta para a inefável lei da Unidade.

Diga-se de passagem, que isto explica porque o casamento, em todos os lugares, exceto entre os depravados, possui um caráter respeitável; e porque este vínculo, apesar de nossa degeneração, é a base de todas as associações políticas, de todas as leis morais, tema de tantos grandes e pequenos eventos no mundo, e tema de quase todas as obras de literatura, epopéia, drama ou romance; finalmente, é o motivo pelo qual o respeito em que este vínculo se apoia, mesmo com os ataques que sofre, tornar-se, em todos os aspectos civis e religiosos, fonte de harmonia ou discórdia, uma bênção ou uma maldição; o casamento do homem parece unir o céu, a terra e o inferno; pois, tais resultados extremos seriam, de fato, surpreendente, se esta união conjugal não tivesse desde o início e devido sua importância, o poder de determinar a felicidade ou a miséria de todos os envolvidos e de tudo o que se relaciona ao homem. O pecado tornou o casamento sujeito a conseqüências muito tristes, que consistem no fato de que, tudo tendo fracassado espiritualmente, tanto para o homem quanto para a mulher, seus espíritos estão obrigados a deixá-los, caso atingissem mutuamente aquela santa união a qual sua aliança os conclamam. Não há nada que eles não devam um ao outro, neste relacionamento, em matéria de encorajamento e de exemplo, pois através deste instrumento, a mulher pode retornar para dentro do homem de onde veio e o homem pode favorecer a mulher com a força da qual ela esta separada, e recuperar para si mesmo, esta porção do amor que permitiu que o deixasse. Oh! se a humanidade soubesse o que o casamento realmente significa, como poderia desejá-lo intensamente e temê-lo ao mesmo tempo! pois é possível para um homem tornar-se novamente divino através do casamento ou através dele, cair na perdição. De fato, se o casal ao menos orasse, ele reconquistaria a posse do jardim do Éden; se eles não orarem, não vejo como poderão se sustentar, tamanha é a nossa corrupção e infeção, tanto física como moral. Pior ainda se além de tudo, acrescentarem à sua própria enfermidade física e moral, a atmosfera corrosiva do mundo frívolo, o qual retém todas as coisas no exterior, por não poder viver em si ou por si.

Como já havia demonstrado anteriormente, só nós é que desfrutamos do privilégio do amor e da admiração na terra, e é nisto que o casamento deve se sustentar; esta reflexão é o suficiente para demonstrar tanto a nossa superioridade sobre todas as coisas da natureza, como a necessidade de uma permanente fonte de admiração e adoração, pela

qual nossa necessidade de amar e admirar possa ser manifestada; isto também demonstra nossas relações e a fundamental analogia com esta fonte, através da qual podemos discernir e sentir o que há no casamento, que atrai nossa admiração e homenagem.

O homem é o livro de Deus

Já expressei minha opinião com relação aos livros, ao dizer que, o homem é o único livro escrito pela própria mão de Deus, e que todos os outros livros que chegam até nós são determinados ou autorizados por Ele; quaisquer outros livros, não podem ser senão desenvolvimentos ou comentários deste texto primitivo, deste livro original; e assim nossa principal tarefa, e uma de nossas necessidades fundamentais, é ler no Homem, que é o livro escrito pela própria mão de Deus.

As tradições ou escritos sagrados

Sobre as tradições sagradas, tenho dito que todas as coisas devem efetuar sua própria revelação; desta forma, ao invés de provar a religião apenas pelas tradições, escritas ou não, que é a tendência natural de todos os mestres, temos o direito de extrair diretamente das profundezas que há dentro de nós, evidências de que, por mais maravilhosas que sejam tais tradições, não deixam de ser, necessariamente, posteriores ao Pensamento; é preciso começar através do Homem Espírito e do pensamento, antes de passar para os eventos, especialmente aqueles puramente tradicionais; só assim, podemos fazer germinar ou manifestar, tanto o bálsamo que cura, do qual todos nós sentimos tanta necessidade, como a religião propriamente dita, que não deve ser nada além de um método ou preparação deste poderoso medicamento, e nunca um substituto para ele, como tem sido, tão freqüentemente, ao passar pelas mãos dos homens.

Esta é a única maneira segura de obter uma evidência natural, efetiva e realmente positiva, e é somente nesta evidência que nossa compreensão pode confiar.

Assim, posso ser perdoado por retornar a estes princípios fundamentais; tanto mais que, se observarmos de forma atenta a mente dos homens, precisamos admitir que devemos nos preocupar menos com aqueles que se encontram endurecidos e mais com o resgate de algumas de suas preces; especialmente se refletirmos sobre o quanto é pequeno o mundo daqueles que estão enrijecidos em comparação com aqueles que ainda são capazes de recuperar suas visões; pois é surpreendente que aqueles que falam contra a Verdade, equívalem a quase ninguém, se comparados com aqueles que a defendem, ainda que isto seja difícil; são menos ainda, quando comparados com aqueles que acreditam na Verdade, muito embora não a conheçam, que é o caso da maioria.

Jacob Boehme

Além do mais, um autor alemão, de quem os dois primeiros livros eu traduzi, "A Aurora Nascente", e "Os Três Princípios da Essência Divina", irá suprir todas as minhas deficiências. Jacob Boehme, que viveu há dois séculos, e que foi considerado à frente de seu tempo, como o príncipe dos filósofos divinos, deixou numerosos escritos, que consistem em cerca de trinta diferentes tratados, a maioria tendo a sua extraordinária e surpreendente origem, em nossa natureza primitiva que é a fonte do mal, a essência e leis do universo, a origem da opressão, o que ele chama de os sete maquinismos ou

poderes da natureza; é a origem da água (confirmada pela química, que diz ser uma massa aquecida), a origem do crime dos anjos das trevas, a origem do homem, do método adotado pelo Amor Eterno, para a restituição da humanidade em seus direitos; etc.

Acredito que presto um serviço ao leitor, ao aconselhá-lo a se familiarizar com este autor; recomendando, sobretudo, a se armar de paciência e coragem, a fim de que não seja repellido pela forma incomum de suas obras, pela natureza extremamente abstrata dos assuntos tratados e pela dificuldade que o autor (como ele mesmo confessa) teve em expressar suas idéias, pelo fato de, a maioria dos assuntos em questão, não ter denominações análogas em nossas línguas comuns.

O leitor irá descobrir, nestas obras, que a natureza física elementar é somente um resíduo, uma corrupção (alteração) de uma natureza anterior, chamada pelo autor de Natureza Eterna; esta atual natureza é constituída formalmente, em toda sua circunscrição, pelo trono e domínio de um dos príncipes angélicos, chamado Lucifer; este príncipe, desejando reinar somente pelo poder do fogo e da ira, colocou o reino (regne) da Luz e do Amor divino de lado, ao invés de ser, exclusivamente guiado por ele, inflamando assim toda a circunscrição de seu império; o leitor descobrirá que a Sabedoria Divina opôs a esta conflagração um poder ameno e refrescante, que contém aquele outro poder sem extingui-lo, fazendo a mistura do bem e do mal que é agora visível na natureza; o Homem, formado ao mesmo tempo, do princípio do Fogo, do princípio da Luz e do princípio Quintessencial da Natureza elementar física, foi colocado neste mundo para conter o rei culpado e destronado; este Homem, apesar de conter em si o princípio Quintessencial da natureza elementar, deveria mantê-la como ela era, absorvida no elemento puro que então constituiu sua forma corporal; mas por se permitir atrair mais pelo princípio temporal da Natureza do que pelos outros dois princípios, o homem foi dominado por ele, a ponto de cair adormecido, assim como expressou Moisés; tão logo se encontrou subjogado pela região material deste mundo, deixou seu elemento puro ser tragado e absorvido na forma densa que nos envolve atualmente; assim, ele se tornou sujeito e vítima de seu inimigo; o Amor Divino, que contempla-se eternamente no Espelho de sua Sabedoria, o que Boehme chama de SOPHIA, concebeu neste espelho, onde todas as formas estão contidas, o modelo e a forma espiritual do homem; Deus se revestiu com esta forma espiritual e posteriormente, até mesmo com a forma elementar, pois assim poderia apresentar ao homem a imagem daquilo que ele tinha se tornado, e o modelo daquilo que deveria ter sido; o atual objetivo do homem na terra é recuperar, física e moralmente, a semelhança com o seu primeiro modelo; o maior obstáculo com o qual ele se depara aqui, é o poder elementar astral que engendra e constitui o mundo, elemento do qual o Homem não foi feito; a atual procriação do homem é uma testemunha verbal desta verdade, pelas dores que a mulher grávida experimenta em todos os seus membros, uma vez que seu fruto é formado neles e atrai aquelas densas substâncias astrais; as duas tinturas, ígnea e aquosa, que devem estar unidas no Homem, identificando-os com a Sabedoria ou SOPHIA, (mas atualmente elas estão divididas), buscam, uma a outra, ardentemente, esperando encontrar-se uma na outra, aquela SOPHIA que tanto necessitam; mas elas só dão de encontro com o astral, que as oprimem e as impedem; somos livres para restituir, através de nossos esforços, ao nosso ser espiritual, àquela primeira imagem divina, assim como temos permitido que tome as imagens inferiores, desordenadamente; estas diversas imagens irão constituir nosso modelo de ser, nossa glória ou nossa vergonha, num estado futuro.

Tudo isto, e muito mais, se encontra nas obras de Jacob Boehme.

Advertência ao Leitor

Leitor, se resolver, corajosamente, se deixar atrair pelas origens das obras deste autor, decidido a aprender pela ordem humana, como aqueles que são alienados, certamente não precisará de mim. Mas se, apesar de tudo, não penetrares em todas as profundezas que ele apresentar à sua mente, significa que não estás firmemente estabelecido naqueles pontos principais que acabo de repassar a seus olhos; se você ainda duvida da natureza sublime de teu ser, apesar das provas decisivas que poderá, com a mais simples observação, encontrar em si; se, da mesma forma, não estiver convencido de sua degeneração, escrita em letras de ferro nas inquietudes de seu coração, ou no tenebroso delírio de seus pensamentos; se não sentir que a tua absolutamente exclusiva obra é concentrar todo o seu tempo no restabelecimento de seu ser no desfrutar ativo daqueles antigos domínios da Verdade, que deve ser seu por direito de herança, não vá mais longe. O objetivo de meus escritos não é estabelecer novamente estes fundamentos; eles já foram solidamente demonstrados.

Suponho que todos estes fundamentos já sejam admitidos, sem precisar prová-los. Em outras palavras, este não é um livro elementar: Já cumpri o meu dever com relação a isto. Esta obra pressupõe todas as noções que já forneci, e irá servir somente para sustentá-las ou, ao menos, não contrariá-las de forma alguma.

Devo dedicar-me essencialmente a contemplação dos sublimes direitos outorgados originalmente a nós pelo Deus Supremo e a lamentar, com meus semelhantes, a deplorável condição na qual eles agora padecem, em comparação com aquela a que estão destinados, por natureza. Irei, ao mesmo tempo, mostrar os consolos que ainda estão a seu alcance e, acima de tudo, a esperança que ainda deve manter de se tornar o servo do Senhor, como pretendia originalmente; e esta parte de minha obra não será aquela que me atrai menos, tamanho é o meu desejo de que, em meio aos males que estão engolindo os homens, estes ao invés de perderem a coragem e se entregarem ao desespero, busquem firmemente não só resistir mas subjugar-los, tornando-se tão próximos da Vida, que a Morte se envergonhará de ter pensado em fazer destes homens sua vítima. Eu diria que desejo ardentemente que os homens realizem em espírito e em verdade os objetivos pelos quais receberam seu ser.

Como avaliar os livros

Que todos aqueles que lerem este livro, inclusive aqueles inclinados a escrever, aprendam a dar o real valor tanto aos seus próprios livros como aos de seus semelhantes. Todas estas produções são ilustrações, que para terem valor, pressupõe originais reais, cujo traços nos são apresentados pelo autor, além de fatos positivos dos quais possam transmitir um relatório confiável.

Sim! os anais da Verdade não devem ser nada mais do que compilações de suas próprias maravilhas e luzes esplêndidas; e aquele que tem a felicidade de ter sido chamado para ser seu verdadeiro ministro, nunca deve escrever, até que tenha atuado virtualmente sob suas ordens, e somente nos contar sobre as maravilhas que eventualmente escreva, em nome da Verdade.

Em todos os tempos, este tem sido o caminho dos ministros, em espírito e em verdade, das coisas de Deus. Nunca escreveram antes de estarem forjados. Este também deve ser o curso do homem, uma vez que está especialmente destinado para a administração das coisas de Deus.

O que são aquelas enormes pilhas de livros, resultado da fantasia e imaginação humana, que não só não esperam por obras para descreverem ou maravilhas para relatarem, como também se apresentaram a nós com a pueril e culpável pretensão de substituí-las?

O que são todos estes escritores, cujo objetivo é unicamente nos fazer contribuir para sua fútil e escandalosa celebridade ao invés de se sacrificarem para o nosso bem? Falsos amigos, aqueles que estão suficientemente prontos para nos falar de virtude e verdade, mas que tomam muito cuidado em nos deixar em paz, na inação e na falsidade; com medo de que se tentasse nos chacoalhar com duras palavras, abandonaríamos suas escolas atrapalhando o caminho de sua glória, reduzindo-os ao silêncio e ao esquecimento.

OH! Ponha de lado estes livros inúteis, e tome de uma vez o caminho do trabalho, se é que tu és feliz o bastante para saber o que isto realmente significa. Ponha-se a trabalhar ao custo de seu sangue e suor, e não pegue numa caneta até que tenha uma descoberta para relatar das regiões do verdadeiro conhecimento, alguma experiência instrutiva nas obras do espírito ou alguma gloriosa conquista adquirida sobre o reino das trevas e das mentiras.

Escritos inspirados

Isto é o que, nos livros dos verdadeiros administradores de Deus em todos os tempos, comunica ao Homem de Desejo um espírito de vida com o qual poderá saciar sua sede a qualquer hora. Tais livros, são como estradas entre grandes cidades, proporcionando, ao mesmo tempo, belas paisagens, abrigo hospitaleiro e proteção contra perigos e malfeitores. São como alegres e fecundas margens dos rios, cujas águas dão origem à sua fertilidade e nas quais limitam seu curso, permitindo ao navegador viajar em paz e prazerosamente.

A responsabilidade dos escritores

Todos os homens de Deus são responsáveis por seus pensamentos em relação ao mundo; pois se são, verdadeiramente, homens de Deus, cada pensamento que recebem tem a intenção da perfeição de todas as coisas e da extensão das regras do Senhor.

Se por um lado, aqueles que não são ministros das coisas de Deus devem suspeitar de suas próprias palavras e evitar sua pronúncia aos outros, por outro lado, aquele que é um destes ministros, deve cuidadosamente concentrar suas palavras e semeá-las nas mentes dos homens, muito embora não sejam mais que germens enviados pelo Senhor para serem plantados no jardim do Éden.

Este homem deverá prestar conta estrita de todos aqueles germens que devido a sua indiferença ou negligência, não florescerem para adornarem a morada do homem.

O Homem é o livro dos livros

Se os livros dos administradores das coisas divinas podem proporcionar tais serviços à família humana, o que não pode esta família esperar do Homem propriamente dito, restabelecido em seus direitos naturais? Aqueles livros não passavam de estradas entre duas cidades. O Homem é uma destas cidades. O Homem é o livro primitivo, o livro divino; os outros livros são apenas livros do espírito; eles contém, meramente, as águas do rio; O Homem faz parte, de certa forma, da mesma natureza das águas.

OH, meus irmãos, leiam incessantemente, neste Homem, o livro dos livros; sem deixar de ler aqueles escritos pelos ministros das coisas divinas que lhe podem render muito auxílio diário! Com este grande significado sob seu comando, abra as regiões da Divindade, que podem ser chamadas de regiões do Verbo; e então, relate-nos as maravilhosas experiências que encontrar naquelas regiões onde tudo é esplendor.

Mas, não se esqueça que no estado de aberração em que o Homem está, tens um dever a cumprir com relação aos seus semelhantes, mais urgente do que escrever livros, isto é, viver e atuar de acordo com seus esforços e desejos, para que assim eles possam criar ouvidos para ouví-los. Isto é o que a humanidade tem maior necessidade. Se a inteligência dos homens não acompanhar seus escritos, não estarás lhes prestando auxílio algum, sua obra será morta e, desafortunadamente para você mesmo, sua vaidade e auto-aprovação serão os únicos frutos gerados através de seu empreendimento.

A Mente do Homem está embotada

O que digo? abra-se, compreensão dos homens! No que ajudariam, os mais perfeitos livros, sobre este assunto? A compreensão dos homens está depreciada, é obscura e tem se tornado infantil. A criança, como o selvagem, só compreendem através de sinais grosseiros e substanciais ou mesmo olhando o próprio objeto. Seu pensamento ainda está somente em seus olhos. Nem pense em lidar com a compreensão do homem de outra forma. Explore antes dele e com ele, os poderes ativos da Natureza, da alma humana e da Divindade se quiser que conheça Deus, o Homem e a Natureza.

Sobre estes temas, a razão dos homens está morta; será trabalho perdido se você apenas falar com eles sobre tais assuntos.

De fato, o tempo dos livros já é quase passado. O Homem está farto devido a sua abundância; como aqueles pertencentes as classes abastadas para quem as mais suculentas iguarias são insípidas.

O tempo dos livros da imaginação e da fantasia humana já passou, assim como para aqueles dos homens de Deus; os livros da imaginação humana tiraram seu valor e anularam quase que inteiramente seu poder; e nada além de obras com grande poder de influência, podem, neste momento, acordar o mundo de sua letargia.

Sabemos que os extremos se encontram; o homem e o selvagem, reduzidos pela sua infantilidade e ignorância, à impossibilidade de serem acordados por qualquer coisa, a não ser por sinais de grande efeito, retraçam a nós, de forma inversa, a verdadeira e primitiva natureza do Homem, que deveria ter sido sempre alimentado com verdadeiras

maravilhas, e só foi submetido a escrever e ler livros, quando perdeu a visão dos modelos vivos que nunca deveriam ter parado de atuar diante de seus olhos.

Em resumo, o tempo esta se esgotando; a idade espírito deve chegar, uma vez que os milagres realizados pelo poder do Deus Supremo são agora os únicos meios pelos quais Ele pode se tornar conhecido e respeitado pelos mortais.

Heis o motivo pelo qual insisto em que deves tomar seriamente o caminho do trabalho, se é que sentes ser chamado para ele, se não, ao menos roga ao Senhor para que enviem trabalhadores.

Se estás entre tais trabalhadores, quando abrir as regiões da Natureza, não esqueças as do Espírito e nem as da Divindade: quando relatar suas maravilhas, quando pegar a caneta para descrevê-las, não esqueças a que preço chegaste a conhecê-las; não esqueças que adquiriu o direito de falar sobre elas somente após fazer correr seu sangue e suor nestas trabalhosas e proveitosas buscas; não esqueças, até mesmo que, quando as descrever, ainda deves fazer correr teu sangue e suor, para colher novas pérolas desta mina inexaurível, na qual estais condenado a trabalhar todos os dias da tua vida.

Tua tarefa agora é dupla: e teu consolo tem entristecido mães e companheiras. Para você o som do prazer não está tão separado daquele dos gemidos; é inútil fazer distinção entre eles, pois estão necessariamente unidos, e nem todos os prazeres de teu espírito permitem a interrupção de teus soluços.

Homem, o Retificador Universal

De todas as denominações que possam designar o Homem restituído em seus elementos primitivos, nenhuma satisfaz tão bem a mente e os grandes e louváveis desejos da alma humana, do que a de Retificador Universal. Pois, a alma humana experimenta uma urgente e até incômoda necessidade, a de ver o domínio da ordem em toda classe de seres, em todas as regiões, para que cada grau de existência possa contribuir para a harmonia soberana que, por si só, pode manifestar a glória e o poder supremo da Unidade Eterna. Tal denominação é, certamente, o presságio secreto desta harmonia universal eterna, que tem levado os homens notáveis, em todos os tempos, a considerarem o atual estado da natureza como eterno, apesar dos males e da desordem em que percebemos estar mergulhada.

Sim, todas as coisas são eternas, em sua base fundamental, mas não em sua dolorosa e terrível confusão, visível por toda a natureza: sim, há sem dúvidas, uma natureza eterna, onde tudo é regular, e mais vivo e ativo do que nesta nossa prisão; e a prova mais concreta desta atual natureza, na qual estamos aprisionados, não ser eterna, é que ela sofre, e é o domicílio de todo tipo de morte, onde não há nada eterno além da vida.

A insuficiência do ensinamento comum

Vamos admitir que você me ensine grandes e úteis doutrinas que, segundo suas normas, convoquem os homens à caridade fraternal, ao zelo pela casa de Deus e a ter o cuidado de evitar este atoleiro terrestre, sem ser infectado por sua poluição.

Mas você, tem seguido estas normas segundo seu significado mais profundo? Quanto a mim, sinto que ainda falta algo para saciar o enorme desejo que me devora. As orações e as verdades que nos são oferecidas e ensinadas aqui embaixo, são pequenas demais para nós; são apenas orações e verdades momentâneas, sentimos que somos feitos para algo melhor.

Compreendo que a caridade fraternal não é mais do que um exercício sublime de perdoar nossos inimigos e de fazer o bem àqueles que nos odeiam mas àqueles entre os homens que não nos odeiam e aqueles que são e sempre serão desconhecidos a nós? Nossa caridade com relação a eles permaneceria inativa ou limitada àquelas poucas orações que mencionam o nosso dever de orar para todos os homens? Em poucas palavras, a humanidade passada, presente e futura não deve ser o objeto de nosso verdadeiro amor?

Admitindo que pareça não haver ardor mais santo pela casa de Deus, do que publicar as leis divinas, e de torná-las nobres, através de nosso exemplo, assim como de nossas orações. Mas nosso Deus, que é tão extremamente precioso para cada faculdade de nosso ser, este Deus que por tantos motivos pode, de fato, ser chamado de nosso amigo, não teria dor, angústia no coração, pelo fato de que todas as maravilhas que plantou no homem e no universo estarem perdidas para nós em nuvem de trevas? Deveríamos nos permitir um minuto de repouso antes de proporcionar-lhe alívio?

Finalmente, o dever de preservarmos limpos da lama terrestre, parece implicar em nada mais importante do que o dever de voltarmos a nossa pátria, sem contrair os hábitos e maneiras deste mundo enfraquecido. Mas, depois de nos livrar de sua poluição, não seria esta condição algo mais esplêndido para neutralizar seu veneno, ou até para transmutá-lo em um bálsamo de vida? Não somos aconselhados a fazer o bem aos nossos inimigos? Podemos negar que, em muitos aspectos, a Natureza é um deles?

Quanto aqueles chamados de inimigos de Deus é, por Ele e não por nós, preciso ministrar a justiça que merecem; vamos desconsiderar aquilo que parece ser sua declaração, o abrir guerra implacável contra os tão chamados inimigos de Deus. Deus não tem inimigos. Ele é gentil e amoroso demais para ter tido algum. E aqueles que se denominam inimigos de Deus são apenas inimigos de si mesmo e estão sob sua própria justiça.

Uma região mais elevada para o homem regenerado

Falo agora, com o Homem de Desejo e de fé e dos diversos privilégios que constituem a eminente dignidade do homem quando regenerado. Deixe sua compreensão seguir minha proeza; os direitos que sustento podem ser reclamados por todos os homens. Em princípio, deveríamos ter todos a mesma tarefa, que é a de desenvolver nossa característica de retificar, uma vez que todos emanaram do Autor de todo o bem, amor e bondade. OH, Homem de Desejo! Sei muito bem que sua compreensão pode estar obscura, mas sei também, que com uma vontade decidida e uma conduta adequada, podes obter de seu Princípio Superior a luz requerida, fundamentada em seus direitos originais.

As crianças do Pai

Distinguimos aqui, claramente, várias tarefas a serem desempenhadas no curso espiritual. A maioria dos homens que chegam até ele, busca virtude e conhecimento somente para a sua própria melhoria e para sua própria perfeição. De fato, felizes são aqueles que possuem tais intensões! Quão desejável é que esta felicidade fosse o dote de cada indivíduo da família humana!

Mas se estes homens bons, piedosos e até iluminados alegram o Pai desta família, procurando serem aceitos entre suas crianças, causariam ainda maior alegria se buscassem serem aceitos entre seus trabalhadores e servos: pois isto proporcionaria um real serviço ao Pai, enquanto que de outra forma prestam serviço somente a si próprios.

Os trabalhadores do Pai

Embora esteja longe de ser capaz de me considerar entre aqueles sublimes trabalhadores ou grandes adeptos, devo falar essencialmente sobre eles nesta obra, uma vez que já falei tão detalhadamente, tanto quanto fui capaz, sobre aquilo que pertence às crianças do Pai desta família.

Mais uma vez, rogo ao homem para que olhe para os campos do Senhor e busque trabalhar ali, de acordo com sua força, e com o tipo de trabalho para o qual é apropriado; seja em trabalhos ativos, se estes lhe forem oferecidos, seja no desenvolvimento da natureza do homem, se é que ele tem percebido sua profundidade, seja no arrancar dos espinhos e das raízes que os inimigos da verdade e os falsos mestres plantaram e ainda estão plantando diariamente no Homem, imagem da Sabedoria Eterna.

Pois, ensinar a um semelhante seus verdadeiros deveres e reais direitos é, de certa forma, ser o trabalhador do Senhor; prover e por em ordem as ferramentas e os implementos de trabalho, é ser útil a agricultura; só é preciso examinar cuidadosamente o que somos aptos a fazer seja qual for o tipo de trabalho. Aquele que provê implementos para a agricultura é responsável pelo que provê; o semeador é responsável pelo que semeia.

Mas, como é impossível ser um verdadeiro trabalhador dos campos do Senhor, sem estar renovado e recolocado em seus próprios direitos, irei frequentemente escrever sobre as paisagens da restauração, pela qual devemos, necessariamente, passar antes de sermos admitidos como trabalhadores. Devo alguns conselhos aos meus irmãos, quando os convido a se qualificarem para o serviço do Senhor:

Conselhos sobre comunicações espirituais

Alguns homens, quando ouvem a respeito de trabalhadores espirituais operativos, pensam em comunicação com os espíritos, ou o que é comumente chamado de ver os espíritos.

Para aqueles que acreditam nesta possibilidade, esta idéia provoca arrepios; para aqueles que não têm certeza desta possibilidade, provoca apenas curiosidade; para aqueles que

negam ou rejeitam tal possibilidade, esta idéia provoca desprezo e desdém tanto por suas opiniões como por quem as sustenta.

Me vejo obrigado, no entanto, a dizer a todos, que um homem pode seguir para sempre nas obras espirituais operativas, e chegar a um alto grau entre os trabalhadores do Senhor, sem ver espíritos. Além disso, devo dizer para aquele que, na carreira espiritual, buscar a comunicação com os espíritos, que, supondo que tenha sucesso, não só não teria com isso realizado o principal objetivo de sua obra, mas como poderia estar muito longe de merecer ser classificado como trabalhador do Senhor.

Pois, se este, pensar muito em se comunicar com os espíritos, deve considerar a possibilidade de encontrar tanto bons como maus espíritos.

Assim, para estar seguro, não basta se comunicar com os espíritos, é preciso ser capaz de discernir de onde vêm e com que propósito, e se suas mensagens são louváveis ou ilegítimas, úteis ou nocivas; e supondo que sejam espíritos da mais pura e perfeita classe, seria preciso examinar, antes de tudo, se ele próprio teria condições de executar as obras que lhe fossem incumbidas em seu serviço Supremo.

O privilégio ou satisfação de ver os espíritos nunca será mais do que um acessório ao real objetivo do homem no caminho do divino trabalho espiritual operativo e na sua admissão entre os trabalhadores do Senhor; e aquele que aspira a este sublime ministério, não deve ser merecedor se for levado pela pura curiosidade de conversar com os espíritos; especialmente se para obter estas evidências secundárias, depender de ajuda incerta de seus semelhantes com poderes usurpados, parciais e até corruptos.

O céu tomado pela força

De todos os privilégios da alma humana qual é aquele que deveríamos procurar utilizar primeiro, como o mais eminente, sem o qual todos os outros privilégios resultariam em nada? É o de ser capaz de chamar a Deus, por assim dizer, fora da contemplação mágica de Suas próprias maravilhas inexauríveis, que nasceram Dele e são Ele, e da qual Ele não pode mais se separar.

Isto é, de certa forma, tirá-lo da imperiosa atração absorvente que O atrai eternamente para si mesmo e fazer o que É, a voltar continuamente do que não é para o que É, como consequência necessária de uma analogia natural.

Isto serve para acordá-Lo e forçá-Lo, se é que podemos usar estes termos, a sair desta intoxicação ocasionada pela mútua e perpétua experiência de doçura da Suas próprias essências, e aquele delicioso sentimento proporcionado pela fonte geradora ativa de Sua própria existência. Isto é, em resumo, lançar seu divino auxílio sobre esta Natureza obscura e perdida, para que seu poder vivificante possa restaurá-la a seu antigo esplendor.

Mas que pensamento pode alcança-lo, se a sua analogia com relação a Ele não for primeiramente restaurada? Que pensamento pode provocar Nele este despertar, se não se tornar, primeiro, vivo novamente, como Ele? Que pensamento pode fazer rios de água doce e saudável fluírem Dele, se não se tornar, primeiro, puro e humilde, como Ele? Que pensamento pode, alguma vez, se unir com o que É, se não se tornar

novamente como aquele que É, através da separação de tudo o que não é? Que ser pode ser aceito na casa do Pai, em Sua intimidade, se não tiver se mostrado ser uma verdadeira criança deste Pai?

OH, Homem! Se enxergar aqui o mais sublime de seus privilégios, que é o de fazer Deus sair de Sua própria contemplação, verá também em que condições tal privilégio pode ser exercido. Se é seu dever conseguir, constantemente, despertar este Deus Supremo e forçá-Lo a sair de Sua própria contemplação, supõe que não tem muito com o que se preocupar sobre em que condições Ele te encontrará?

Deixe, então, todo o seu ser se tornar uma nova criatura! Deixe cada uma de suas faculdades ser revivida, até mesmo em sua mais profunda raiz! Deixe o óleo vivificante básico ser subdividido em infinitos elementos purificadores, e não deixe haver nada em seu ser que não seja estimulado e aquecido por um destes elementos ativos e regenerativos!

Um Ajudante e Consolador

Se não houvesse alguém forte, enviado para te consolar e ajudar a te tornar como Ele, uma criança obediente, Pai celeste, como poderia atingir o mais baixo degrau de sua regeneração?

Tu, tão pouco ignoras a existência deste Agente, uma vez que Ele é o exato foco vivificante em que repousou o seu ser quando fostes criado, e que, desde então, nunca mais te abandonou, como uma mãe não abandona seu filho em qualquer que seja sua aflição. Unase a Ele, sem reservas e sem demora, e sua poluição irá se extinguir, e sua carestia se transformará em plenitude.

O Homem deve executar a obra de seu Pai

Contudo o peso da obra não deixará de ser sentido, e pode se tornar ainda mais pesado, pois, quando o peso da mão de Deus está sobre o homem, sem ser para puni-lo, deve ser para trabalhar.

De fato, Deus, tendo destinado o homem a ser o Retificador da Natureza, não lhe deu esta designação sem qualificá-lo para cumpri-la; Deus não o qualificou para cumprir tal designação, sem lhe dar os meios; não lhe deu os meios sem nenhuma ordenação ou alguma ordenação sem uma consagração, Deus não deu ao homem uma consagração sem a promessa de glorificação e nem tão pouco prometeu tal glorificação senão porque o homem deveria servir como veículo de louvor a Deus, tomando o lugar do inimigo de quem o trono estava subjugado, desobstruindo assim, os mistérios da Sabedoria Eterna.

Dois tipos de mistérios

Há dois tipos de mistérios. Um compreende os mistérios naturais da formação das coisas físicas, suas leis, modos de existência e os objetivos desta existência. O outro compreende os mistérios de nosso ser fundamental e suas relações com o seu Princípio.

O propósito final de um mistério não pode ser o de permanecer totalmente inacessível à

compreensão ou ao doce senso de admiração para o qual nossas almas são criadas, e o qual já reconhecemos como algo de primeira necessidade, o alimento de nosso ser imaterial.

O propósito dos mistérios da Natureza é o de nos elevar, através da descoberta das leis das coisas físicas, ao conhecimento das leis e poderes superiores, que as governam.

O conhecimento dos mistérios da Natureza e de tudo que os constitui, não pode portanto, ser vetado agora, mesmo depois de nossa queda, senão, seu propósito final se perderia.

O propósito final do mistério das coisas divinas e espirituais, conectado com o de nosso próprio ser, é o de nos por em movimento e despertar em nós sentimentos de admiração, ternura, amor e gratidão. Assim, devemos permitir que estes mistérios das coisas divinas e espirituais, penetrem no mais fundo de nosso ser, pois de outra forma este duplo mistério, que nos conecta com as coisas divinas, e as coisas divinas conosco, perderia seu efeito.

Entretanto, há uma grande diferença entre estes dois tipos de mistérios. O mistério da Natureza pode ser mais ou menos conhecido, mas a natureza propriamente dita, dificilmente atinge nosso ser fundamental e essencial; e se tivermos uma sensação de satisfação durante sua contemplação ou ao penetrar seus mistérios, é porque nos elevamos acima da natureza, e acendemos, através de seus meios, à regiões análogas a nós mesmos; é como uma lanterna que nos mostra o caminho destas regiões elevadas, mas é incapaz, por si só, de comunicar sua doçura.

As coisas espirituais e divinas, ao contrário, atingem muito mais nossas faculdades de amor e admiração do que nossa compreensão; pelo fato de que estas coisas divinas deveriam nos preparar para um grau ainda mais elevado de admiração, elas não iriam se revelar à nossa percepção, tão prontamente; pois se pudéssemos submetê-las, à vontade, ao nosso conhecimento, poderíamos não admirá-las tanto, e nossa satisfação seria menor: já que, se é verdadeiro que nossa felicidade é admirar, também é verdade que admirar é sentir, mais do que saber; esta é a razão pela qual Deus e Espírito são ao mesmo tempo tão doces e tão pouco conhecidos.

Por outro lado, poderíamos dizer que a natureza é bastante fria, porque é mais apropriada a ser conhecida do que a ser sentida; assim, os planos da Sabedoria estão tão harmonizados, que aquilo que verdadeiramente nos dá satisfação, se revela menos à nossa inteligência e satisfaz mais a nossa admiração; e aquilo que menos se interessa pela sustentação de nossa admiração, por exemplo, nossa verdadeira satisfação, tendo menor analogia conosco, nos oferece uma espécie de compensação nas satisfações da compreensão.

Do mesmo modo que os homens conseguiram estes domínios, permitiram que estas duas fontes, que teriam produzido frutos deliciosos, de várias espécies, secassem; isto quer dizer que, a filosofia humana, tratando de ciências naturais e ficando somente na superfície evitou que as conhecêssemos, e não nos deu nem mesmo os prazeres da compreensão, que tais fontes poderiam ter nos proporcionado tão prontamente; os mestres das coisas divinas tornando-as obscuras e inacessíveis, nos impediram de senti-

las, privandonos, desta forma, de admirá-las; eles não falhariam em sua tarefa de nos despertar se tivessem permitido que as coisas divinas chegassem até nós.

A perfeição do mistério é, unir numa combinação harmoniosa e verdadeira o que, ao mesmo tempo, satisfaça nossa inteligência e alimente nossa admiração. Isto nós teríamos desfrutado para sempre se houvéssemos mantido nosso estado primordial. A porta pela qual Deus sai de Si mesmo, é a mesma pela qual Ele entra na alma humana. A porta pela qual a alma humana sai de si mesma, é a mesma pela qual entra na compreensão. A porta pela qual a compreensão humana sai de si mesma, é a mesma pela qual entra no espírito do universo. A porta pela qual o espírito do universo sai de si mesmo, é a mesma pela qual entra nos elementos e na matéria. Esta é a razão pela qual o erudito que não toma todas estas rotas, nunca adentra a Natureza.

A matéria não possui nenhuma porta pela qual possa sair de si mesma, e nem tão pouco uma região inferior a ela; heis por que o inimigo não poderia ter acesso a nenhuma região ordenada, quer material ou espiritual.

Ao invés de observar cuidadosamente seu posto, o Homem não somente abriu todas estas portas a seus inimigos, mas as fechou contra si mesmo, é por isso que ele agora se encontra no lado de fora, e os salteadores no lado de dentro. Poderia uma situação mais lamentável ser concebida?

Homem, o espelho das maravilhas de Deus

Vemos porque as magníficas denominações que constituem o Homem, tornando-o um ser tão privilegiado, poderiam ter feito seu ministério no universo algo de grande importância; o homem poderia ter tornado a Unidade tripla Divina conhecida ou mostrado que não teríamos sido a imagem de Deus, se não tivéssemos o direito de representá-lo. Todas as coisas, até mesmo os anjos, tinham grande interesse em que o homem mantivesse o posto que lhe foi confiado. De fato, assim como a vida animal, dispersa por toda a natureza, não conhece nem o espírito do universo em si mesma, nem os germens dos vegetais, que são o seu efeito e a expressão sensível de suas propriedades, só reconhecida pelos animais através do sabor de seus alimentos, os anjos também só conhecem o Pai no Filho; não o conhecem nem em Si mesmo, nem na Natureza que, especialmente após a primeira grande alteração, está muito mais próxima ao Pai do que ao Filho, devido a concentração pela qual passou; e os anjos só podem conhecê-Lo no divino esplendor do Filho que, por sua vez, tem sua imagem somente no coração do Homem, e não na Natureza. Por esta razão, o Homem, que no princípio do Universo, estava relacionado, principalmente ao Filho, à Fonte do desenvolvimento Universal, conheceu o Pai, tanto no Filho como na Natureza. É, por este motivo, que os Anjos acompanham, de perto, a ordem do Homem, acreditando que ele ainda está em condições de lhes mostrar o Pai na Natureza.

A chave para as maravilhas da Natureza

Nossa tarefa, portanto, desde a ocasião em que Adão foi retirado do precipício em que havia caído, deveria ser a de descobrir, por todos os meios possíveis, as maravilhas do Pai, manifestadas na Natureza visível; Isto é o que mais temos possibilidades de

realizar, pois o Filho, que contém estas maravilhas e as tornam acessíveis, restaurou-as para nós, através da incorporação de nossos primeiros pais, na forma material que agora nos encontramos; Ele trouxe a chave consigo, quando se fez igual a nós.

Os anjos aprendem através do Homem

OH! Quão profundas coisas não poderíamos ensinar, até mesmo aos anjos, se recuperássemos nossos direitos! São Paulo diz: "Nós julgaremos os anjos" (1Cor. v.3) (A escritura fala de anjos "maus" e anjos caídos, assim como de anjos santos. Não poderia o homem, muito bem, ser a pedra-de-toque pela qual os primeiros são testados? E os anjos bons não podem até mesmo examinar o homem, para saber qualquer coisa sobre a extensão, duração, profundidade e altura do amor de Cristo, que transmite o conhecimento? - Nota do Ed.). Ora, o poder para julgarr requer poder para instruir. Sim, os anjos podem ser administradores, médicos, reformadores daquilo que está errado, guerreiros, juizes, governadores, protetores, etc.; contudo, sem nós, não podem adquirir nenhum conhecimento profundo sobre as divinas maravilhas da Natureza. O que os impede não é somente o fato de que eles só conhecem o Pai no esplendor do Filho, e que, ao contrário do primeiro homem, seu envoltório corporal está livre das essências extraídas das raízes da Natureza, mas também porque nós fechamos para eles o olho central, o órgão divino, através do qual poderiam ter obtido os meios de contemplar as riquezas do Pai nas profundezas da Natureza; heis por que os homens de Deus devem instruir os anjos, e revelar a seus olhos as profundezas escondidas na corporificação da Natureza, e em todas suas maravilhas.

Esta é também a razão pela qual os homens das ciências e das letras, que descobrem as grandes leis da Natureza, são altamente considerados; e, na religião, são altamente considerados aqueles que têm se revestido com o maior poder do Espírito.

Desde nossa degeneração, este precioso privilégio de penetrar nas profundezas da Natureza e de, por assim dizer, possui-las, tem sido, em parte, restaurado a nós; na verdade, isto deveria ser, certamente, uma herança, inerente à natureza do Homem, visto que constitui sua verdadeira riqueza e propriedade original: a este respeito, temos muitos exemplos nos testamentos patriarcais.

Testamentos Espirituais

Mas os homens da matéria tem invertido estes direitos sublimes, aplicando-os meramente ao testamento das posses terrestre, embora se possa contestar o fato de um homem não poder dispor de posses que deixaria de possuir com sua morte, e antes que seu legado pudesse ser executado.

Era, então, às posses reais que a lei do testamento deveria se aplicar, por ela é que o testador emprega sua herança com um direito natural que não teria se estivesse em privação, e que leva consigo a uma região em que este direito irá crescer ainda mais, ao invés de diminuir. Nesta região nossos pensamentos podem expandir-se e se enriquecer através da meditação sobre os testamentos patriarcais.

Homem, a árvore; Deus, a seiva

O Homem é a árvore, Deus é sua seiva. Assim, não é de se surpreender, que quando esta seiva vivificante flui no homem, converte cada um de seus ramos numa nova árvore; tão pouco é, nenhuma surpresa que alguns ramos selvagens sejam enxertados ali, para que possam, rapidamente, tomar parte de suas excelentes propriedades.

Sim, desde a queda, o Homem tem sido replantado na raiz vivificante que deve produzir nele todas as vegetações espirituais de seu Princípio. Por esta razão, se o homem despertasse para esta fonte vivificante de admiração, poderia, somente pela sua existência, transmitir um testemunho vivo sobre ela.

Além do mais, este é o único meio pelo qual os propósitos divinos podem ser realizados, pois o Homem nasceu somente para ser o Primeiro Ministro da Divindade; até mesmo agora, o corpo material que carregamos é muito mais superior do que a terra, nosso espírito animal é muito mais superior do que o espírito do universo, pela sua junção como nossa alma-espírito (espírito anímico), que é a nossa verdadeira alma; e nossa alma-espírito é muito mais superior do que os anjos.

Mas o homem enganaria a si mesmo se pensasse poder avançar no trabalho do Homem Espírito, sem que esta santa seiva seja revivificada nele, pois ela está e tem se tornado, densa e congelada pela corrupção universal.

A luminosa fundação para a construção do Homem

Assim, OH, Homem de Desejo, o que quer que seja que permitiste que se coagulasse e obscurecesse em ti, deve ser dissolvido e revelado aos olhos de seu espírito. Enquanto puderes ver ali alguma mancha, ou lá permanecer a mais insignificante coisa que obstrua tua visão, não descanses, até que a tenhas dispersado. Quanto mais penetrares em teu ser, melhor irás conhecer as regiões em que repousa tua obra.

Nenhuma outra região além desta, reorganizada e adaptada, pode servir para a fundação de teu ser. Se esta região não for bem alinhada e precisa para o prumo, a construção nunca poderá ser erguida.

Não! É somente na luz interior de teu ser que a Divindade, e todos os Seus poderes maravilhosos, podem se fazer perceptíveis a ti em sua glória vivificante.

Se ousares não te apoiar nesta região, se tua visão não pode penetrar muito longe ou se temer olhar ali, devido as dificuldades de acesso, como pode esperar que a Divindade esteja lá, com maior facilidade do que você, e ainda se acomode a suas trevas e as obstruções que te repelem? A Divindade que é fundamentalmente toda luminosa e pura, capaz de desenvolver as maravilhas de Sua existência, somente nas atmosferas limpas de toda obstrução e livre como Si mesma!

A ciência da Verdade não é como as outras ciências: ela deveria ter sido originalmente, toda uma mera satisfação para o homem; agora ela é toda um mero combate; heis o motivo pelo qual os eruditos e sábios do mundo não tem a menor idéia sobre ela, pois a confundem com suas próprias noções obscuras, adquiridas passivamente.

O Universo em sofrimento

O Universo está em um leito de sofrimentos e nós homens, devemos confortá-lo. O Universo está nesta situação porque, desde a queda, uma substância estranha tem entrado em suas veias, impedindo e atormentando sua vida-princípio incessantemente. Nós devemos lhe pronunciar palavras de conforto e encorajamento, além da promessa de libertação e do pacto da aliança, que a Sabedoria Eterna está por fazer com ele.

Isto não é nada mais do que aquilo que é justo e nosso dever sagrado, uma vez que o líder de nossa família foi a primeira causa das dores do universo. Podemos dizer que, fizemos do universo um viúvo; ele esperará que sua esposa seja restaurada, enquanto durarem as coisas.

OH, Sol da Equidade! somos a primeira causa de teu desconforto e inquietude. Teu olhar não deixa de examinar, sucessivamente, cada região da natureza. Tu nasces para todos os homens, diariamente, Tu nasces jubilosamente, na esperança que eles restaurem a Ti, tua estimada Esposa, a Eterna Sophia, de quem Tu tens estado privado; Tu cumpres teu curso diário, chamando por ela em toda a terra, com palavras ardentes, que falam dos desejos que Te consomem. Mas, ao anoitecer, Tu te pões em aflições e lágrimas, pois tu tens buscado tua Esposa em vão; Tu a reclama ao homem e ele não a restaura; e ele ainda te faz sofrer por habitar em lugares infrutíferos, domicílio da prostituição.

O Mundo está morto

OH, Homem! o mal é ainda maior! Não venha dizer agora que o Universo está num leito de sofrimentos; diga que ele está em seu leito de morte; é você quem deve realizar seus ritos fúnebres, é você quem deve reconciliá-lo com a fonte pura de onde ele descende; uma fonte que embora não seja Deus, é um dos órgãos eternos de seu poder, do qual o Universo nunca deveria ter sido separado; digo ainda, que você deve reconciliá-lo, purificando-o de todas as substâncias de falsidade com que tem sido constantemente impregnado desde a queda, livrando-o das conseqüências de passar todos os dias de sua vida futilmente.

O Universo, portanto, não teria passado seus dias futilmente, se você tivesse permanecido naquele trono de glória no qual estava originalmente sentado, e se você o tivesse unguido diariamente com um óleo de contentamento que o preservaria das doenças e das dores; então, você teria feito por ele o que agora ele faz para ti, provendo-o diariamente com a luz e produtos elementares aos quais você se submeteu e que agora são necessários à sua existência. Venha, então, e rogue suas desculpas, pois tu és a causa de sua morte.

O mal é ainda maior! Você não deve mais dizer que o Universo está em seu leito de morte: ele está em sua sepultura! A putrefação tem dominado sobre ele, as infecções emergem em todos os seus membros; e você, Oh, homem, tem a culpa! Você não deveria ter contribuído para que ele sucumbisse em seu túmulo; não deveria ter contribuído para que ele exalasse qualquer infecção.

O Homem deve fazer o Universo renascer

Você sabe por que? Porque você se fez sepulcro do Universo. Porque, ao invés de ser o berço de sua eterna juventude e beleza, você o sepultou em si mesmo, como numa tumba, e o revestiu com sua própria corrupção. Injete rapidamente o elixir da vida em todos os seus canais, pois é você quem deve trazê-lo à vida novamente; e, apesar do cheiro cadavérico que ele já emite de todas as suas partes, você é o encarregado de dar-lhe um novo nascimento.

A própria luz natural, belo símbolo de um mundo anterior, que ainda nos é legada, contém um poder devorador que tudo consome; e as luzes artificiais que usamos em seu lugar só resiste à custa das substâncias que as alimentam. Não deveríamos ter tido nenhuma destas luzes; elas são uma monstruosidade na Natureza, onde os insetos se queimam, tomando-as pela luz natural, pois as criaturas da natureza nada sabem sobre o que está fora de ordem.

Sim seus inúmeros negócios e fabricações industriais são uma prova da injúria que fizestes ao mundo, já que esta injúria e estas atividades, procedem da mesma fonte, e assim a Natureza é, de toda forma, nossa vítima. OH! Como esta Natureza, se pudesse falar, reclamaria das poucas coisas que recebe das vãs ciências dos homens, de suas armações e mão-de-obra para descrevê-la, medi-la e analisá-la, enquanto possuem dentro de si os meios para confortá-la e curá-la!

O próprio Homem está morto: como ele morreu?

Contudo, não está o próprio homem em seu leito de sofrimento? Não está em seu leito de morte? Não está em seu túmulo, vítima da corrupção? E quem irá confortá-lo? Quem irá executar seus funerais? Quem o trará novamente à vida?

O inimigo foi ambicioso desde o início; ele observou as maravilhas da glória, desejou dirigi-las em sua própria direção e administrá-las. A queda do Homem não começou desta maneira: este não foi o seu crime, pois ele deveria alcançar estas glórias somente quando efetuasse sua missão; e quando ele, pela primeira vez, recebeu sua existência, ele não as conhecia. Ele foi desviado, primeiro pela fraqueza, assim como seus filhos são agora em sua infância, quando os objetos da ambição não os afetam; a fraqueza que o Homem permitiu que o atingisse, foi atraída e penetrada pelo espírito do mundo, enquanto que ele era de uma ordem superior, e de uma região acima deste mundo. Uma vez caído nesta região inferior, o inimigo considerou fácil inspirá-lo com pensamentos ambiciosos, que de outra forma ele não teria tido, já que não havia ninguém para lhe falar sobre objetos de ambição, dos quais nada sabia.

Assim, na sua primeira negligência, ele foi vítima de sua própria fraqueza; na sua segunda, foi, ao mesmo tempo, vitimado e enganado por seu inimigo, que estava interessado em levá-lo a extraviar-se; e ele se tornou inteiramente sujeito a este mundo físico sobre o qual ele deveria ter sido soberano.

Então seus crimes cresceram a tal ponto que eles agora o intimidam a refletir! Sim, OH, Homem! você tem se tornado mil vezes mais culpado desde sua queda. Na sua queda você foi um enganado e uma vítima; mas desde então, tem se tornado o instrumento

universal do mal, o escravo absoluto de seu inimigo e quantas vezes, até mesmo seu cúmplice?

A obra do Homem ainda deve ser feita

Nesta condição é preciso que o homem visite o Universo em seu leito de morte e o restaure à vida não esquecendo que o primeiro plano de seu próprio destino original ainda precisa ser executado!

OH, Homem! pare no meio deste abismo em que se encontra, se é que não vai se precipitar ainda mais. Sua obra era bem simples quando saiu das mãos de seu Primeiro Princípio; ela se tornou tripla devido a imprudência e abominações cometidas por ti: agora, é preciso primeiro regenerar a si mesmo; depois, regenerar o Universo e então vir a ser o administrador das riquezas eternas e o admirador das maravilhas vivas da Divindade.

Na ordem física, vemos que o remédio vem depois da doença e esta depois da saúde. Pois, se a doença leva ao remédio, o mesmo deve acontecer na ordem moral e espiritual do homem; e se, aqui, a saúde precede a doença do homem, sua enfermidade deve levá-lo a buscar o remédio análogo, assim como os médicos buscam aqueles para nossas desordens físicas.

O primeiro passo, então, em direção à cura na qual o homem tem que trabalhar sobre si mesmo, é jogar fora todos aqueles temperamentos inferiores e secundários que tem se acumulado sobre ele desde a queda; temperamentos que tem atacado e possuído a humanidade, em todos os tempos desde a posteridade do primeiro homem; aqueles que herdamos de nossos pais, através, da má influência das gerações viciadas e aqueles que atraímos para nós pelas nossas negligências e ofensas diárias.

Enquanto não nos livrarmos destes temperamentos não podemos mover um passo em direção à nossa recuperação, que consiste, particularmente, em atravessar a região das trevas na qual caímos, e fazer com que o elixir natural reviva em nós, e com ele restaurar o sentido do Universo, que está desfalecido.

Requisitos para a obra; seus critérios

Aqui, OH Homem! você experimentará uma nova condição, se é que pode ir mais além. Não se trata da natureza espiritual de seu ser, da sua relação essencial com seu princípio, da sua degeneração através de um primeiro ato voluntário, ou do amor ardente de sua Fonte gerativa que O levou, na sua queda e a cada dia desde então, a te eleger em meio a sua impureza repugnante (o que o homem da torrente pode sentir, mas não pode compreender porque não olha para trás), em resumo, não se trata de toda espécie de evidências depreciativas, que depõe em favor destas verdades fundamentais, comprovando-as: estas questões estão enraizadas entre nós, sem elas, advirto-o que não prossiga; e se assim não fosse, provavelmente você não teria chegado tão longe.

Mas, verifique se você tem purificado teu ser de toda aquela corrupção secundária que tem atraído sobre ti diariamente desde a queda; ou se, ao menos, sente um desejo ardente de bani-las de ti a qualquer preço e reviver aquela vida, extinguida pelo

primeiro crime e sem a qual você não pode ser nem o servo de Deus nem o Consolador do mundo.

Tente ao menos sentir que, talvez, a única ciência que vale a pena estudar, deve estar livre de pecado; pois, se o homem estivesse neste estado, ele poderia manifestar, naturalmente, todas as luzes e ciências.

Investiga-te, portanto, profundamente, assim como estas novas condições; e se, além de não te ter purificado dos resultados de todas as tuas faltas secundárias, também não arrancaste as raízes da mais remota falta de disposição para o trabalho, eu repito seriamente, não vá mais além. A obra do Homem requer novos homens. Aqueles que assim não forem, tentarão em vão fazer parte da construção; quando tais pedras sim se apresentarem a seus lugares serão consideradas insuficientes com relação as dimensões requeridas ou quanto ao acabamento, e serão enviadas de volta à oficina até que estejam prontas para serem usadas.

Há um sinal para saber se você tem realizado este auto-despojamento ou não.

Basta verificar se você sente não ter qualquer outra preocupação, qualquer outro interesse, senão o de se unir universalmente, com a ação e o impulso divino.

É quando, longe de nos preocuparmos com nosso sofrimento pessoal neste mundo de infortúnios, reconhecemos que nada pode nos ajudar senão aquilo que é nosso dever, e que tudo o que não sofremos são favores concedidos a nós em consideração a nossas fraquezas; assim, ao invés de reclamar que nossas satisfações e consolos que nos foram tirados neste mundo, deveríamos começar por agradecer por não nos terem sido retirados anteriormente, e por alguns ainda nos terem sido deixados.

Supondo, então, que as duas condições mencionadas, sejam aceitas, a que se segue é o início da regeneração do homem em suas denominações, virtudes e direitos primitivos.

A ordem da regeneração do Homem

Vemos que em nosso corpo material freqüentemente sentimos dores nos membros que perdemos; ora, no que constitui nossos verdadeiros corpos, não possuímos um único membro, a primeira evidência que podemos ter de nossa existência como seres espirituais, é sentir sucessivamente ou de uma só vez, dores agudas em todos aqueles membros que não temos.

A vida deve regenerar todos os órgãos que perdemos e isto só pode ser realizado através da substituição destes órgãos pelo seu poder gerativo, no lugar daqueles estranhos e frágeis órgãos que agora nos constituem.

Devemos sentir o espírito nos arrancar da cabeça aos pés, como se tivesse uma potente relha, arrancando os troncos de velhas árvores com suas raízes entrelaçadas em nossa terra, e todas as estranhas substâncias que nos impedem de crescer e fertilizar.

Tudo o que nos adentrou pelo charme e pela sedução, deve sair pela rendição e pela dor. Ora, o que nos tem adentrado nada mais é do que o espírito deste próprio Universo, com todas as suas essências e propriedades; elas tem frutificado em nós abundantemente; em

nosso interior, elas tem se transformado em sais corrosivos e temperamentos corruptos, além de se coagular a tal ponto que nada além de remédios fortíssimos e trabalho excessivo poderá expulsá-las.

OH, Homem! estas essências e propriedades do Universo tem tomado posse de todo o teu ser; por esta razão, as dores vitais da regeneração devem ser sentidas em todo teu ser, até que estas falsas fundações e fontes de seus erros, suas trevas e sua angústia, sejam substituídas pelo espírito e essência do Universo primitivo e real, denominado por Jacob Boehme de Elemento Puro, do qual se pode esperar frutos mais doces e saudáveis. Pois, considerando simplesmente sua situação física neste mundo, não se pode duvidar que a base destas dores estão em ti mesmo, e estabelece sua existência nos desejos diários que te fazem sentir e nas incessantes preocupações que te proporcionam.

Assim, vemos todos os seus dias consumidos pela tentativa de te tornar superior ao frio, calor, escuridão e até mesmo as estrelas do céu, que você parece dominar com suas audaciosas ciências através de seus instrumentos ópticos e astronômicos.

Isto prova, claramente, que seu lugar não deveria ter sido o da região destas inclemências e nem deveria estar sujeito a influências que te desconfortam; não deveria nem mesmo ter sido abaixo daquelas esplêndidas criações que apesar de sua magnitude na ordem dos seres, devem figurar depois de ti.

Como estes elementos estranhos tem sido plantados na sua natureza mais interior, é ali que as dores reais devem ser sentidas; é ali que devem ser desenvolvidos os reais sentimentos de humilhação e constrição, que nos fazem estremecer ao nos depararmos conectados com essências tão incompatíveis a nós. Lá, na tua mais íntima natureza, é que se deve progredir lentamente neste mundo, como numa estrada entre sepulcros, onde não se pode dar um passo sem ouvir os mortos clamarem a ti pela vida.

Lá, por meio de teus gemidos e sofrimentos, se obtém recursos para oferecer o sacrifício, no qual o fogo que vem do Senhor não pode deixar de descer, para de uma só vez, consumir a vítima e dar vida nova ao sacrificador, provendo-o com poderosa assistência ou com virtudes renovadas continuamente, para a execução de sua obra universal, pois, através desta substância ativa e humilde de nosso sacrifício unida a nós, é que se dá o início de nossa regeneração; os sofrimentos purificantes dos quais falamos, só podem ser o início desta regeneração, enquanto que o seu fim é cortar o que é prejudicial a nós, mas não o de dar o que queremos.

Quando nos sentirmos todo despedaçados por estas dolorosas amputações e o sangue correr por todas as feridas, então o bálsamo curativo vem estancá-las, aplica-se em nossas chagas e se injeta em cada canal.

Ora, como este bálsamo traz a vida propriamente dita, logo nos sentiremos renascidos em todas as nossas faculdades, virtudes e em todos os princípios ativos de nosso ser. Todos estes princípios ativos de nosso ser estão tão oprimidos pelo peso do universo e tão secos pelo fogo que os queimam internamente, que eles esperam, com uma ávida impaciência, pelo único revigorador que pode restaurar seu movimento e atividade.

Este revigorador se acomoda à nossa pequenez. Ele aparece de forma tênue no homem que é débil e pequeno; assim, ele conduz seu amor e cuidados a nós, a fim de se tornar

pueril conosco, pois somos menos que crianças e geralmente a cada ato de nosso crescimento, ele tem que estar ao nosso lado passo a passo.

Ele age em relação a nós, como uma mãe em relação a seu filho que tem feridas ou sofrimento; ela aplica todos os seus pensamentos na tentativa de curá-lo; ela se atira, por assim dizer, inteiramente a estas feridas ou membros sofredores, participa deles como se ela mesma estivesse tomando a forma e substituindo aquelas feridas ou machucados de seu filho; esta mãe se deixa levar, de tal forma, pelo esforço de seu amor criativo que nada é tão difícil, nada é tão pequeno para essa laboriosa ternura; o que quer que possa fazer bem, lhe parece ser necessário.

Estes vários meios de cura, específicos para cada necessidade, estão em atividade nas linguagens de cura guiadas pelo verdadeiro Verbo. As maravilhas encontradas nelas contém maior ou menor atividade que é mais apropriada ao tempo em que apareceram. Embora este revigorador, sem o qual adoecemos, possa entrar em nós diretamente, não despreza a possibilidade de entrar por várias maneiras e as linguagens de cura, com todas as suas denominações e modos de expressão, são um dos meios a que mais se inclina e faz uso preferencialmente.

Não é surpresa a necessidade deste poder ativo e vivificante entrar em nós para nos preparar para a realização de suas obras. Aqueles que conhecem o real estado das coisas, compreendem que devemos estar vivos e fortes para realizar tal obra ou para que ela seja realizada em nós, pois o mal não é uma mera ficção, é um poder.

O reino do mal não deve ser destruído por discurso erudito, tanto na natureza ou no espírito dos homens. Os Homens e os doutores podem discursar à vontade, o mal não será afugentado desta maneira, ao contrário, progredirá sob este respaldo.

A própria vida deve atuar substancialmente

Neste estado de morte em que o universo padece, com todas as regiões caídas, poderia algum tipo ou ordem de coisas subsistir afinal, se não houvesse uma Substância de Vida disseminada em todo lugar? Com certeza, é esta substância de vida que evita a dissolução de todas as coisas e as sustentam em todos os choques e violência a que se submetem continuamente.

Isto é o que conserva a Natureza contra os poderes hostis que a molestem: isto é o que conserva o mundo universal, apesar das trevas que o envolve, assim como o sol conserva a terra apesar das nuvens que o esconde de nossas vistas. Isto é o que conserva as nações apesar das desordens e destruição que provocam entre seus próprios integrantes e uma contra outra.

Isto é o que conserva o homem em toda ignorância, extravagância e abominações que ele verte incessantemente. Esta substância de vida só pode ser o Verbo Eterno, criando-

se sem interrupção, como Boehme tanto mostrou e que não deixa de sustentar, pelo seu poder, todas as regiões que criou.

Esta substância está em todo lugar mergulhada num abismo profundo, ela deseja intensa e continuamente, a libertação desta Natureza quase desconhecida, isto porque esta substância de vida não para de sussurrar que as coisas ainda subsistem, apesar da continuação e extensão das abominações que a circundam e a poluem; estes males são tão grandes, que, se fossemos falar deles para os espíritos, os afugentáramos.

Mas, como a alma ou o foco radical do homem, é o primeiro e principal alicerce desta substância-vida, ela procura se desenvolver e se mostrar, especialmente dentro dele. Se o homem colaborasse com esta ação perseverante, se sentisse que era, em sua origem e por natureza, nada menos que um oratório divino, onde a Verdade podia vir, a qualquer hora, e ele podia oferecer incenso puro à Fonte Eterna de tudo, com certeza o homem veria rapidamente esta substância de vida lançar raízes em si e se espalhar sobre ele e à sua volta numerosos galhos carregados de flores e frutos. A partir de então, os espíritos, exaltados com as doces sensações que receberiam de nós, esqueceriam, por caridade, o mal que havíamos feito a eles anteriormente; pois cada ato desta substância é um florescimento que deve ter início na raiz de nosso ser, no que se pode chamar de germe da alma (germe anímico); daquele lugar ele passa para a vida de nossa mente ou compreensão e então para nossa vida corporal; como cada uma delas está relacionada à sua região correspondente, cada florescimento que ocorre em nós comunica-se com sua própria atmosfera.

Mas, como o objetivo desta substância para o trabalhador nestes três graus, é somente fornecer uma nova vida, ela só pode completar tal objetivo através de uma tripla transmutação, provendo-nos de uma nova alma, de um novo espírito e um novo corpo.

O Processo do renascimento

Esta transmutação só pode ser efetuada através de um processo doloroso: só pode ocorrer através de um combate entre o que é sã e o que é doente, e pela ação física da vontade verdadeira, em oposição a ação física de nossa vontade falsa. Nossa própria vontade não realiza nada sem o ser, já que foi injetada pela Vontade Divina, que é a única vontade para o bem, com o poder de produzi-lo: isto parece ser uma observação bastante simples, mas não é menos fecunda e espiritual.

É por estes diferentes atos que a vida consegue substituir as essências corruptas por uma essência pura em nossos corpos, almas e espíritos. É assim que nosso desejo forma com o desejo divino senão um só desejo, ou ânsia pela manifestação da verdade e de suas regras no mundo.

É assim, que nossa compreensão forma com o Olho Divino senão uma única compreensão, que vê o oculto tão bem quanto antes.

É assim, que nossos corpos, permitindo todas as substâncias da mentira, corrupção e poluição com as quais estão confinados a se extinguirem, sentem serem tomados por substâncias diáfanas, que os apresentam como transparências da Luz Divina e maravilhas por toda parte, assim como os corpos naturais são transparências das maravilhas naturais: isto é o que aqueles que acreditam que esta substância de vida não

é uma substância estéril, podem esperar que aconteça. E se acreditam que esta não é uma substância estéril, este é o caminho que terão que atravessar se quiserem recuperar seu primeiro estado e cumprir seu destino.

Como poderia esta substância-vida ser estéril? Ela faz parte e procede daquele movimento gerativo que está fora do tempo, do qual as causas-motrizes (mobiles) não podem se separar, caso contrário haveria um intervalo; mas do qual, apesar de tudo, estas causas não podem ser senão diversas, pois se assim não fosse, não haveria vida ou diversidade das maravilhas. Oh, vocês! que são capazes de compreender estas coisas sublimes, tomem coragem; pois vocês são quem devem alcançá-las, e assim identificá-las com todo o seu ser; sua região e a delas devem ser senão uma só região, e possuir senão uma só linguagem.

Então, esta ânsia divina prende o homem, e ao nos fazer distinguir entre nossas duas substâncias, revive todo nosso ardor e regula todos os nossos movimentos.

Nós, então, vivemos somente com o objetivo de não permitir que a substância da vida, que esta ânsia divina nos traz dia após dia crescentemente, desapareça ou morra e evitar que caia no domínio e nas correntes dos tiranos à nossa volta.

O pão nosso de cada dia

No que se refere ao espírito, devemos, da mesma forma, tomar nosso alimento diário: se o homem fosse sábio, nunca se alimentaria materialmente sem primeiro avivar em si esta ânsia divina. Assim, estaria livre da fatal consequência, tão freqüente e comum a nós, em nossas trevas, que é a de obstruir esta ânsia divina, através do alimento, que deveria ser somente um renovador de forças corporais, para que sejamos capazes de buscar a ânsia divina mais ardentemente, e mantê-la melhor quando seu poder vir a nos alimentar tão efetivamente que a fome corporal se torna, por sua vez, menos oprimente.

Há duas condições para este regime. Uma se aplica ao uso de nossas finalidades e tarefas espiritualizadas, que deveria ser nossa dieta diária, sem restrições a períodos, horas ou tipos de alimentos, pois nossos próprios trabalhos irão determinar estes fatores. A outra se aplica ao trabalho ativo, quando considera conveniente nos por a seu serviço; esta então, serve ao mesmo tempo para a nossa orientação e nosso sustento.

O que eu disse sobre a primeira condição deste regime, vale para todos os outros atos da vida temporal: não devemos nos dedicar a nada sem antes ter despertado em nós a ânsia divina; isto porque, como esta ânsia divina tem que obter para nós a verdadeira substância de vida, não deveríamos ter nenhum objetivo, nenhuma atração, nenhum pensamento, senão o de nunca permitir que esta fonte das maravilhas divinas nos deixe, mas ao contrário, deveríamos nos dedicar incessantemente a revivê-la, para que possa ter a doce satisfação de nos saciar com a substância de Vida.

As dores do renascimento

Não vou te surpreender, Oh homem, ao lhe dizer aqui, que esta substância-vida só pode ser encontrada nas dores da angústia amarga e num senso de profunda e completa desolação, por causa de nossas próprias faltas e privações e daquelas de nossos semelhantes; por causa da real miséria daqueles que sofrem e ainda mais daqueles que

não sofrem; por causa do estado sepulcral da natureza e das dores crônicas e agudas do Mundo universal, buscando restaurar, através de nós, o equilíbrio e a plenitude em todo lugar; enquanto nós, através do modelo de ser que possuímos, criado por nós mesmos através do crime, mantemos o coração de Deus, dentro de nós, em seu leito de morte e num túmulo de corrupção.

Ora, porque a desolação é a fonte gerativa da substância de Vida? É porque, para nós, ela é agora a única fonte gerativa do poder da palavra, o Verbo; como observamos na doença, os sofrimentos provocam as lágrimas, e nossas lágrimas nos trazem assistência e alívio.

Por esta razão, o homem chamado para a Obra, não tem necessidade de remover-se de seu lugar; a doença e o remédio estão em todos os lugares e este homem não tem nada mais a fazer senão chorar. É uma mudança espiritual que nos é útil, e não uma mudança terrestre. Sem nos mover de nosso lugar material, devemos refletir dolorosa e incessantemente sobre o frio, as trevas, o lugar espiritual em que estamos e aquele lugar onde podemos ir e tornar nossa morada mais quente, suave e feliz.

A causa dos lamentos da Natureza

Quando observamos que o Universo esta desprovido do poder da palavra, não é difícil de concluir que esta é a principal causa de sua aflição.

O abatimento que o oprime, o veneno pestilento que o corroe, como já reconhecemos, só adentrou suas substâncias através da falta e negligência do homem; se ele não estivesse desprovido do poder da palavra, digo que não sentiria nada disso, pois teria tido forças para dispersar tudo o que lhe molestasse ou até mesmo para evitar seu ataque. É esta privação a causa da perpétua aflição da Natureza, chamada pelos sábios de vácuo. Eles sabiam que o poder da palavra, o Verbo, deveria preencher todas as coisas, e sofreram porque havia algo onde ele não era ouvido. Eles sabiam que o Universo, sem o Verbo, é vazio, não significava nada para eles, uma vez que Deus por si só era completo e significava todas as coisas; desta forma, o que quer que não faça parte da plenitude de Seu Ser divino, só pode mostrar o reverso de Suas propriedades universais.

Eles sabiam que o homem não podia orar sem preparação, ou seja sem que sua atmosfera estivesse repleta pelo Verbo, ou, num sentido mais amplo, sem que o poder da palavra fosse restaurado ao universo. Eles lamentaram suas dores e em nome do homem disseram: "Este universo, esta bela imagem que deveríamos admirar com entusiasmo, se não estivéssemos cegos para todas as suas necessidades; este universo está sem o poder da palavra e não pode tomar parte da oração; ele é até mesmo um obstáculo para ela, pois só podemos orar com nossos irmãos. Deus! então só iremos orar com tranqüilidade quando o universo desaparecer! somos obrigados a esperar até o fim de todas as coisas, para dar livre direção ao ardor que nos consome!" Quem poderia resistir a tal aflição? Eles passaram seus dias em agonia!

OH, Homem! uma vez que você se encontra no mundo, não há nenhuma de suas tormentas que você não possa sentir e compartilhar.

Já que teu corpo participa das diversas influências e temperaturas das quais os elementos são, ao mesmo tempo, o meio e a fonte.

Sim, já que você foi capaz de causar as dores do universo, você está suscetível a senti-las; por tomar parte de suas dores, você só pode contribuir em parte para o desenvolvimento de suas faculdades: somente através dos movimentos coincidentes com seus sofrimentos é que se pode ter sucesso na restauração da satisfação do universo, e torça para que a liberdade seja inseparável de sua oração.

Um dia, você terá, de fato, que entrar nas tormentas do Espírito, de Deus e do Verbo, tanto individual como universalmente; pois os direitos de seu ser o chamam a agir coordenadamente nestas duas regiões e então, ocorrerá seu renascimento e a Obra será ampliada para você.

A criação ainda padece pela redenção

O homem encontra algo misterioso nos lugares ermos cercados por vastas florestas, ou banhados por algum grande rio, e estas cenas misteriosas e majestosas parecem ter ainda mais poder sobre ele nas sombras e na quietude da noite. Mas ele pode observar que o silêncio de tudo isto cria uma dolorosa impressão na alma, que mostra claramente a real causa do vácuo a que nos referimos anteriormente. De fato, a Natureza é como uma criatura muda, expressando, tão bem quanto possível, através de seus movimentos, as necessidades que a devoram mas que, pela falta da palavra, não pode expressar como deseja; isto dá um tom de tristeza e seriedade à sua felicidade, impedindo-nos de ficar completamente satisfeitos. No meio daquelas grandes cenas, sentimos realmente que a natureza está exausta de ser incapaz de falar; e nossa admiração dá passagem a um langor próximo à melancolia, quando nos entregamos a estas dolorosas reflexões. Isto deveria ser suficiente para compreendermos que todas as coisas deveriam falar e esta convicção traz uma outra convicção, a de que todas as coisas deveriam ser diáfanas e fluidas e que tal estagnação e opacidade são as causas fundamentais do silêncio e da exaustão da Natureza.

Natureza, uma prisão para o Homem

Que tipo de morada é esta então para você, oh Homem, em meio de todas estas coisas que não podem manifestar nem o prazer e nem a palavra? Você não vê qual a duração desta imperiosa necessidade da fala e do prazer, e o que te espera quando liberado da prisão da Natureza, assim como que tipo de ocupação deve preencher no mundo, se ainda pensa em ser seu Consolador?

Estude a transudação universal da Natureza; este óleo da amargura irá lhe ensinar o bastante para que saiba que a Natureza nada mais é do que um sofrimento concentrado. Mas, embora a Natureza esteja condenada ao silêncio e a exaustão, observe que ela fala mais alto durante o dia do que durante a noite; isto é uma verdade que pode ser facilmente verificada, e sua inteligência irá apontar a razão, irá te mostrar que o Sol é o verbo da Natureza e que quando ele não está presente ela não desfruta do uso de suas faculdades por muito tempo; mas quando o Sol volta para restaurar-lhe a vida através de

seu verbo ígneo, a natureza redobra seus esforços no sentido de aflorar tudo o que está em seu interior.

Assim, todas as criaturas que compõem esta Natureza, se empenham em glorificar e louvar esta inefável fonte de luz, que é a melhor prova do ardor e atividade da Natureza. Agindo assim, estas criaturas demonstram claramente a obra que devemos realizar neste universo, e o que nos espera quando sairmos desta casa transitória que nada mais é do que o túmulo da eternidade, onde nossa tarefa é trocar nossas moedas estrangeiras pelo dinheiro de nossa própria região, a morte pela vida.

A Natureza também regozija-se na esperança

Tenham coragem, homens de desejo, se por um lado o silêncio da Natureza é a causa de sua exaustão, o que pode ser mais eloqüente que seu silêncio? Este é o silêncio do sofrimento e não da insensibilidade.

Quanto mais você examinar, mais certamente irá observar que, se a natureza tem seu período de sofrimento, também tem seus momentos de prazer que só você pode discernir e apreciar. A Natureza sente a vida circular secretamente em suas veias; ela está sempre pronta a ouvir, através de seus órgãos, o som do Verbo que a sustenta e a posiciona como uma barreira contra o inimigo. Ela busca em ti, o fogo ativo que queima naquele Verbo, e que pelo seu intermédio transmitiria um bálsamo de cura para suas feridas. Sim! embora o homem da terra não compreenda mais do que o silêncio e a exaustão da Natureza, vocês, oh homens de desejo, estão assegurados de que tudo nela é vocal, profetizando sua libertação em cânticos sublimes: no santo ardor, e pelas ordens das alturas, você proclama que tudo no homem deve romper-se em música, para cooperar nesta libertação, e tomara que todas as pessoas algum dia possam dizer como vocês, que tudo na Natureza canta. Vocês são como que precursores daquele reino da Verdade a que todas as coisas almejam. Vocês avançam majestosa e divinamente nesta seqüência de cura, que restaura a cada época sua seqüência oposta ao mal: o mal devora a substância de vida das grandes épocas, que teve o seu início e só terminará com o tempo, destinadas à iniquidade até que suas medidas sejam completas, o que está a julgamento. No tempo, o mal está somente em privação, e ainda assim, ele teve sucesso em estender os limites de sua prisão sobre aqueles de quem pudesse extrair alguma informação sobre o que estava se passando do lado de fora, o que foi possível através da corrupção do carcereiro. Mas, em meio a este doloroso progresso do inimigo, vocês triunfam por antecipação, pois observam também a progressão salutar avançando com relação a seu termo de glória e vitória. Vocês a ouvem por antecipação, pronunciando sentenças de execução sobre o criminoso, que ainda não sabe nada sobre ela, e irá continuar nesta ignorância até chegar a hora de sua punição final.

Por fim, vocês a vêem por antecipação, cantando, através da natureza, e nas almas dos verdadeiros homens, as músicas da satisfação, que irão coroar seus desejos e exercícios de oração; pois, se é verdade que tudo é coro na Natureza, é ainda mais certo que tudo ora, uma vez que tudo é luta e aflição.

É necessário conhecer o campo de ação

Como pode alguém estar empenhado em aliviar qualquer coisa, sem conhecer sua estrutura e composição? E como sua composição e estrutura podem ser conhecidas, a

menos que as diferentes substâncias de que são constituídas também sejam conhecidas, tanto quanto as qualidades e propriedades ligadas a estas substâncias? Por último, como podem estas qualidades e propriedades serem conhecidas, se a fonte fundamental de onde derivam não é conhecida?

Ao invés de investigar profundamente estes fundamentos, os homens tem permitido que seus pensamentos se percam com questões inúteis que ao mesmo tempo que os colocam longe do caminho que deveriam seguir, não lhes pode ensinar nada. Tal é, por exemplo, a pueril questão sobre a divisibilidade da matéria, que mantém as escolas em sua infância.

Não é a matéria que é infinitamente divisível; é seu campo de ação ou em outras palavras, os poderes espirituais do que pode ser chamado de espírito material ou astral. Estes poderes são inumeráveis. No momento em que devam se transformar em forma e imagem, a substância não falta, pois os poderes estão impregnados por ela e a produz, de acordo como o poder elementar com o qual se unem. Assim, tudo o que existe aqui embaixo, cria para si mesmo a substância de seu próprio corpo.

Ora, a exatidão microscópica de alguns corpos, dos animálculos por exemplo, não deve nos surpreender e nem o fato de serem tão perfeitamente organizados, segundo suas espécies. Todos os corpos não são mais do que uma realização do plano do Espírito Astral, agregado à operação espirituosa individual, de cada corpo; é preciso ter em mente está importante verdade que é a de que, como o Espírito não tem ciência do espaço, mas somente de graus de intensidade em suas virtudes fundamentais, não há um único poder espirituoso do Espírito, materialmente sensível ou não, que não esteja de acordo com o elemento oculto ou com aquela mais elevada corporificação mencionada anteriormente, sob o nome de Natureza Eterna.

O nascimento da matéria

A passagem da Natureza Eterna para a região material acontece somente pela mais extrema concentração e atenuação daquele poder espirituoso do Espírito, sobre o qual o poder elementar tem a propriedade de ajudar a formar seu corpo ou envoltório. Este poder elementar tem completa autoridade em sua região própria e a exerce com domínio universal sobre todo princípio espirituoso que lhe é apresentado: eles se unem somente em seus mínimos, que aqui são inversos, sendo um o mínimo da atenuação e o outro o mínimo do crescimento ou desenvolvimento. O princípio espirituoso, por sua vez, produz uma reação vivificante no poder elementar; desta forma, na proporção em que este princípio se desenvolve, o poder elementar também é desenvolvido para alcançá-lo, como se vê no crescimento das árvores e dos animais.

Quando, por este meio, este princípio adquire força suficiente para se livrar do domínio do poder elementar, ele se separa, como se vê em todas as florações, aromas e cores, ou seja, no amadurecimento de qualquer produção. Todas abandonam suas matrizes quando estas não podem mais mantê-las e então, estas matrizes retornam ao seu mínimo, para não dizer aniquilamento, pois não possuem, até então, qualquer fundamento espirituoso para estimular sua reação.

A matéria é indivisível

Assim, em primeiro lugar, a matéria não é infinitamente divisível, considerada em relação à sua substância; não podemos nem mesmo obter a sua divisão, como já mostramos, uma vez que os corpos orgânicos não podem ser divididos sem que pereçam; além disso, a matéria não é infinitamente divisível em suas ações é interrompida tão logo que o fundamento espiritual, que serve como seu agente, é afastado; a retirada e o desaparecimento deste fundamento põe um fim nesta ação.

A divisibilidade infinita, considerada de forma abstrata, é ainda menos possível, pois ela nada mais é do que nossa própria concepção que serve como fundamento para uma pretensa matéria, que forjamos continuamente; e enquanto nossa mente fornecer tal substrato ou germe, a matéria lhe dará atribuições em nossos pensamentos, dando-lhe forma e revestimento.

Assim, enquanto respeitarmos esta divisibilidade, ou considerarmos seus resultados temporais, iremos considerá-la possível e real, já que uma forma sensível sempre seguiu o fundamento que oferecemos a ela; mas, tão logo afastamos nossas mentes de seu centro de ação, o qual abordamos só intelectualmente, esta forma desaparece e não há mais qualquer divisibilidade na matéria.

Matéria uma figura ou retrato

Se os eruditos de todos os tempos, desde Platão e Aristóteles, a Newton e Spinoza, tivessem ao menos observado que a matéria nada mais é do que uma representação ou imagem daquilo que não é ela propriamente dita, não teriam se torturado e nem teriam falhado tanto ao afirmarem o seu significado.

A Matéria é como um retrato de uma pessoa ausente; devemos realmente conhecer o original, a fim de sabermos como ela é; se assim não for, ela será para nós senão uma obra da imaginação, onde se pode fazer qualquer conjectura, sem ter a certeza de que seja correta.

A Magia da Natureza

Contudo, nesta série de formação das coisas, há um ponto importante que não irá render-se ao nosso conhecimento, é o da magia da geração das coisas, e isto acontece só porque, buscamos pela análise, o que só pode ser apreendido através de uma impressão secreta; e mesmo assim, podemos dizer, que Jacob Boehme levantou o véu, quando abriu para nossas mentes as sete formas da Natureza, e até mesmo a eterna raiz de tudo.

A verdadeira característica da magia é ser o instrumento e o meio de passagem de um estado de absoluta dispersão ou indiferença, que Boehme chama de abismal, para um estado de sensibilidade, de qualquer ordem, espiritual ou natural, simples ou elementar.

A geração, ou esta passagem do insensível para um estado de sensibilidade, é perpétua. Ela ocupa o meio entre o estado insensível e disperso das coisas, e o estado de sensibilidade caracterizada, sem fazer parte de nenhum destes estados, já que não é nem dispersão, como o estado abismal, e nem uma manifestação desenvolvida, como as coisas que transmite e comunica a nós.

Neste sentido, a Natureza tem sua magia, pois compreende tudo o que está acima de si em dispersão, ou todas as essências astrais e elementares que devem contribuir para a produção das coisas; ela contém ainda, todas as propriedades ocultas do mundo superior para o qual sempre tende a dirigir nossos pensamentos.

Neste sentido, cada produção particular da Natureza também tem sua magia, pois cada uma em particular seja uma flor, um sabor, um animal, uma substância metálica, é um meio entre o invisível (propriedades insensíveis que estão em sua raiz, em seu princípio de vida ou em suas essências fundamentais) e as qualidades sensíveis que emanam desta produção, e que se manifestam através de seus meios.

É neste meio, que tudo o que deve aparecer em cada produção é elaborado e preparado. Este local de preparação, este laboratório, no qual não podemos penetrar sem destruí-lo é, por isto mesmo, a verdadeira magia para nós, embora possamos conhecer todas as etapas que ocorrem nesta produção, e até mesmo as leis que apontam os efeitos.

Região de regeneração da Natureza

O princípio deste processo oculto está fundamentado na própria regeneração Divina, na qual o agente eterno serve para sempre como passagem para a infinita imensidade das essências universais. Nesta passagem, estas essências universais são respectivamente impregnadas para que após esta impregnação, elas possam ser manifestadas em seu ardor ativo, com todas as suas qualidades individuais, e mais aquelas que comunicaram uma a outra durante sua permanência neste agente, ou durante sua passagem por ele.

Ora, sem tal agente, este lugar de passagem, não teria nada manifestado, nada apreensível por nós; assim, todos os agentes da Natureza, assim como ela própria, e todos os agentes da Natureza espiritual, são unicamente imagens deste agente primitivo e eterno; eles apenas repetem sua lei; desta forma, tudo o que há no tempo é o demonstrador, comentador e o continuador da eternidade.

Eternidade, a causa; coisas criadas, a manifestação

A Eternidade, ou o que é, deveria ser considerada como a causa de todas as coisas. As criaturas são como molduras, vasos ou revestimentos ativos, na qual esta Essência viva e verdadeira se encerra, a fim de se manifestar por seus meios.

Alguns, como aqueles que compõem o universo, manifestam os poderes espirituosos desta mais alta Essência. Outros, como o Homem, manifestam suas essências espirituais, isto é, o que há de mais íntimo nesta Essência única, este Ser dos seres.

Deste modo, embora possamos ser ignorantes com relação à geração das coisas, ainda assim, todo conhecimento a que temos preferência e do qual nos beneficiamos quando obtemos, possui esta Essência verdadeira como base e objetivo: assim, as belezas da Natureza e as úteis e nobres propriedades, desde que tiveram sua queda detida por Deus, ainda estão para serem encontradas na Natureza, apesar de sua degradação. Ambas pertencem a esta Essência verdadeira, podendo servir como seus órgãos, estrutura e condutor.

Quando incluímos modificações na existência destas questões, como fazem constantemente nossas falsas ciências, é porque não nos dedicamos e nem nos damos o trabalho de buscar nelas esta verdadeira essência que possuem e que procuram tornar conhecidas; podemos, menos ainda, reviver esta essência nas questões onde se encontra entorpecida, e então nós prolongamos os males que causamos à natureza, ao invés de amenizá-los como deveríamos.

Homem, o médico da natureza, deve conhecer sua constituição

Vamos repetir então, a suposição de que o universo estivesse em seu leito de morte, como poderíamos lhe trazer alívio, se fôssemos ignorantes, não só com relação ao que constitui o universo propriamente dito, mas também sobre as relações que suas diferentes partes e propriedades, que formam a máquina toda e regulam seus movimentos, devem ter um com os outros?

Mas, embora o homem, em sua pequena esfera, esteja empenhado diariamente em restaurar a harmonia e a saudável constituição, entre os elementos e os poderes universais que estão em guerra, embora ele se esforce em por um fim na dolorosa discórdia que maltrata a Natureza à sua volta, a idéia de sua contribuição para o alívio do universo, provavelmente criará surpresa e, à primeira vista, parecerá exagerada, e muito além de nosso poder; o mal é tão abundante, que as escolas e acima de tudo, o próprio peso opressivo do universo, sob o qual nos submetemos, tem dispersado nossos verdadeiros direitos e privilégios.

Ao mesmo tempo, a mera idéia de nosso conhecimento sobre a estrutura e composição do universo, de como foi feito, e o que são aqueles corpos, que circulam tão grandiosamente no espaço, não está exposta à mesma objeção.

Pois, se pode dizer, que estas questões, tendo sido objeto da curiosidade e pesquisa dos homens, ávidos por conhecimento, em todas as épocas; ainda que as julgemos meramente pelas famosas doutrinas que tem nos transmitido estas questões, uma luz muito medíocre parece ter resultado de suas pesquisas.

De fato, os filósofos da antigüidade nos ajudaram muito pouco neste assunto. É muito pouco para eles dizerem, como Tales, que o universo deve sua origem à água; ou, como Anaximenes que se deve ao ar; ou, como Empédocles, que é composto de quatro elementos continuamente em guerra entre si mesmos, sem nunca serem capazes de destruírem uns aos outros: supondo, é claro, que pudéssemos julgar estas doutrinas na ausência de quaisquer demonstrações que pudessem justificá-las a seus autores e partidários.

O mínimo que posso fazer é suspender meu julgamento, mesmo com relação às "qualidades" de Anaximander, e as "formas plásticas" de Stoics. Elas podem ser obscuras, mas temo que poderia ir longe demais taxá-las de tolices e de sonhos dos filósofos. A sentença não pode, nestes casos, ser proferida à revelia e se estas aparentes tolices forem combatidas por incrédulos, como, sem dúvida, foram, provavelmente aquilo que era apenas obscuro só será substituído por manifestos insensatos.

Os modernos também não tem ampliado nosso conhecimento a respeito destas grandes questões: pois o que o sistema de Tellimed nos ensina, afirmando que tudo vem do

mar? E as mónadas de Leibnitz. E as moléculas integrais e agregadas da Física moderna, que nada mais são do que os átomos de Epicurus, Leucippus e Democritus, mais uma vez?

Os resultados insatisfatórios da pesquisa humana

A mente do Homem, incapaz de penetrar nestas profundezas, com o sucesso que gostaria, ou incapaz de fazer os outros compreenderem a verdadeira significação do progresso e descobertas feitas por ela, tem sempre retornado ao estudo das leis que direcionam o curso externo de nosso planeta, ou aquelas de outros planetas, acessíveis à nossa vista: é daqui que temos adquirido todo conhecimento astronômico que já obtivemos, seja na antigüidade ou nos tempos modernos.

Embora estas grandes aquisições, que tem sido tão espantosamente ampliadas em nossos dias, através do aperfeiçoamento de nossos instrumentos e da maravilhosa assistência da análise algébrica moderna, nos tem proporcionado uma satisfação agradável por estarem baseadas na estrita demonstração; contudo como elas nos ensinam somente as leis externas do universo, não satisfazem a todos nós, a menos que reprimamos ou paralisemos, dentro de nós, o desejo secreto, que todos possuímos, por um alimento mais substancial.

Assim, apesar das brilhantes descobertas de Kepler sobre as leis dos corpos celestes, Descartes, que foi tão célebre por ter aplicado a álgebra à geometria, procurava descobrir a causa e a ordem de seus movimentos. Enquanto Kepler demonstrou, Descartes tentou explicar: é enorme a atração da mente do homem pelo conhecimento, não somente do curso das estrelas, das leis e duração de seus movimentos periódicos, mas da causa mecânica destes movimentos; contudo isto levou aquele admirável gênio àqueles desafortunados sistemas que as pessoas tem rejeitado, sem terem, até aqui, nada mais para substituí-los. O conhecimento das leis da astronomia, e mesmo da própria atração compreende os movimentos das estrelas, mas não explicam seus mecanismos.

Descartes tentou apenas explicar o mecanismo dos corpos celestes, mas desde então, homens célebres tem se esforçado em penetrar ainda mais profundamente na existência destes corpos, tentando explicar sua origem e formação primitiva.

Não me refiro aqui a Newton, pois sua bela descoberta da gravidade e atração, que se aplica de maneira tão feliz à toda parte do universo teórico, é ainda apenas uma lei secundária que pressupõe uma lei primária, da qual esta gravidade deriva e da qual pode ser somente um órgão, e o resultado.

As hipóteses de Buffon e Laplace

Eu falo de Buffon, que segundo grandes sábios, é o primeiro, desde a descoberta do verdadeiro sistema dos movimentos celestes, que procurou chegar à origem dos planetas e de seus satélites. Ele supõe que algum cometa, ao lançar-se sobre o sol, arremessou de seu interior um fluxo de matéria, que se unindo à distância formaram globos, segundo Buffon, são os planetas e satélites que sob resfriamento, tornaram-se opacos e sólidos.

O erudito Laplace não admite tal hipótese, porque satisfaz somente o primeiro dos cinco fenômenos numerados por ele (Pag. 298). Laplace tenta, por sua vez (Pag. 301),

levantar a verdadeira causa; embora, de forma modesta e com sábia hesitação, ele nos oferece algo que não é o resultado da observação e dos cálculos.

Sua idéia da "causa verdadeira" se baseia no fato de que se os planetas receberam seus movimentos circulares, todos na mesma direção, ao redor do Sol, um imenso fluído deve ter circundado aquele Orbe, assim como uma atmosfera; ele supõe que, no princípio, esta atmosfera solar tenha se estendido além das órbitas de todos os planetas, e gradualmente se contraído ao seu atual limite.

Laplace acredita que a grande excentricidade das órbitas dos cometas conduz ao mesmo resultado, e evidentemente indica o desaparecimento de um grande número de órbitas menos excêntricas; isto sugere uma atmosfera ao redor do sol, estendendo-se além do periélio de todos os cometas conhecidos, que destrua os movimentos daqueles que a atravessam durante sua grande extensão, reunindo-se ao sol.

Então, diz ele, fica claro que somente aqueles cometas que estavam além daquela atmosfera, durante aquele período, pode existir atualmente; que, como podemos observar, somente aqueles cujo periélio se assemelham ao sol devem possuir uma órbita bastante excêntrica; mas que, ao mesmo tempo, suas inclinações devem ser tão desiguais como se estes corpos tivessem sido arremessados de qualquer forma, já que a atmosfera solar não influenciou seus movimentos; desta forma, a grande duração da revolução dos cometas, a grande excentricidade de suas órbitas, e a variedade de suas inclinações, são naturalmente explicadas por meio desta atmosfera.

Contudo, Laplace pergunta, como esta atmosfera determina os movimentos de revolução e rotação, dos planetas? Ele mesmo responde: se estes corpos tivessem penetrado neste fluído, suas resistências os teriam lançados sobre o sol; podemos conjecturar que eles foram formados em limites sucessivos desta atmosfera, pela condensação de suas zonas, as quais tiveram que abandonar, no plano de seu equador, no processo de resfriamento e condensação, podemos conjecturar ainda, que os satélites tenham sido formados da mesma maneira, pelas atmosferas planetárias e finalmente, que os cinco fenômenos dos quais falou, seguiram naturalmente estas hipóteses, sendo que os anéis de Saturno contribuem com adicional probabilidade.

Vamos examinar estas duas hipóteses:

A de Buffon, além dos defeitos apontados pelo erudito Laplace, oferece uma dificuldade ainda maior, ou seja como saberemos de onde surgiu aquele cometa, que se supõe ter se chocado contra o sol, e separado a matéria dos planetas, visto que os planetas e cometas pareciam ter tido, originalmente, uma grande afinidade em seus movimentos.

De fato, se estas duas ordens de corpos celestes diferem quanto a excentricidade, direção e inclinação, elas se assemelham umas às outras ao estarem sujeitas às mesmas leis de gravidade e atração, de proporção como a velocidade e distância, e na igualdade

de áreas percorridas no mesmo espaço de tempo; estas semelhanças permitem que se calcule, através do mesmo método, o curso dos planetas, dos cometas e aplicar a eles as magníficas descobertas de Kepler e Newton.

Quanto a Laplace, se ele perceber que seus cinco fenômenos resultam naturalmente de sua hipótese, irá perceber também, que apesar de tudo, ela ainda deixa muito a desejar.

Na verdade, é difícil conceber como a atmosfera solar permitiu a formação dos planetas e cometas apenas através da sua própria contração em seus atuais limites, assim como é difícil compreender como ela se retraiu, uma vez que originalmente se estendia além do periélio de todos os cometas conhecidos, e ainda segundo Laplace, como a grande excentricidade de suas órbitas levam aos mesmos resultados; não se pode conceber, penso eu, como a atmosfera solar que, de acordo com esta hipótese, se estendia além do periélio de todos os cometas conhecidos, tenha sido atravessada, por toda sua grande extensão, por um grande número de orbes menos excêntricos, sendo estes reunidos ao sol após perderem seus movimentos, já que a existência e formação destes orbes e cometas menos excêntricos, no centro desta atmosfera, poderia contradizer todo o seu sistema.

Não se pode conceber porque os cometas puderam penetrar nesta atmosfera solar; quanto aos planetas, considerando a sua pequena excentricidade, não deveriam ter penetrado ali sem serem igualmente destruídos; e sua circulação mesmo que exclusiva ao redor de seu eixo os teriam precipitados na massa solar, uma vez que ambos, segundo Laplace, devem suas origens à mesma causa; disto resultaria que, depois de se passar muito tempo, não deveríamos ter mais planetas, visto que foi dito (Pag. 301) que esta imensa extensão fluida deve ter envolvido todos os corpos, planetas e satélites.

Finalmente, não se pode conceber, que os planetas devam sua formação somente à retração ou encolhimento da atmosfera solar, e nem que se possa atribuir a formação dos satélites à retração ou encolhimento daquele seus dirigentes planetários, uma vez que estes satélites que se supõe serem exatamente da mesma natureza de seus dirigentes, devam atribuir sua origem à uma causa simultânea; além disso a atmosfera solar, ao se encolher ou retraindo, não deve deixar atmosfera alguma atrás de si.

As Leis da Natureza são complexas

Sem prolongar a investigação destas hipóteses incompletas, irei dizer que, em geral, aquilo que milita contra a precisão e verdade de todas as hipóteses nasce da mente humana, é a linha secreta que os homens devem seguir com relação a todos os fenômenos naturais, um mecanismo uniforme, e um elemento singular, simplesmente porque estes aspectos parecem ser o mais regular e perfeito.

Em todas as explanações, o mais perfeito é o que é mais verdade, no entanto, quão múltiplas e complexas causas podem ser consideradas pela explanação. Pode-se dizer, que o esquecimento desta verdade, é o que mais tem retardado o desenvolvimento de nosso conhecimento e dificilmente há uma ciência que não tenha sido e continue sendo sensivelmente injuriada por isto.

Como o progresso da astronomia sofreu pela idéia, nutrida pelos sábios anteriores a Kepler, de que orbes descreviam somente órbitas circulares, porque isto é o que

consideravam o mais simples e perfeito; assim, a crença da unidade nas causas e condições radicais podia servir como base na formação e movimentos das orbes, retardando o conhecimento das fontes das quais realmente derivam.

Outra observação, não menos verdadeira, que sustenta este fato, é que as leis dos resultados externos são mais fáceis de captar do que aquela dos órgãos pelos quais estes resultados são transmitidos; e a lei destes órgãos é mais fácil de ser encontrada que aquela lei das causas que constitui e governa os próprios órgãos; isto porque quanto mais profundo penetramos, abaixo da superfície das coisas, mais encontraremos suas faculdades pronunciadas e maior serão seus contrastes e diversidades.

Assim, para determinar o curso e períodos que os ponteiros de um relógio descrevem sobre seus indicadores, basta observarmos e seguir seus monótonos movimentos, porque, aqui, há um único fato, e uma fórmula é suficiente para descrever e explicá-lo. Se olharmos no interior do relógio, encontraremos muitos e diversos agentes cujas leis são, necessariamente mais numerosas, e cuja explanação é menos simples, pois aqui há uma gama de conflito e oposição de atividades.

Se formos além e examinarmos o que mantém as rodas do relógio em movimento, calcular tais movimentos, a força e a resistência que governam todas estas atividades, e se decompusermos as várias substâncias usadas neste mecanismo para verificar qual funciona melhor, veremos como os ramos do conhecimento se multiplicam, e quão longe estaríamos da verdade se tentássemos submeter todos estes diferentes ramos sob uma mesma lei e uma única explicação.

Heis o porque de que quando o gênio do homem observou, com atenção, os movimentos externos das estrelas, chegou àquelas maravilhosas descobertas dos tempos modernos, aqueles grandes axiomas, pelos quais ele descreve, com as mais simples leis, a verdadeira marcha dos corpos celestes.

Mas agora o homem tem se ocupado unicamente com a questão do relógio e ao invés de fornecer, o que os sábios chamam de verdadeiro sistema do universo, tem fornecido apenas seu itinerário; e mesmo assim tem esquecido aquilo que é essencial em viagens, ou seja, de nos dizer de onde vem e para onde vai o viajante.

E, quando, após descrever os movimentos dos corpos celestes, o homem procurou descrever seus poderes orgânicos e primitivos, ou seja, penetrar no interior do relógio, vemos através das duas hipóteses acima, Buffon e Laplace, quantas foram as dificuldades e quão pouco o que se alcançou.

As dificuldades se tornaram ainda maiores, quando, não satisfeito com a investigação sobre o poder de movimento primitivo e orgânico dos corpos celestes, o homem buscou responder sobre a formação original destes corpos, como vimos pelas duas hipóteses em questão.

Não tenho receio de repetir que a razão disto tudo, é que, ao penetrarmos por baixo da superfície das operações da Natureza, encontramos os diferentes poderes de movimento de forma distinta, sem estarem submetidos a nenhuma lei ou ação, conseqüentemente sem estarem sob qualquer explicação geral, aplicável à monotonia ou uniformidade dos fenômenos externos que nada mais são do que resultados relativos.

Outra hipótese

Se os autores das duas hipóteses anteriores não foram impedidos de publicá-las, embora não tenham, até então, explicado a origem das estrelas, posso, por minha vez, arriscar a apresentar uma terceira hipótese, muito embora esta possa resultar em nenhum sucesso melhor.

Em todo caso, esta hipótese não estará sujeita as objeções de analistas, como as outras duas, não será considerada como resultado da observação e do cálculo.

Além disso, seu objetivo não será o de descrever o curso e movimentos das estrelas, o que em nossos dias, seria supérfluo; as ciências exatas tem levado nosso conhecimento, a este respeito, a tal grau de perfeição, que, a menos que o estendamos, não podemos questionar ou apresentar resistência.

A presente hipótese tão pouco irá ser apresentada como uma tentativa de explicar o tipo de conjunção ou impulso que possa ter colocado os corpos celestes em movimento, da forma que os observamos circular atualmente. Para realizar tal hipótese, deveria, em primeiro lugar, estar de acordo com os sábios quanto ao surgimento e movimento deste mundo, fato este que não causava discórdia entre eles, já que acreditavam ser impossível saber como isto aconteceu. A hipótese em questão irá então, simplesmente seguir o princípio citado acima, ou seja, de que as leis da criação aumentam em número, e de que as propriedades das coisas aumentam em energia, na medida em que penetramos em suas profundezas.

O principal objetivo desta hipótese, no entanto, será o de dar uma idéia da origem dos corpos celestes, e da formação daqueles que chamamos planetas; ao fazermos isto, devemos aplicar os princípios aludidos.

Antes de apresentar a hipótese, devo lembrar ao leitor que seu autor, Jacob Boehme, tomou como certo a existência de um Princípio Universal, assim como uma Fonte e um Regulador Supremo de tudo o que é; ele reconheceu a natureza do Homem pensante como sendo distinta da ordem animal, além da degradação das espécies humanas, que tem se estendido ao próprio universo e o convertido numa mera prisão e num túmulo para nós, ao invés de ser nossa morada de glória.

A hipótese de Boehme

Boehme estava convencido, assim como o sábio Laplace (Pag. 261), de que todas as coisas estão conectadas na imensa corrente das verdades: portanto, ao desenvolver seu sistema, Boehme se utilizou de todos os fundamentos e dados que envolve todas as coisas; isto porque, se em pensamento, separássemos uma porção do sistema universal, para torná-lo um sistema à parte, nunca conseguiríamos dividir os princípios que conectam este sistema parcial com o princípio geral.

Boehme acreditava que o princípio, ou como ele chamava, a Natureza Eterna, de onde esta atual Natureza desordenada e transitória se derivou pela violência, repousava sobre sete fundamentos principais, ou sete bases, os quais, algumas vezes chama de poderes, outras vezes de formas e até mesmo de rodas espirituais, fontes e origens, pois ele escreveu num tempo em que nenhum destes termos havia sido usado, como são os termos "formas plásticas" e "qualidades" dos antigos filósofos em nossos dias; além disso, estas expressões, provavelmente, não foram melhor compreendidas do que aquelas usadas pelo nosso autor. Ele acreditava que estas sete bases ou formas também existiam nesta atual Natureza desordenada que habitamos, mas somente sob controle, e neutralizadas por poderosas redes das quais tentam se livrar a todo custo, afim de vivificar as substâncias elementares mortas, e produzir tudo o que há de perceptível no universo.

Boehme procurou dar nomes a estas sete qualidades fundamentais ou formas, em nossas linguagens, que segundo ele são degradadas, assim como o próprio homem e o universo.

Eu poderia prontamente abster-me de fornecer esta nomenclatura, tendo em conta a dificuldade de sua aceitação por parte do leitor; mas como sem ela, seria ainda mais difícil compreender a formação original dos planetas, de acordo com o sistema do autor, devo utilizar sua própria linguagem.

O primeiro destes poderes é chamado de adstringência, ou poder coercivo, já que compreende e inclui todas as outras. Assim, tudo o que é duro na natureza, ossos, caroços das frutas, pedras, lhe pareciam pertencer principalmente a esta primeira forma ou adstringência. Boehme estende esta nomenclatura ao desejo que, em todas as criaturas, é a base e o princípio de tudo o que elas fazem, e, através de sua natureza, atraem e abarcam tudo o que deveria pertencer à sua ação, tudo de acordo com sua espécie.

A segunda é denominada de amargor ou amargura que lutando, com sua atividade penetrante, para dividir a adstringência, abre o caminho da vida, sem a qual toda a Natureza permaneceria morta.

A terceira forma é denominada de angústia, pois a vida é compressada pela violência das duas forças precedentes; contudo, neste conflito, a adstringência é atenuada, se torna branda e se transforma em água para dar passagem ao fogo, até então preso na adstringência.

A quarta forma é chamada de fogo, pois do conflito e fermentação das três primeiras, este surge através da água como um relâmpago, que Boehme denomina de luz ígnea, ardor, o que equívale ao que se passa diante de nossos olhos quando o fogo lança-se em relâmpagos através da água das nuvens negras.

A quinta forma tem o nome de luz, pois a luz surge após o fogo, como vemos nas lareiras, fogos de artifício e outros fenômenos físicos.

A sexta forma é chamada de som, pois o som, de fato, surge após a luz, como verificamos no disparo de uma arma ou assim como só falamos após termos pensado.

Finalmente, à sétima forma Boehme dá o nome de ser, substância ou a coisa propriamente dita, pois como ele supõe, é só então que a profundidade da existência é revelada; de fato, as obras que geramos através de nossas palavras devem ser consideradas como complementos de todas as forças que as precederam.

Boehme aplica estas sete formas, no curso de suas obras, à própria Força Suprema, à natureza pensante do homem, ao que chama de Natureza primordial eterna, à Natureza atual na qual vivemos, aos animais, plantas, e a todas as coisas criadas a cada uma na proporção e combinação adequada a sua existência e emprego na ordem das coisas: Eu digo ainda, que não devemos nos surpreender ao ver Boehme aplicar estas formas aos planetas e a todos os corpos celestes, que incluem em si estas sete bases fundamentais, da mesma forma que a mais insignificante produção no universo.

Quando Boehme aplicou suas formas à natureza dos planetas, as aplicou também aos seus números, compartilhando neste ponto da opinião que dominou o mundo, de forma universal, e que só caiu por terra a partir de recentes descobertas, ou seja, aproximadamente dois séculos após sua morte.

Mas a aplicação de sua doutrina ao suposto número de sete planetas foi algo secundário em seu sistema, e, se a existência das sete forças ou sete formas fosse real, seu sistema ainda permaneceria inabalável, apesar de que o número de planetas conhecidos tenha aumentado desde que ele escreveu ou pudesse aumentar ainda mais daqui para frente.

De fato, quando se acreditava na existência de sete planetas, nada mais natural que este autor pensasse que cada um, embora incluindo neles todas as forças ou sete formas em questão, pudessem, não obstante, expressar mais particularmente uma destas sete formas e assim derivar os diferentes caracteres que os distinguem, o que nada mais é do que a diversidade de cores existente entre eles.

Muito embora a classificação dos planetas atualmente exceda o número de sete, a predominância de uma ou outra das sete formas da Natureza não cessaria de ter efeito em cada um; somente alguns deles poderiam ser constituídos de tal forma que nos apresentassem a marca e a predominância de uma e sempre a mesma forma ou propriedade.

O número de funções não varia; somente o número de funcionários poderia crescer, de tal forma que nos ajudaria a distinguir a qualidade daqueles empregados na mesma função: é improvável que todos fossem iguais, pois a Natureza não nos oferece nada igual. Agora iremos prosseguir com a hipótese em questão.

A hipótese de Boehme continua

A geração ou formação original dos planetas e de todas as estrelas, segundo Boehme, não foi outra senão o engendramento a partir da eternidade, de acordo com as surpreendentes proporções harmônicas da Sabedoria Divina.

Na ocasião da grande revolução, em uma das regiões da Natureza primitiva, a luz saiu desta região e envolveu o espaço da Natureza presente, que se tornou como um corpo

morto, sem nenhum movimento. Então, a Sabedoria Eterna, que Boehme chama, algumas vezes de SOPHIA, Luz, Brandura, Êxtase e Deleite, provocou uma nova condição que teve origem no centro, no coração do universo ou mundos¹, para evitar e impedir sua total destruição.

Este espaço, ou centro, segundo o autor, é onde nosso sol começa a arder. Fora deste espaço ou centro, todos os tipos de qualidades, formas ou poderes que preenchem e constituem o universo, são engendrados e produzidos, todos em conformidade com as leis da geração divina; Boehme admite, em todos os seres e eternamente na Sabedoria Suprema, um centro onde ocorre, uma produção ou subdivisão setenária. Este centro é chamado de Separador.

Boehme considera o sol o foco e órgão vivificante de todos os poderes da Natureza, assim como o coração é o foco e órgão vivificante de todos os poderes nos animais. Para ele, o sol é a única luz natural deste mundo e supõe que além deste sol, não há nenhuma outra luz verdadeira na casa da morte; e embora as estrelas também tenham sido depositárias de algumas das propriedades da mais elevada e primitiva Natureza, e embora elas brilhem diante de nossos olhos elas estão limitadas pelo ávido fogo da Natureza, que é a quarta forma; o desejo das estrelas está todo voltado para o sol de onde retiram toda as suas luzes. Boehme não conhecia, naquela época, a opinião mais tarde aceita de que as estrelas são vários sóis; contudo, como tal opinião não pode ser provada através de cálculos exatos, deixa o caminho livre para outras opiniões.

Para explicar esta restauração do universo, que ainda é temporária e incompleta, o autor supõe que, na ocasião da grande revolução, uma barreira tenha sido situada pelo Poder Supremo entre a luz da Natureza eterna e a conflagração de nosso mundo; foi então por esta razão que este mundo tornou-se um mero vale de trevas; não havia nenhuma luz que pudesse brilhar naquilo que estivesse encerrado neste cerco; todos os poderes e formas estavam ali aprisionados, como na morte; através da grande angústia que eles experimentaram, se aqueceram, especialmente no centro deste grande cerco, que é o espaço do nosso sol.

Boehme supõe que quando a fermentação desta angústia atingiu o seu auge, pela força do calor, aquela luz da Sabedoria Eterna, a qual chama de Amor ou SOPHIA, rompeu o cerco da separação e veio equilibrar o calor; porque num instante, uma luz brilhante surgiu naquilo que o autor chama de untuosidade da água ou poder e iluminou o coração desta água, o que a tornou temperada e saudável.

Boehme acredita que, desta forma, o calor tenha sido aprisionado, e que seu foco, que é o espaço do sol, tenha transformado numa brandura adequada, aquilo que era uma terrível angústia; de fato, o calor sendo iluminado com a luz, guardou sua terrível fonte de fogo e não mais foi capaz de se inflamar; o romper da luz através da barreira da separação não se estendeu além deste ponto e, por este motivo, o sol não se tornou maior, embora, após esta primeira operação, a luz possa ter tido outras funções a desempenhar, como veremos mais adiante.

A TERRA - Quando, no momento da grande revolução, a luz foi extinguida no espaço deste mundo, a qualidade adstringente foi a mais ávida e austera em sua ação,

¹ Monde e Universo parecem ser usados como sinônimos pelo autor, e são geralmente aplicados ao nosso sistema solar, exclusivamente do sideral étoiles.

restringindo enormemente a atuação dos outros poderes ou formas. Assim, tiveram origem a terra e as pedras, que contudo, ainda não agiam em uma massa, mas estavam dispersas nesta imensa profundidade e pela poderosa e secreta presença da luz, esta massa logo foi conglomerada e coletada de todo o espaço.

A terra é a condensação dos sete poderes ou formas; mas o autor a considera apenas como o excremento de tudo o que foi feito substancial no espaço, na ocasião da condensação universal, o que não evitou que houvesse outros tipos de condenação em outras partes do espaço.

O ponto central, ou coração desta massa conglomerada, pertencia originalmente ao centro solar, mas não por muito tempo.

A terra se tornou um centro de si mesma. Ela gira ao redor de si a cada vinte e quatro horas e ao redor do sol, uma vez ao ano, de onde retira revigoração e busca a virtualidade. É o fogo do sol que a faz girar. Quando a terra recuperar sua plenitude, ao final de seu curso, ela pertencerá novamente ao centro solar.

MARTE - Mas se a luz dominou o fogo no espaço do sol, o impacto e a oposição da luz ocasionou, no mesmo espaço, uma erupção ígnea terrível, que lançou do sol, um lampejo violento e assustador contendo em si a fúria do fogo. Quando o poder da luz passou da Fonte Eterna da água superior, através do cerco da separação, no espaço do sol, e iluminou a água inferior, então o lampejo saiu da água com tremenda violência; assim, o inferior se tornou corrosivo.

Porém, este lampejo de fogo não pôde avançar além da luz, que o perseguiu e o alcançou. A uma certa distância a luz aprisionou este lampejo de fogo, que parou e tomou posse daquele lugar. É este lampejo ígneo que forma o que chamamos de planeta Marte. Sua qualidade particular nada mais é do que a explosão de um fogo amargo e venenoso lançado do sol.

O que impediu a luz de o apanhar rapidamente, foi sua intensa fúria, além de sua rapidez; ele não se tornou cativo da luz até que ela o tivesse impregnado e subjugado completamente.

Agora ele está lá, como um tirano, que luta e fica furioso ao se ver incapaz de penetrar no espaço; é um espinho presente em toda a circunscrição deste mundo; pois, de fato, o seu trabalho é agitar todas as coisas, através de sua revolução na roda da natureza; é dele que todas as coisas recebem uma reação. É a bÍlis da Natureza, um estimulante, que ajuda a iluminar o sol, assim como a bÍlis no corpo humano estimula e ilumina o coração. Assim, origina-se o calor, tanto no sol como no coração; da mesma forma, a vida tem sua origem em todas as coisas.

JÚPITER - Quando aquele ávido lampejo de fogo foi aprisionado pela luz, esta, pelo seu próprio poder, penetrou ainda mais no espaço, e alcançou a parte fria e rígida da Natureza. Então, a virtualidade desta luz não pode se estender mais e tomou aquele espaço como domicÍlio.

Aqui, o poder oriundo da luz, era muito maior do que aquele do lampejo de fogo e por esta razão, ela se elevou muito além daquele relâmpago ígneo e penetrou a fundo na rigidez da Natureza. Aqui a luz se tornou fraca; seu coração se tornou, por assim dizer, congelado pela ávida, dura e fria rigidez da Natureza.

Neste lugar a luz parou e se tornou corpórea; A luz vital do sol não vai além deste ponto; mas o brilho ou luminosidade, que também possui sua virtualidade, chega até as estrelas, e penetra o corpo universal.

O planeta Júpiter e a substância do espaço de sua existência surgiram do poder da luz congelada ou corporificada, que inflama continuamente aquele espaço através de seu poder.

Júpiter ainda está lá, como um servente, um criado, cujo ofício é sempre o de esperar na casa que não lhe pertence. Nenhum planeta possui sua própria casa além do sol.

Júpiter é o instinto e a sensibilidade da Natureza. É uma essência graciosa e amável; a fonte de doçura em tudo o que tem vida; é o moderador do furioso e destrutivo Marte.

SATURNO - Embora Saturno tenha sido criado ao mesmo tempo que a roda universal desta presente Natureza, ele não pode amenizar ou moderar a árida rigidez do espaço, especialmente acima de Júpiter, esta circunferência permaneceu numa terrível angústia e nenhum calor pode despertar ali, devido ao frio e a adstringência que a dominava.

Contudo, como o poder de movimento havia se estendido até a raiz de todas as formas da Natureza, através da erupção e introdução do poder da luz, isto impediu que a natureza parasse; ela suportou as dores do trabalho, e a região rígida e árida acima de Júpiter, engendrou do espírito árido, adstringente e frio, um filho austero, o planeta Saturno.

O espírito do calor de onde surge a luz, o amor e a brandura, não pôde ser inflamado naquele lugar, e nada foi engendrado além da rigidez, da aridez e da fúria. Saturno é o oposto da brandura.

Cabe observar que os anéis de Saturno, separados do corpo do planeta, e apresentando algo como fendas e fraturas em suas camadas, parecem sustentar a referida explicação sobre sua origem na aridez e rigidez. O frio isola poderes generativos, ao invés de harmonizá-los. Ele só trabalha sobre pressão, de tempo em tempo e a trancos; e nos corpos é capaz de engendrar fraturas e rupturas; seus poderes produtivos são consequência do estado de divisão e violência.

Saturno não está preso ao seu lugar como está o Sol; ele não é uma circunscrição estranha, corporificada na imensidão do espaço; é um filho engendrado da rígida angústia, da fúria e do frio; é a câmara da morte.

Saturno é contudo, um membro da família, no espaço de sua rotação, que não tem nada dele próprio, exceto sua propriedade corporal, como uma criança recém nascida.

O trabalho de Saturno é o de secar e contrair os poderes da Natureza, além de trazer todas as coisas para a corporeidade; seu poder é adstringente e engendra especialmente os ossos nas criaturas.

Assim como o Sol é o centro da vida e uma origem daqueles que são chamados de espíritos, no corpo deste universo; é Saturno que dá início a toda corporeidade. Nestas duas orbes, residem o poder de todo o corpo universal. Sem estes poderes, não haveria criatura e tampouco configuração no corpo universal natural.

URANO - não era conhecido na época do autor, ele está mergulhado ainda mais profundamente no espaço da rigidez e do frio e pode, de acordo com a doutrina que acabamos de ler, ter tido a mesma origem de Saturno. Da mesma forma que os dois planetas novos, Ceres e Pallas, entre Marte e Júpiter, podem derivar, mais ou menos, das causas originais de seus dois vizinhos, ou seja, da luz e do fogo.

VÊNUS - O moderado planeta Vênus, o poder de movimento mobile do amor na Natureza, tem origem na emanção do Sol.

Quando as duas fontes de vida e movimento surgiram na posição do Sol, através da iluminação da untuosidade da água, então a brandura, através do poder da luz, penetrou na câmara da morte, por intermédio de uma impregnação benévola e suave, caindo como uma nascente de água e numa direção oposta à fúria do relâmpago.

Nesta ocasião surgiu a bondade e o amor nas fontes da vida, pois quando a luz do Sol impregnou todo o corpo do Sol, o poder da vida, que surgiu da primeira impregnação, aumentou por si mesmo, assim como quando queimamos a madeira ou extraímos o fogo de uma pedra. Em primeiro lugar vemos a luz, e da luz o fogo explode; após a explosão do fogo, vem o poder do corpo que queima; com este poder, a luz surge imediatamente acima da explosão, e predomina muito mais acima e mais poderosamente do que a explosão do fogo; é assim que se deve compreender a existência do Sol e dos planetas Marte e Júpiter.

Contudo, como a posição do Sol, ou seja, o Sol, assim como todas as outras posições, possuíam em si todas as outras qualidades, diante da similitude da Harmonia Eterna, ocorreu que, no instante em que a posição do Sol foi iluminada, todas as qualidades começaram a agir e a se expandir em todas as direções. Elas se desenvolveram de acordo com a lei eterna que não tem início.

A Luz-Poder provocou, na posição do Sol, o desencadeamento dos poderes amargo e adstringente ou as qualidades flexível e expansiva como a água, que possuíam um caráter oposto àquele que surgiu na fúria do fogo. Deste processo surgiu o planeta Vênus que, na casa da morte, apresenta a brandura, ilumina a untuosidade da água, penetra gentilmente a rigidez e inflama o amor.

Em Vênus, a ordem radical ou calor amargo, tão fundamental neste planeta, como em todas as coisas, deseja Marte, e a sensibilidade deseja Júpiter; o poder de Vênus torna a fúria de Marte dócil e mais suave; e torna Júpiter moderado e modesto; se assim não fosse, o poder de Júpiter atravessaria a ávida câmara de Saturno, como faz através do

crânio dos homens e animais, e a sensibilidade se tornaria audaciosa, contrária a lei da geração eterna.

Vênus é a filha do Sol; ela possui grande ardor pela luz e está fecundada por ela; é por isso que Vênus brilha de forma tão luminosa comparada com os outros planetas.

MERCÚRIO - Na ordem superior das leis harmônicas das sete formas eternas, Mercúrio é o que Boehme chama de som. Este som, ou Mercúrio, está segundo ele, em todas as criaturas da terra; sem ele nada seria sonoro ou faria qualquer barulho. Mercúrio é o separador; ele desperta os germes em todas as coisas; é o operário chefe no círculo planetário.

Boehme atribui a origem de Mercúrio na ordem planetária, ao triunfo alcançado pela Luz-Poder sobre a adstringência pois é esta adstringência que continha o som, ou Mercúrio, aprisionado em todas as formas e poderes da Natureza, o liberou através de sua própria atenuação.

Este Mercúrio, que é o separador em tudo o que tem vida, o principal operário na roda planetária e de certo modo a palavra da Natureza, não poderia, na conflagração, situar-se longe do Sol, que é o foco, centro e coração desta Natureza, pois ao nascer do fogo, suas propriedades fundamentais o dispuseram de forma oposta mas perto do Sol de onde exerce seus poderes sobre todas as coisas que existem no mundo.

Mercúrio transmite seus poderes a Saturno e Saturno dá início à corporificação destes poderes.

O autor supõe que Mercúrio está impregnado e é continuamente alimentado pela substância solar; é aqui que se encontra o conhecimento sobre o que havia na ordem acima, antes da Luz-Poder ter penetrado na clausura, dentro do centro solar e dentro do espaço do universo que pode ser a causa secreta de tantas pesquisas curiosas sobre o mercúrio mineral.

Boehme supõe, contudo, que Mercúrio, ou o som, estimula e abre, especialmente nas mulheres, o que, em todas as criaturas ele chama de tintura, e que esta é a razão pela qual elas são tão propensas a falar.

LUA - Este é o único satélite comentado pelo autor. Ele diz que, quando a luz produziu o poder no espaço do Sol material, a Lua apareceu, assim como havia acontecido com a Terra; ele diz que a Lua é um extrato de todos os planetas; a Terra a intimida, por causa de seu terrível estado de excremento, desde a grande revolução; ainda segundo o autor, a Lua, em sua revolução extrai ou recebe o que pode dos poderes de todos os planetas e estrelas; ela é como uma esposa do Sol, e aquilo que é sutil e espirituoso no Sol, torna-se corpóreo na Lua, pois a Lua auxilia na corporificação.

O autor não menciona os cometas. Em "O Espírito das Coisas", eu os comparei a ajudantes de campo, que se comunicam com todas as partes de um exército, ou de um campo de batalha. Isto fará com que a rota dos cometas, em todas as direções, tão diferente da rota dos planetas, não pareça tão extraordinária.

Contudo, o sistema em questão, se verdadeiro, poderia nos ajudar a descobrir a origem e o destino destes cometas: o autor nos dá a entender que o Poder da Luz atuou em grande parte na formação de nosso sistema planetário, assim como o Poder do Fogo atuou na formação das estrelas, que considera estarem na ávida ebulição do fogo.

Como a harmonia só pode existir na união dos poderes da luz e do fogo, os cometas podem ter sido originalmente compostos de ambos, mas em diferentes níveis, é o que se presume da grande variedade de suas cores e aparências. A partir desta idéia, pode-se imaginar que as funções destes cometas seria o de servir de órgãos de correspondência entre a região solar e a região das estrelas; tal conjectura pode se sustentar ao se observar que, em seu periélio, eles se assemelham ao Sol; pode-se imaginar ainda, que dada a prodigiosa excentricidade de suas elipses, eles possam transmitir as influências solares às regiões siderais, e trazer ao Sol a resposta das estrelas.

Não seria nem mesmo necessário aos cometas se aproximarem demasiadamente da região das estrelas, quando se encaminham em sua direção; como quando eles atingem nosso sistema solar, vemos também que seus periélios se mantêm a uma considerável distância do Sol.

Observações sobre o sistema de Boehme

Esta é a hipótese que eu acreditava poder apresentar ao lado daquelas dos dois consagrados autores mencionados anteriormente. Eu a apresentei de forma bastante condensada. Para dar uma idéia completa sobre a hipótese de Boehme, seria necessário analisar todas as suas obras e mesmo assim, não creio que estaria livre de objeções. Contudo, devo estar apto a dizer aos referidos sábios que, se esta hipótese teve seus defeitos, os sistemas deles talvez tiveram ainda mais, já que não nos ofereceram uma das bases vitais que parece servir como princípio e eixo na Natureza; Posso acrescentar, que eles tinham as glórias de suas outras ciências, que não são conjeturais, e não se afetariam se outro chegasse mais perto daquilo que não é suscetível de análise.

Há muitos galhos na árvore da inteligência humana, e embora bastante distintos, todos servem, não para prejudicar uns aos outros, mas para aumentar nosso conhecimento.

Se colocarmos uma lira, por exemplo, diante de vários homens; algum poderia delinear exatamente todas as suas dimensões externas. Se algum outro for um pouco além e tomá-la por partes, poderia oferecer uma idéia exata de todas as suas partes componentes, além da preparação e manipulação a que tiveram de ser submetidas antes de estarem prontas para o devido uso; tal descrição não impede que a primeira, feita pelo primeiro observador, seja correta e admirada. Se um terceiro homem, extrair o som da lira e encantar meus ouvidos com sua melodia, nem mesmo seu talento irá diminuir o mérito dos outros dois.

Portanto, tenho a permissão de apresentar a hipótese em questão aos homens instruídos nas ciências exatas, pois apesar do imenso campo que ela abarca, não irá nunca diminuir a importância de suas próprias descobertas sobre os fatos astronômicos exteriores, ou impedir que seus maravilhosos poderes de análise os conduzam, diariamente e com passos certos, ao conhecimento das leis fixas que governam, não só os corpos celestes, mas também todos os fenômenos físicos do universo.

Quanto maior o progresso que fizerem neste sentido, mais estarei gratificado, pois estou convencido de que eles irão avançar muito além, em direção às fronteiras de outras ciências, e não irão hesitar em conectá-las indissolivelmente, quando perceberem os graus de harmonia que todas possuem.

Devo observar ainda, que não devemos nos surpreender se apesar do seu novo e inesperado aspecto, a hipótese em questão ainda deixar lacunas; o homem que inicia uma extraordinária carreira, pode muito bem ser desculpado se não a percorrer totalmente.

A história das ciências nos ensina que, embora a teoria do movimento da terra tenha dissipado as influências com os quais Ptolomeu desconcertou a astronomia, Copérnico ainda deixou muitas teorias para explicar as desigualdades dos corpos celestes. Mostra ainda que Kepler, se deixou enganar por uma ardente imaginação e não aplicou as grandes leis que descobriu, aos cometas: a lei da relação entre o quadrado dos períodos de revolução dos planetas e seus satélites, e o cubo de seus grandes eixos orbitais, porque ele acreditava, como o vulgo, que os cometas fossem somente meteoros, engendrados no éter, e deixou de estudar seus movimentos.

O próprio Newton apesar de todos os tesouros que coletou dos diferentes fenômenos de nosso sistema, os movimentos dos cometas, e as desigualdades dos movimentos lunares, originados da ação combinada do Sol e da Terra neste satélite, ele simplesmente anunciou estas descobertas; e dentre as perturbações que observou nos movimentos lunares, a ejeção deste orbe ficou fora de suas pesquisas.

Eu acrescentaria que, supondo a hipótese de Boehme como verdadeira, algumas objeções, ou até mesmo alguns erros, não devem impedir que tiremos alguns frutos dela, já que, mesmo na ciência exata dos movimentos celestes, os astrônomos avançaram consideravelmente, e fizeram cálculos corretos, sem conhecerem todos os corpos de nosso sistema planetário.

Assim, antes da descoberta de novos planetas, a ignorância que tínhamos de suas existências não impediram os astrônomos de preverem, com tolerável exatidão, a recorrência dos cometas; porque aqueles planetas desconhecidos, estando tão distantes ou sendo tão pequenos, não podiam produzir qualquer perturbação sensível nos cometas que passassem por eles.

A morada dos Planetas

Não vou encerrar o assunto de astronomia sem examinar a conjectura comumente aceita de que, como outros planetas possuem vários pontos de similitude com a terra, provavelmente eles sejam igualmente habitados.

Em "O Espírito das Coisas", afirmei que a existência da Terra não seria inferior caso ela não fosse habitada, já que esta propriedade de morada é apenas secundária, por assim dizer, e alheia à sua existência. Assim, embora a Terra seja habitada, não é motivo decisivo para que outros planetas também sejam, apesar da analogia que permite a conjectura.

Podemos observar que a vegetação não é uma constituinte ou propriedade necessária da terra, já que é infecunda em vários climas; as areias e as pedras, que são as substâncias da terra, são símbolos da esterilidade.

O sol é o meio direto de desenvolvimento da vegetação na terra, que fica mais viçosa ao se aproximar daquele orbe e mais infértil ao se afastar dele; mas quando a terra está muito próxima ao sol, e este se encontra preponderante, a terra torna-se calcinada, transformando-se em areia e pó, ou seja, torna-se improdutivo.

Isto nos leva a presumir que, sendo suscetível de vegetação, a terra foi situada dentre uma série de planetas, em que era necessário, a uma exatamente correta distância do sol, cumprir seu secundário objetivo de vegetação; disto se deduz que os outros planetas estão ou muito longe ou muito perto do sol para ter vegetação.

Muita luz poderia ser adquirida, sem dúvida, em relação a questão da vegetação nos planetas, a partir de suas diferenças e densidade; e talvez pudesse esclarecer algo sobre a natureza destes corpos celestes, aos quais não podemos negar uma fundamental identidade de substância, uma perfeita analogia entre a terra e os outros planetas, nas leis de seus movimentos, peso e atração; e este é o marco daquelas belas observações da astronomia e da matemática feitas constantemente, como a marcha dos grandes corpos, e todas as suas propriedades exteriores.

Mas, enquanto esperamos por esta luz, devemos, ao menos, de forma geral, imaginar um destino individual e distinto para cada planeta, seja habitado ou não, isto se quisermos chegar a algo satisfatório sobre eles; pois, a provável esterilidade dos outros planetas, devido a sua grande proximidade ou distância do sol, parece ser também uma boa razão para se presumir que tais planetas não sejam habitados.

O destino do Universo e O Homem devem ser primeiramente conhecidos

Sobre este assunto, nenhum sistema pode ser apresentado antes que se saiba o que é o universo e que se suponha um destino para ele; as ciências humanas supõem que isto seja impossível.

Pela mesma razão, nenhum destino para o universo pode ser aceito sem que primeiro haja um consenso a respeito da natureza do Homem; é preciso saber se tal destino e o homem estão correlacionados.

Agora, as ciências humanas também acreditam ser possível conhecer a natureza do Homem; para falar com mais precisão, elas o confunde com os animais, o que mergulha o Homem, mais uma vez, num estado de escuridão e incerteza no qual tais ciências colocaram toda a Natureza, ou seja, sob a sentença de que seu destino não pode ser conhecido.

Em resumo, para se conhecer o destino do Homem, deveríamos saber também o que pensar sobre aquele Princípio Geral das coisas, aquele Poder Supremo, ao qual se tem dado o nome de Deus; e as ciências humanas destruíram este Poder na ordem dos seres. Desencorajadas pelas escolas de religião onde mais se diz do que se prova, as ciências humanas tem confundido a norma com o abuso e degradou ambos.

Além do mais, os mestres destas ciências humanas aplicando, por assim dizer, com tanto sucesso seu conhecimento físico, matemático e analítico às propriedades exteriores do universo e usando somente estes meios externos, estão, naturalmente, satisfeitos com os resultados obtidos; sendo eles alheios a qualquer outro meio, e não tendo necessidade de conhecer algum que leve aos objetivos externos aos quais buscam, serram desdenhosamente, seus ouvidos a qualquer observação fora do círculo onde enclausuraram a si próprios, como podemos esperar que aceitem com naturalidade questões e verdades de outra ordem?

Isto eu não vou tentar, e as poucas observações que fiz a respeito dos outros planetas devem portanto ser o suficiente. Contudo, tenho recusado, por assim dizer, desde que faço uso da razão, a trilhar caminhos pouco viáveis e cheios de espinhos, devo contudo aceitar minha sina, e tratar de acordo com minha capacidade, a importante questão do destino de nosso globo. Irei oferecer alguns meios de conciliação aos eruditos do mundo, para que possam, sem desprezar o crédito que possuem ou rejeitar qualquer dos conhecimentos que tenham adquirido, induzi-los a concordarem que o círculo onde se fecharam, poderia, possivelmente, ser menos exclusivo e reduzido do que suas ciências o tornaram.

Tentarei deixar evidente que as regiões na qual o homem tem tanto o direito como a necessidade de caminhar, não podem ser tão inacessíveis como presumem; e se só quiséssemos algo para preencher a capacidade de nossas inteligências, pediríamos algo mais aos eruditos e eles não nos atenderiam, apesar das maravilhas que descobrem diariamente.

O Destino da Terra

Os homens tem, freqüentemente, feito uma objeção digna de nota, de que devido ao pequeno espaço ocupado pela terra entre os corpos celestes, e a superioridade atribuída a ela, no que se refere ao seu destino, o aspecto ilimitado do universo poderia, para nossa satisfação, responder por si só, no caso de levarmos em conta somente os nossos olhos.

A razão pela qual os observadores se recusam a dar à terra um destino diferenciado dentre os corpos celestes, se resume nisto, que ela não é senão um planeta pequeno, quase imperceptível na vasta extensão do sistema solar; que é, desde a descoberta das nebulosas, e da opinião comum de que as estrelas são sóis, um ponto invisível na imensidão do espaço.

Se o tamanho visível das coisas fosse o único indicador ou regra pelo qual se julga seu real valor, esta objeção seria a solução. Mas temos muitos exemplos para provar que esta lei está longe de ser universal ou sem exceção.

O olho não é o órgão que ocupa mais espaço no corpo humano, mas ainda assim não se classifica como o menos importante dentre os órgãos, uma vez que é o guardião, a segurança e o educador de todo o corpo. O diamante é infinitamente menor se comparado com a massa terrestre, mas guarda em si um valor muito maior do que outras massas muito mais volumosas.

Reconheço que estas simples reflexões podem apenas amenizar as dificuldades e não resolvê-las. Iremos portanto, fazer algumas observações, que para algumas mentes, pode ter mais peso. Mas, como, de acordo com o famosos sábios citados, todas as verdades se tocam, devo fazer uso de todos os dados que tenho proposto, e crer que sejam admitidos pelo leitor.

Irei, então, tomar como certo, a degradação do Homem, de quem o estado decaído e humilhação nunca deixo de lembrar.

Irei ver o Amor e a justiça do mais alto imprimir alternativamente, seus decretos, na aflitiva morada em que habitamos.

Por fim, irei me curvar aos privilégios religiosos, à poderosa evidência que o Homem Espírito pode desenvolver seu interior, sem emprestar coisa alguma da tradição, que sendo desconhecida do Homem Material, prova, ao menos, que a causa que o homem defende não é ainda suficientemente examinada por sua parte, para que espere um julgamento a seu favor.

A terra, uma prisão para o Homem

Partindo do princípio de que o Homem é um ser degenerado, vestido com os trajes da vergonha, podemos, sem nenhuma incoerência, considerar a Terra como nossa prisão ou nossa masmorra; sem falar das abundantes e contínuas misérias de todos os mortais; onde está o Homem, que mergulhando no mais íntimo e secreto de seu ser, não suportará testemunhar a veracidade desta dolorosa conclusão?

Mas se a Terra é uma prisão para o homem, é difícil imaginá-la tão pouco notada entre as estrelas; ora, até mesmo em nossa justiça humana, oferecemos em nossas prisões não mais que pequenos espaços e simples acomodações aos condenados.

A Terra, representada pelo nosso autor alemão como o excremento da Natureza, e que de acordo com o princípio da degradação do Homem, é somente uma prisão, não tem motivo para ser o centro dos movimentos astrais, como os antigos e Tycho-Brahe acreditavam: um amontoado de estrume ou uma prisão, normalmente não é o centro ou o lugar principal de um país.

Vemos ainda, é verdade, que os governos alimentam seus prisioneiros, mas não com o mais fino pão e a mais tenra carne; da mesma forma, vemos que a terra tem vegetação, é frutífera e produtiva, porque, apesar de nossa qualidade de prisioneiros, a Justiça Suprema ainda deseja nos prover de nosso alimento. Contudo, observamos, ao mesmo tempo que, assim como seus prisioneiros, a Justiça Suprema permite que a Terra produza, naturalmente, nada além de frutos imperfeitos, e nos alimente com o pão da aflição, um pão selvagem, e, somente através da doçura de nossas fronteiras poderemos melhorar um pouco nosso modo de vida; como, na justiça humana, o prisioneiro está sujeito a mais comum dieta, e não lhe é permitido nada além de sua ração, além daquilo que está pagando.

Se, na nossa justiça humana, os prisioneiros estão sujeitos a tão miserável existência, por outro lado vemos os socorros de benevolência e caridade penetrar este

confinamento; e por mais repulsiva que seja a masmorra destes prisioneiros, vemos consolos sagrados e religiosos serem trazidos a eles diariamente.

Em resumo, o olho da compaixão, mesmo da mais alta autoridade, às vezes visita este antro do crime, por mais vil que sejam as condições dos condenados. Como não deve ser então quando o prisioneiro é intimamente relacionado com o Soberano?

Tudo isto é sinal seguro de que, se por um lado, estamos sujeitos a severidade de uma rigorosa masmorra, por outro lado, ela é temperada pelo amor e pela doçura; como, de fato, é exemplificado fisicamente pelo lugar que a Terra ocupa, que, como todos sabem, é entre Marte e Vênus.

Os Auxílios dados ao Homem em sua prisão

Se, o Homem Espírito abrisse seus olhos, rapidamente reconheceria em si os inumeráveis auxílios que a benevolência da Autoridade Divina Suprema envia a ele, mesmo em seu lugar de confinamento. Veria que se, em conseqüência de sua pequenez, foi errado tomar a Terra como centro dos movimentos celestes, este foi um engano desculpável, ele próprio deve ser o centro dos movimentos Divinos na Natureza; todos estes erros tem origem no sentimento secreto de sua própria grandiosidade, que levou o homem a desprover sua prisão dos privilégios que deveria atribuir à sua pessoa e das quais não lhe restou nada além de dolorosas lembranças em sua memória, ao invés dos gloriosos traços que tais privilégios devem oferecer.

Acredito que, se o Homem Espírito seguisse atentamente e com constância a linha de orientação que lhe é oferecida em seu labirinto, conseguiria, certamente, resolver todos os problemas restantes da prisão onde está confinado.

As aberturas a que o homem poderia chegar com isto, lhe fariam sentir que, se ele não está na primeira posição entre os seres do universo, com relação à glória, ele tem sido recolocado nesta posição com relação ao amor, e como sua prisão experimentou, necessariamente, algo deste alívio, deve apresentar sinais convincentes do destino a que é chamada. Este destino nada mais é do que ser o templo de purificação, no qual o Homem pode não só se reafirmar através da abundante assistência que lhe é oferecida, mas onde ele pode também receber e manifestar todos os tesouros da Sabedoria Suprema que o formou e que não desdenha nada para derramar sobre ele Seu próprio Amor e Luz, tão grande é Seu desejo de preservar Sua imagem no Homem.

O Conhecimento do Homem e da Natureza devem avançar juntos

Para se chegar a um conhecimento correto sobre o que é a Terra, sob todos os aspectos, é mais essencial ainda se estudar o Homem, com relação a tudo que lhe diz respeito; e se ele não cultivar, com zelo perseverante, os germes sagrados que são diariamente plantados no seu interior para este fim, ele virá, mais uma vez, cair na ignorância comum e nas conclusões cegas, tanto em relação a Terra como em relação a si mesmo.

O Homem e o Universo formam progressões ligadas uma a outra que prosseguem lado a lado, e o último termo do conhecimento do Homem o levaria ao último termo do conhecimento da Natureza. Agora, como as ciências humanas descartam inteiramente este conhecimento ativo ou positivo do Homem, que sozinho pode e deve nos ensinar

tudo, não é de se admirar que tais ciências permaneçam, até aqui, longe de um verdadeiro conhecimento da Natureza.

De fato, apesar de as maravilhas das ciências naturais, especialmente aquelas da astronomia, nos proporcionar satisfações que nos elevam, por assim dizer, sobre este estreito e sombrio mundo, nos possibilitando sentir e apreciar a superioridade de nossa faculdade de pensamento sobre nosso ser sensível, ainda assim é preciso reconhecer que estas maravilhas não satisfazem todas as necessidades do Homem Espírito; e, se podemos, por meio de nossos sentidos, conhecer a Natureza experimentalmente, e se podemos avaliá-la através de nossas ciências, um terceiro poder parece querer colocá-la em ação. Se possuímos desejos, inteligência, e uma grande capacidade de atividade interna, como é evidente através de todos os nossos atos, não deve haver nada improdutivo em nós: sendo a natureza nosso apanágio, não podemos como suseranos, nos limitar a mapear nossos domínios, devemos também, ter o direito de dispor deles como nos aprouver.

Assim, os sábios mais consagrados da ciência natural e os mais famosos astrônomos devem, a partir desta simples observação, se convencer de que eles não desfrutam de seus direitos plenos de homens espirituais.

As Causas Finais

O que acontecerá se voltarmos nossos olhos para as chamadas "causas finais"?

Todas as coisas possuem, primeiro, um princípio de ação, o qual podemos chamar de suas bases de existência, elas correspondem, na ordem social, à qualidade de membro da comunidade. Em segundo lugar, possuem um modo de ação, de acordo com o qual executam o que lhe é inculcado pelas suas bases, e corresponde, na ordem social, ao poder administrativo. Em terceiro lugar, possuem um instrumento, ou agente, que realiza esta ação e corresponde, na ordem social, ao poder executivo; na ordem material, corresponde a todos os poderes cegos da Natureza. Em quarto lugar, todas as coisas possuem um objetivo, um plano, um objeto para o qual esta ação tende e está orientada e que pode ser facilmente exemplificado em qualquer ordem.

É preciso conhecer muito bem estas quatro propriedades, principalmente com relação à existência do Homem, uma vez que é natural, para um poder de pensamento ativo, que saibamos de onde recebemos este poder, como devemos usá-lo, por qual meio devemos trabalhar e com que objetivo ou finalidade devemos agir. Mas temos também, o direito de contemplar, analisar e conhecer estes quatro componentes em todas as ordens de existência.

Estas são, de forma geral, o que se pode chamar de causas finais, e vemos que elas não são, como se imagina, limitadas à razão da existência de algo, seja particular ou geral, uma vez que podemos prosseguir em busca do conhecimento tanto de seu princípio, como de seu modo de ação.

As Ciências Humanas giram em Círculos

As ciências humanas giram em círculos, ao redor destes focos de conhecimento, mas nunca os adentrou e fingem não poderem penetrá-los. Elas certamente, tentam descobrir o modo de ação e este é o objetivo de todas as pesquisas matemáticas e físicas, seja puramente científica ou prática. Como consequência deste direito que possuímos, as ciências humanas tentam, até mesmo, elevarem-se ao princípio de determinada ação; mas ao buscarem este princípio somente nos seus resultados e não na sua fonte, nas formas e não nas bases ocultas nestas formas, perderam de vista, de uma só vez, a existência das coisas, o seu modo de ação, o agente que opera esta ação e o objetivo ou finalidade desta existência. Assim, ao invés de buscarem, o lugar de origem das coisas, para onde vão e como se orientam com relação à sua duração, as ciências se concentram todas, na consideração de como as coisas são feitas. Desta forma, elas permanecem na ignorância tanto em relação à origem das coisas, quanto ao seu verdadeiro modo de ação, o motivo de suas ações e sua real maneira de ser, que é interna e oculta; estas ciências se esgotam ao tentar nos mostrar uma falsa maneira.

Quanto mais dificuldades elas encontram ao avançar nestes caminhos, mais se tornaram obstinadas, e é isto que as fixam, como postes, nestes errôneos caminhos, tornando-as tão desdenhosa inimigas das razões da existência; esta razão é exatamente o primeiro conhecimento que devemos buscar, antes mesmo de pensarmos na verdadeira maneira.

O que, então, podemos esperar de nossas pesquisas após a falsa maneira a que elas nos restringiram?

Todas as nossas produções artísticas possuem uma razão, e tomamos o cuidado de torná-la conhecida, para que possa ser aceita. A pessoa a quem iremos mostrá-las não indaga a maneira como foram feitas depois de saberem suas razões.

O artesão que as produziram, pensa primeiro na razão, e só depois na maneira de como irá realizá-las; e ao fazer seu trabalho ele, certamente não perde tempo com relação à falsa maneira exterior, mas busca a verdadeira e ativa maneira, que melhor possa executar ou realizar o fim, ou razão, que ele propôs a si mesmo.

Aqueles que acreditam numa Fonte Suprema de existência, precisam imaginar que Ele deve ser, no mínimo, tão inteligente quanto nós, e que, na produção de Suas obras, Ele deve fazer como fazemos nas nossas.

Se, em nossas obras, mostramos sempre não só uma razão, mas também uma maneira interior, que é o pivô da obra, e um modo de ação conectando ambas; Digo que, se revelamos estes segredos àqueles a quem exibiremos nossas obras, a Providência não pode, nunca, ter tido a intenção de ocultar a nós estes mesmos segredos nas obras que Ele nos exhibe, e nossa ignorância com relação a isto, só pode ser atribuída a nossa própria falta de comunicação.

Só o Verbo pode revelar a razão central das coisas

Você que gostaria de conhecer a razão das coisas, lembre-se que ela não se encontra na superfície, nem mesmo no centro exterior, que é a única coisa que as ciências humanas podem revelar. A razão das coisas só pode ser encontrada em seu centro interno, pois

somente ali reside a sua vida; mas, como esta vida é o fruto do Verbo, é somente através do Verbo que o centro interno das coisas pode ser revelado. Sem este instrumento, o privilégio recentemente ofertado a respeito de um fluído muito famoso, pode até ser obtido, mas nunca será aproveitado, porque tal fluído, embora seja um objeto apropriado de estudo que pode levar a grandes descobertas, ainda está, para usar as palavras de Boehme, fechado nas quatro formas da Natureza e somente o Verbo pode abrir sua prisão.

O repouso da Natureza, a Alma e o Verbo devem partir do Homem

Aqui, eu concluo o que tinha a dizer sobre os corpos astronômicos, e continuo com o objetivo principal desta obra, que é tratar do repouso da Natureza, da Alma Humana e do Verbo, aos quais o Ministério Espiritual do Homem deve contribuir.

O Homem adquire diferentes características a cada passo de sua sublime jornada. Primeiro ele pode ser considerado um senhor da Natureza, e assim deve ser, de fato, já que ela não obtém nenhum auxílio dele. Depois ele é simplesmente o irmão de seus semelhantes e, mais como amigo do que como mestre, ele se dedica à assistência destes semelhantes.

Finalmente, em terceiro lugar, ele nada mais é do que um servo, um mercenário para o Verbo, ao qual ele deve trazer alívio; e é somente quando o homem entra na posição mais baixa é que ele se torna especialmente o trabalhador do Senhor.

Mas, para contribuir para o alívio da Natureza, o Homem deve começar por parar de atormentá-la e injuriá-la. Antes que sua respiração possa recuperar o poder de purificar e reviver a Natureza, o homem deve primeiro se fazer ouvir o suficiente, e não a ponto de infectar o universo, como faz diariamente.

A habitual influência do Homem na Natureza

O que é isto que o Homem, de fato, habitualmente faz na terra? Quando o ar puro chega até nós, e encontra uma passagem em nossas moradas, será que isto ocorre meramente para nos trazer um novo instrumento de vida? Não poderia ser também para receber de nós sua própria liberdade, e a liberação da ação corrosiva a qual tem estado sujeito desde o primeiro crime?

E nós, através de nossas pútridas exalações e miasmas venenosas, e ainda mais através da infecção de nossos pensamentos, contribuimos para a sua corrupção e destrutividade.

A terra sobre a qual caminhamos abre a nós todos os seus poros, como se fossem muitas e muitas bocas, chamando por um bálsamo que cure suas feridas, e, ao invés de oferecer-lhe o repouso e uma vida nova, o que oferecemos para matar sua sede, é o sangue dos homens, que derramamos em nossas violentas e fanáticas guerras, e que depositado no seio da terra, evaporando com a ira e a fúria dos homens, só pode agravar as dores da terra.

Como uma Deusa, sob os pés de quem crescem flores no Monte Ida, nós também podemos encher nossos jardins com belas plantas e árvores magníficas; mas, ao invés

de restabelecer a elas a vida das árvores e plantas do Éden, somos uma multidão negligente que caminha dentre elas.

Preenchemos a atmosfera circundante, com estéreis, ou senão mortificantes palavras; interceptamos as poderosas influências da Natureza; e, para evitar, até mesmo que as belas árvores que constituem o principal ornamento destes jardins, e que quase reproduzem na Natureza, o Eliseu dos poetas, preserve seu vigor por muito tempo, as queimamos até as suas raízes, com o que há de mais corrosivo, sem alguma vez refletir se algum olhar puro e modesto pudesse estar por perto, para se envergonhar diante de nossas imorais e revoltantes indecências.

Meu Deus! Oh homem depravado! Na desordem, delirando consigo mesmo, sob a sombra hospitaleiras destes jardins públicos, onde dificilmente permanece algum olhar puro e modesto, para se envergonhar diante de sua imoralidade. A morte presente em sua moral, tem tomado também a moral daqueles pródigos, cujo número você vem aumentar.

Com nossos instrumentos astronômicos, penetramos as vastas profundidades do céu; ali, continuamente descobrimos novas maravilhas que nos enche de admiração; e quando parecia que aquelas poderosas fontes que animam todos aqueles corpos celestes, e o espaço em que se encontram, estão reveladas a nós, somente para que possamos, enquanto permanecem em nós, restituir-lhes aquelas ainda mais poderosas fontes das quais estão separadas, o que fazemos?

Ao invés de demonstrarmos ardor, em restaurar a aliança dos homens como antigamente, aumentamos sua melancolia, ao dizer que eles não tem outro estado a aspirar; que neste momento desfrutam de todo o repouso que podem esperar, e que é em vão que evocam outro poder senão o seu próprio; em resumo, quando eles nos pedem para trace-los mais perto daquela Existência, que está tão acima de sua morada, e sem a qual nenhuma criatura desfruta de paz, nossa profunda sapiência preenche nosso majestoso firmamento onde pairam os corpos celestes, junto a nossas blasfêmias, e nós proclamamos, debaixo dos portais celestes: Não há nenhum Deus!

É a estes homens, em tal aberração moral e intelectual, a quem podemos estar falando sobre o verdadeiro ministério do Homem na Natureza? Serão eles capazes de realizá-lo? Eles não entenderiam uma só palavra de qualquer coisa relacionada a este importante ministério, e toda instrução oferecida a eles, somente os irritariam e exaltariam seu desprezo e desrespeito.

Mas para aqueles que saíram da torrente, irei falar sobre este importante assunto com convicção, e irei emitir minha opinião sobre noções e crenças que temos em comum.

O repouso sabático da Terra

O grande pecado dos judeus, segundo Moisés, foi não ter dado o descanso ou o sabbat à terra, após as calamidades e total dispersão com que a ameaçaram, Moisés acrescenta: (deve XXVI.34) "Então a terra cumprirá os seus sábados, durante todos os dias da sua desolação, enquanto estiverdes na terra dos vossos inimigos. Então a terra repousará e poderá cumprir os seus sábados. Repousará durante todos os seus sábados. Repousará

durante todos os dias da sua desolação, o que não aconteceu nos vossos dias de sábado, quando nela habitáveis".

Compare com isto, a idéia que devemos ter do povo de Israel que é a herança do Senhor. (Is XIX.25). Compare o povo sob este esplêndido título, com a idéia que devemos formar do Homem, que deve ser, preeminentemente, o herdeiro do Senhor quando este universo que nos contém, chegar ao seu fim.

Finalmente, compare o alto Ministério, o qual nos empenhamos em retrazar aos olhos do Homem, com o trabalho que os filhos de Israel tinham que cumprir na terra da Judéia, para dar o sabat ou o descanso à terra, e iremos descobrir que o homem, e o povo judeu, tinham o mesmo destino e emprego, o mesmo título e qualificação. Se há qualquer diferença é em favor ao homem. Israel não foi senão um projeto ou epítome do Homem. O Homem é Israel! Israel foi encarregada a dar repouso à terra prometida; O Homem é encarregado a dar repouso à toda terra, para não dizer, à todo o universo.

Mas, é essencial que compreendamos este repouso sabático, e que saibamos melhor o que devemos compreender por Ministério Espiritual do Homem.

É difícil para nós, evitar a convicção de que, independentemente dos frutos terrestres, os quais a terra nos produz de forma tão abundante, há outros frutos a serem produzidos, além destes. A primeira indicação que temos, disto, é a diferença que observamos entre os frutos selvagens os quais a terra produz naturalmente, e aqueles que a fazemos gerar através do cultivo; isto, manifesta claramente, que a terra só quer a ajuda do homem para trazer à tona maravilhas ainda mais interessantes.

Uma segunda indicação, é que há algumas nações pagãs que não tem prestado culto religioso à terra.

Por fim, a mitologia vem reforçar tal conjectura através da fábula das maçãs douradas no jardim de Hesperides, ao ensinar que os homens foram instruídos na arte da agricultura, por uma Deusa, e que, segundo Hesíodo, a terra surge imediatamente após o caos, casando-se com o Céu e sendo a mãe dos Deuses e Gigantes, do Bem e do Mal, das Virtudes e dos Vícios.

Se, destas observações naturais e mitológicas, passarmos a tradições de outra ordem, vemos que, após o assassinato de Abel, foi dito a Caim (Gen.IV.11 e 12): "Agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue de teu irmão. Ainda que cultives o solo, ele não te dará mais seu produto: serás um errante fugitivo sobre a terra".

Contudo, não vemos que a terra deva ser cultivada somente pelas mãos dos justos, sob a pena da esterilidade. Nem que o sangue dos homens impede a sua fecundidade. Os campos da Palestina foram saturados com o sangue dos habitantes, a quem os filhos de Israel foram ordenados a exterminação e a fertilidade daquelas planícies foi uma das promessas, e parte da recompensa que os Judeus foram estimulados a reclamar, se obedecessem as leis oferecidas a eles.

Também, não observamos, em nossas guerras, o campo no qual sepultamos os mortos em grande escala, atingido pela esterilidade. Pelo contrário, ele é notável pela

fertilidade. Assim, enquanto o sangue humano injustamente derramado, clama por vingança aos céus, não temos conhecimento de que as leis terrestres da vegetação no nosso globo sejam invertidas ou suspensas em consequência de homicídio.

Portanto, quando é dito a Caim que mesmo que ele cultivasse a terra ela não lhe daria seu fruto, temos toda a razão em crer que, a terra cultivada de que se fala aqui, seja uma outra além do cultivo original que foi mencionado; ora, que idéia podemos formar desta outra terra cultivada, a não ser que ela era parte do verdadeiro Ministério Espiritual do Homem? Um alto privilégio que lhe fora dado, para fazer com que a terra aprecie seu sabat; privilégio que contudo, é incompatível com o pecado e que deve ser suspenso ou interrompido, naqueles que não trilham os caminhos da retidão.

Mas não podemos penetrar muito bem o significado da palavra sabatismo, sem recorrer às noções comentadas anteriormente, tomando, no mínimo, por certo, as sete formas ou poderes, estabelecidas pelo nosso autor Alemão, como o fundamento ou bases da natureza.

Devemos, ao mesmo tempo, concordar com ele, que, como consequência da grande revolução, estas sete formas ou poderes são produzidas tanto na terra como em outras estrelas, de forma concentrada ou interrompida; e que esta inconstância é o que mantém a terra na privação ou sofrimento, já que somente através do desenvolvimento destas formas ou poderes é que ela pode produzir todas as propriedades das quais é depositária e as quais deseja gerar; esta observação pode ser aplicada a toda Natureza.

Finalmente, precisamos imaginar, o homem anunciando uma tendência universal de aperfeiçoar todas as coisas na terra, e como encarregado por Iahweh Deus (Gen. II.15), a cultivar o paraíso da bem-aventurança e de o guardar.

Ora, o que poderia ser esta cultura, senão algo para manter em atividade, na exata medida e proporção, a operação destes sete poderes ou formas, das quais o jardim do paraíso tinha tanta necessidade como outros lugares da criação?

O Homem deve ser o depositário do poder de movimento destas sete formas, para ser capaz de fazê-las agir, de acordo com os planos designados para ele, e manter este local escolhido em repouso, ou desfrutar de seu sabat, uma vez que não há nenhum repouso ou sabat para coisa alguma, a não ser na medida em que este lugar possa livremente desenvolver todas as suas faculdades.

Em nossos dias, embora o modo de existência dos homens esteja prodigiosamente alterado, em consequência da grande revolução, o objetivo da criação não se alterou quanto a isto, e o Homem Espírito ainda é chamado à mesma obra, que é, o de fazer a terra manter seus sabats.

A diferença consiste em que, agora, ele só pode desempenhar sua tarefa de forma difícil e dolorosa, e, acima de tudo, só pode realizá-la através daquele mesmo instrumento ativo formalmente apontado para dar movimento aos sete poderes fundamentais da Natureza.

Enquanto o Homem não cumprir esta sublime função, a terra sofrerá, pois não desfrutará de seus sabats. A terra sofre ainda mais quando o homem reage

criminallymente sobre ela, ao tentar extrair-lhe, poderes vergonhosos ou corruptos, contrários aos planos recebidos pelo homem. No primeiro caso, a terra tolera o homem, apesar de sua negligência; no segundo caso, ela o expulsa, como aconteceu com os filhos de Israel.

O Arco-íris e a Lição que nos ensina

Vemos uma sensível imagem destes sete poderes, agora aprisionados na Terra, e em toda a Natureza, no fenômeno físico exibido aos nossos olhos, quando as nuvens se dissolvem em chuva no sol.

A substância aquosa (que segundo algumas profundas e verdadeiras observações, é, em toda ordem, o condutor ou propagador da luz) ao preencher todo o espaço apresenta um espelho natural aos raios do sol.

Estes raios, ao penetrarem neste elemento aquoso unem seus poderes aos poderes que este elemento é depositário; por meio desta frutífera união, o sol e a água, ou seja, as regiões inferior e superior, manifestam, à nossas vistas, o sinal setenário de sua aliança, que é, ao mesmo tempo, o sinal setenário de suas propriedades, já que os resultados são sempre análogos às fontes das quais derivam.

Este sensível efeito físico na Natureza, nos proporciona a mais instrutiva lição, ao expor a concentração e invisibilidade, onde estão estes sete poderes, na Natureza; ao mostrar a necessidade existente de romper seus obstáculos, antes de poder recuperar a liberdade; ao expressar a ação constante do sol, que só trabalha para ajudar nesta liberação, e assim mostra ao universo, que é o amigo da paz, e que só existe para a felicidade de todas as criaturas.

Quando esta chuva, fecundada, desta forma, pelo sol, desce sobre a terra, ocorre ali, através da sua própria união com a terra, os resultados salutareos da vegetação, as quais ajudamos por meio de nossos próprios trabalhos, e dos quais extraímos tais frutos de felicidade; e assim, a vida, ou o sabat material da Natureza, é propagado, através de uma suave progressão da fonte solar até nós.

Mas, este fenômeno físico e figurativo, com todos estes resultados, é produzido sem ajuda do Ministério Espiritual do Homem, e ainda assim o Homem deve proporcionar o descanso sabático à terra; portanto, como admitimos acima, um outro cultivo espera pelo homem que, agora só pode realizá-lo através de um árduo trabalho.

Sobre o que consiste o Sabat de repouso da Terra

Temo não afirmar que este glorioso sabat, que o Homem Espírito é encarregado a proporcionar à terra, existe para ajudá-la a celebrar os louvores do Princípio Eterno, e, mais expressivamente, celebrar os frutos que produz.

Este é o verdadeiro fim para o qual tende todas as coisas da Natureza. Seus nomes, propriedades, seus sete poderes, sua linguagem, em resumo, tudo é produzido sob as ruínas do universo primitivo; nós devemos ajudar os esforços da terra, para que se tornem, novamente vozes harmoniosas, capazes de cantar, cada qual a seu modo, os Cânticos da Sabedoria Soberana.

Mas, como poderiam cantar tais cânticos, se este Todo-Sabio, que está muito acima deles, não tivesse empregado um instrumento, um representante e uma imagem dele próprio, para fazer com que a doçura os atingisse?

Não temos que mostrar aqui que o Homem é este instrumento; tudo o que foi dito, não teve outro objetivo, se não o de estabelecer este fato, e, apesar das nuvens expressas que pesam sobre a raça humana, e do peso excessivo que temos que suportar, uma vez que fomos mergulhados nesta região de morte, me satisfaz, que alguns dentre os meus semelhantes, serão encontrados e neste sublime destino, não verão nada que sua verdadeira natureza desconhecerá; e haverá, talvez, alguns que não irão contemplar estes encantos sem alcançar o êxtase. Iremos portanto, apenas tentar descobrir a que preço o homem pode ter sucesso na aquisição deste importante ministério.

Os poderes ocultos no Homem

Somente ao fazer uso daqueles poderes ocultos tanto na existência corporal do homem como em todas as criaturas na natureza; é que o homem, sendo um extrato do divino, do espiritual, e das regiões naturais, fará com que as sete formas ou poderes, que são as bases de todas as coisas, comecem a agir nele, embora de diferentes formas e níveis, de acordo com sua existência natural, espiritual e divina ou divinizada.

Mas, para agirem em alguma das ordens constituintes do homem, estes poderes devem ser restaurados nele, em toda a sua liberdade original.

Ora, quando o homem olha para si mesmo, sob este aspecto, quando ele leva em consideração a que estado de desordem, desarmonia, debilidade e dependência, a que estes poderes estão reduzidos, em todo o seu ser, a aflição, a vergonha e a tristeza toma conta deste homem, a tal ponto, que todo o seu ser lamenta, e todas as suas essências transformam-se em torrentes de lágrimas.

Nesta enchente de lágrimas, representada, materialmente, pelas chuvas terrestres, o Sol da Vida irradia seus raios vivificantes, e, através da união de Seus poderes, com os germes do nosso próprio poder, manifestam ao nosso ser interior, o sinal do pacto que Ele vem fazer conosco.

Então, OH Homem, você se torna capaz de sentir as dores da Terra, e aquelas de tudo o que compõe o universo; então, por virtude da enorme diferença que há entre o débil estado dos sete poderes, ocultos na terra, e os próprios poderes restaurados do homem, este pode aliviar o sofrimento da terra, porque o homem poderá fazer para ela, o que acabou de ser feito por ele. Em resumo, somente quando o homem apreciar o seu próprio sabbat, ou seu próprio repouso, é que poderá ajudar a terra a guardar, por sua vez, o seu sabbat.

Só assim, o homem se tornará realmente mestre da Natureza, e será capaz de ajudá-la a manifestar os tesouros encerrados em seu seio, e todos aquelas prodigiosas e maravilhosas obras, com as quais as mitologias e tradições, sagradas e profanas, estão repletas, algumas das quais são atribuídas a Deuses imaginários, mas outras, aos verdadeiros direitos do Homem, quando restaurado em suas faculdades pelo princípio que lhe deu existência.

Desta forma, o homem pode, de certo modo, subjugar os elementos ao seu critério, dispor, à vontade, das propriedades da Natureza, e reter com seus limites, todos os poderes que as compõem, para que possam agir com harmonia.

A ação das propriedades em seu estado de desordem e desarmonia, gera a produção daquelas monstruosidades encontradas nos diferentes reinos da Natureza; assim como aquelas imagens de bestas, e vozes de animais que são vistas e ouvidas, algumas vezes, nas tormentas e tempestades, e que são, a final, necessariamente atribuíveis à aparições ou intervenção dos Espíritos, como está apta a fazer a crença popular.

Mas, se por um lado, a superstição exagera neste ponto; a ignorância e a precipitação filosófica, por outro lado, condenam este tipo de fato muito desdenhosamente. Quando os poderes da natureza estão em harmonia, eles controlam uns aos outros. Em tempo de tempestades, a moderação destes poderes é quebrado; e como eles produzem em si próprios os germes e princípios de todas as formas, especialmente o Som ou Mercúrio, não é de se surpreender, que alguns deles, reagindo mais do que os outros, manifestem, aos nossos olhos, imagens definidas, castelos no ar, e aos nossos ouvidos, vozes de animais.

Tampouco é de se surpreender, que estas vozes e figuras tenham existência tão efêmera; elas não podem ter nem vida, nem as qualidades substanciais que resultam da união harmoniosa de todos os poderes generativos.

É claro que eu, de modo algum, excluo a geral colaboração de um Poder Superior, que pode e freqüentemente agrega sua ação àquelas dos poderes da natureza, de acordo com os projetos de sua Sabedoria. No entanto, se este Poder Superior pode intervir nas grandes cenas, das quais o Espaço é o teatro, e nós as testemunhas, não deixa de ser verdade que os poderes elementares estão geralmente sob suas próprias leis neste mundo, e, estando sempre prontos a entrar em ação, de acordo com a reação que recebem, eles são suscetíveis a qualquer figura, som, ou outro sinal, análogas a esta reação.

Também é verdade, que, quando o Supremo, age com os poderes elementares, Ele então toma o Homem, mais particularmente, para Seu objetivo, tanto para estimulá-lo e instruí-lo, se for culpado, como para empregá-lo como mediador, se for um dos trabalhadores do Senhor; pois o Ministério Espiritual do Homem restaurado, estende-se a todos os fenômenos que possa ser manifestado na Natureza.

Como poderia ser de outra forma? Como poderia o Ministério do Homem Espírito, erigido para uma nova vida, não se estender sobre todos os fenômenos possíveis na Natureza, uma vez que nossa regeneração consiste na restauração de nosso ser aos nossos direitos primordiais, e os direitos Primordiais do Homem o chamaram para ser o Agente intermediário e representante da Divindade no Universo.